

Bona
Debê
do Oratório

“Uma mulher de Deus e Mãe dos pobres”



GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE

Governador

Belivaldo Chagas Silva

Vice-Governadora

Eliane Aquino Custódio

Secretário de Estado do Governo

José Carlos Felizola Soares Filho



SEGRASE - SERVIÇOS GRÁFICOS DE SERGIPE

Diretor-Presidente

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretora Administrativa-Financeira

Maria das Graças Souza Garcez

Diretor Industrial

Milton Alves



EDISE - EDITORA DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE

Gerente Editorial

Jeferson Pinto Melo

Conselho Editorial

Antônio Amaral Cavalcante

Cristiano de Jesus Ferronato

Ezio Christian Déda Araújo

Irineu Silva Fontes

João Augusto Gama da Silva

Jorge Carvalho do Nascimento

José Anselmo de Oliveira

Ricardo Oliveira Lacerda de Melo

Pe. Isaías Nascimento

Bona
Debê
do Oratório
“Uma mulher de Deus e Mãe dos pobres”



EDISE

Aracaju
2019

COPYRIGHT©2019 BY PE. ISAÍAS NASCIMENTO

Capa

Clara Macedo

Diagramação

Clara Macedo

Projeto Gráfico

Clara Macedo

Revisão

Yuri Gagarin

Pré-Impressão

Dalmo Macedo

Marcos Nascimento

N244d Nascimento Filho, Isaias Carlos, Padre
Dona bebé do oratório : " Uma mulher de Deus e Mãe dos pobres"
[recurso eletrônico] / Isaias Carlos Nascimento Filho. – Aracaju :
Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - Edise, 2019.
148 p.: il.; 21 cm. Ebook PDF.

Modo de acesso: world wide web:
<https://segrase.se.gov.br/>

ISBN 978-85-53178-56-8

1. Igreja. 2. Igreja Católica. 3. Caridade. 4. Órfãos. I. Título.

CDU: 291.2

Elaborado por Neide M. J. Zaninelli - CRB-9/ 884

Editora filiada



Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe - EDISE
Rua Propriá, 227 · Centro
49010-020 · Aracaju · Sergipe
Tel. +55 (79) 3205 7421 / 3205 7420
edise@segrase.se.gov.br

A vida de Genésia Fontes (Dona Bebé)
foi um dos mais altos exemplos de Caridade Cristã,
manifestada em ações constantes no nosso meio.

Ela foi uma apóstola das crianças pobres
às quais consagrou todas as suas horas,
mas também o seu testemunho
falou aos espíritos de inumeráveis pessoas jovens e adultas
em todas as camadas de nossa sociedade.

É, pois, de um grande significado
que a sua figura de criatura,
rica de bondade e amor cristão, de fé e esperança,
de vida sobrenatural e de humildade,
seja transmitida às novas gerações
que vão surgindo e rememorada a quantos viverem seu tempo.

Dona Bebé precisa ter muitos imitadores de sua vida,
como ela procurou ser imitadora de Jesus Cristo,
nosso Mestre e Senhor.

Dom José Vicente Tauora,
1º Arcebispo de Aracaju
Aracaju, 25 de julho de 1966.

DEDICAÇÃO

Dedico este trabalho a todos os leigos e leigas
Que tocados pelo Evangelho de Jesus assumem sua cruz e seguem o Mes-
tre nos caminhos da vida e O abraça na pessoa dos mais pobres e excluídos
de todas as sociedades.

– Ao Monsenhor Victorino Corrêa Fontes, Pároco de Estância,
que orientou a menina Bebé a assumir sua fé profética e publicamente rom-
pendo o muro da separação erguido pela desavença política partidária.

– À família salesiana, na pessoa do Pe. Aníbal Lazzari,
que a enuolveu na missão salesiana junto às meninas mais pobres de Aracaju.

– Às religiosas da Congregação das Ministras dos Enfermos de São Camilo,
as Camilianas, que acolheram o Oratório e Dona Bebé, como sua casa e
“Mãezinha”, respeitando o carisma e a pedagogia salesianas.

– À Leyda Regis, a primeira biógrafa de Dona Bebé, Ir. Arlinda (Nolita Roberto dos
Santos) e a Nadja Santos Bonifácio, que também deram vida a estas linhas.

– À tantos cooperadores e cooperadoras da obra nas pessoas de Dona Ma-
raci (Maria Iraci Santos, acolhida no Oratório aos 7 anos de idade), do Tio
Nozinho (Torquato), irmão de Dona Bebé, e de dona Áurea Uitória de Amorim,
chamada carinhosamente por dona Bebé como a “minha Aurinha”.

SUMÁRIO

Prefácio	11
<i>Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti</i>	
Apresentação	13
<i>Dom João José Costa</i>	
Situando no tempo	15
Capítulo I	
Nas terras de Nossa Senhora do Amparo	19
Capítulo II	
Amor apaixonado a Jesus e a Nossa Senhora	27
Capítulo III	
Indo ao encontro de Jesus nas periferias de Aracaju	35
Capítulo IV	
Sob o carisma de Dom Bosco	43
Algumas informações sobre o Padre Aníbal Lazzari.....	45
Dona Bebé aceita ser missionária.....	49
A radicalidade evangélica da jovem Bebé.....	51
Os Oratórios: espaços de evangelização, fé, cultura e familiaridade.....	58
A criação dos Oratórios da Atalaia e de Itabaianinha.....	65
A assistência religiosa aos Oratórios.....	69
A chegada das irmãs Camilianas.....	70
As irmãs Camilianas.....	79
Fotografias.....	83
Capítulo V	
Um impulso missionário incontrolável	91
Decidida a viver pobre com os pobres.....	93
Capítulo VI	
A partida antes da hora	103
A compra de um vestido para a boneca de Dona Bebé.....	104

Capítulo III – Saudades...

Homenagem na inauguração do primeiro prédio do Oratório	117
<i>Dona Bebé</i>	
À Humilde serva de Dom Bosco	119
<i>Passos Cabral</i>	
Uma Crônica para você D. Bebé	121
<i>Cândida Fontes</i>	
B E B É	123
<i>Leyda Regis</i>	
Uma Crônica à fundadora do Oratório D. Bosco (D. Bebé).....	125
<i>Josefa Mota</i>	
A luz da verdade	127
<i>Francisco Teles Barreto</i>	
A morte de uma Santa (D. Bebé Fontes)	129
<i>Maria Regina de Oliveira</i>	
Quando ela partiu	133
<i>J. Góes Duarte</i>	
Lírio do céu	135
<i>J. Freire Ribeiro</i>	
Genésia Fontes	137
<i>Clotildes Campos de Menezes Monteiro</i>	
A estrela esmagada (D. Bebé Fontes).....	139
<i>Clodoaldo de Alencar</i>	
Hino do cinquentenário do Oratório Festivo “São João Bosco”	141
Oração pela glorificação de Genésia Fontes	143
Referências bibliográficas.....	145

Prefácio

Mulher de Deus e mãe dos pobres: intercedei por nós!

Com estas duas breves citações abaixo, extraídas desta elegante publicação do Pe. Isafas Nascimento, desejo externar e fundamentar o reconhecimento e o apreço de nossa Família Salesiana para com esta verdadeira apóstola dos mais necessitados.

“As leituras dos boletins salesianos lhe deram razões para sonhar com sua vida consagrada e dedicada aos mais pobres, principalmente à juventude, como fez Dom Bosco, fundador da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, os Salesianos de Dom Bosco, principalmente com as meninas, como fez a Madre Mazzarello, companheira de Dom Bosco e fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora, as irmãs Salesianas.”

“O Padre Aníbal Lazzari, salesiano de Dom Bosco (nascido na Itália no dia 30 de novembro 1875 e falecido em Lavrinhas-SP, no dia 7 de fevereiro de 1938), foi o grande amigo e orientador espiritual de Dona Bebé.

Ele e seus irmãos salesianos estruturaram atividades para os meninos da região, no entanto, ele percebeu que era necessário algo similar para as meninas: movidas pelo desejo de preencher essa lacuna e inspiradas pelos conselhos do Pe. Aníbal, algumas senhoras pertencentes à Associação das Damas de Caridade, começaram, em agosto de 1914, a reunir, nos domingos e dias santificados, meninas para ensinar-lhes o catecismo.” Assim se inicia o incipiente Oratório.

Percorrendo este itinerário biográfico sobre Dona Bebé, nos sentimos fortemente envolvidos pelo clima carismático

e missionário desta grande educadora e evangelizadora. Seguindo seus passos e seus projetos renovamos nosso sonho e compromisso para com os que mais precisam.

Somos imensamente gratos ao Senhor da vida por nos ter oferecido em Dona Bebé um testemunho contundente de dedicação aos preferidos do Reino de Deus. Em sua vida, de forma extraordinária, vivenciou intensamente o carisma salesiano.

Em sua breve passagem por esta terra, conseguiu deixar marcas e sinalizações inconfundíveis para quem deseja seguir Jesus Cristo em palavras e ações.

As delicadas palavras de Dom José Vicente Távora na hora da encomendação são carregadas de leveza e de muita certeza: “Há de ter sido assim a entrada no céu!”.

– São Pedro, num gesto de santa deferência, cede a Dom Bosco que lhe abra a porta: sorrindo, graciosa, Maria Santíssima, de vestes resplendentes, sob o título de N. S. Auxiliadora, apresenta-a a Seu Filho caríssimo e Ele, sublimemente acessível em Sua majestade divina, apontando-lhe a legião de anjos que o circunda... (*REGIS*, p. 62)

Assim como fizera em vida, no céu temos certeza que Dona Bebé, nossa amada santinha, continuará cuidando de todos nós para sermos, cada vez mais, fiéis discípulos e missionários do Mestre Jesus.

Pe. Nivaldo Luiz Pessinatti, SDB
Inspetor Salesiano do Nordeste do Brasil
Setembro de 2019

Apresentação

Apresentar a vida, espiritualidade e missão de Genésia Fontes, “A Dona Bebé do Oratório” não é uma tarefa fácil, mas é divina! Ao iniciá-la, já deixo a minha admiração fraterna ao excelente “garimpeiro” de Biografias de pessoas santas, como Dom Távora, Seu Isaías Seleiro do Riachão, Dom José Brandão e, agora, Dona Bebé do Oratório, refiro-me com gratidão e reconhecimento ao Pe. Isaías Carlos Nascimento Filho.

Quem ainda não ouviu falar de Dona Bebé do Oratório, Genésia Fontes? Para quem a conheceu, ouviu falar e ainda não conhece, neste Livro encontra uma fonte reveladora da obra de Deus, na vida desta pequena grande Mulher.

Passo por passo, Pe. Isaías buscou incansavelmente informações, detalhes, documentos, em registros na Paróquia Catedral, em Riachão do Dantas, nos arquivos – memorial do Oratório Festivo São João Bosco –, em entrevistas com familiares de Dona Bebé, com pessoas que com ela conviveram em várias reuniões com as Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo – Camilianas – que assumiram o Oratório em 1952, na pesquisa a alguns trabalhos publicados.

Dona Bebé era bem pequena em estatura, mas uma gigante nas virtudes da fé, da esperança e da caridade e uma verdadeira apóstola dos pobres, doentes e das crianças, podendo ainda, virtualmente, ver suas pegadas na lama dos bairros periféricos da nossa capital.

Esta obra tem sua relevância pela vida cristã vivida na radicalidade, à luz do carisma e espiritualidade de Dom Bosco, sob o acompanhamento espiritual do sábio Pe. Aníbal Lazzari

– salesiano de Dom Bosco, que viu em dona Bebé a possibilidade da realização do sonho de Deus, em dar assistência às meninas, na catequese e, posteriormente, no orfanato, pois os meninos já tinham, com os salesianos, a sua assistência.

Nos chama especial atenção, que Dona Bebé teria sido uma irmã salesiana, era um dos seus grandes desejos, mas por questões que conheceremos na leitura desta obra, não chegou a ser. Contudo, Pe. Aníbal em uma de suas cartas animadoras à Dona Bebé, lhe diz muito claramente: “que ela não precisa de um hábito para ser uma salesiana, pois ela já é mais salesiana do que as salesianas”.

E com esta alma salesiana, motivada pelo intenso amor a Dom Bosco, a Maria e a Jesus, a quem ela buscava e servia nos doentes, pobres que ela visitava e nas crianças, razão de sua vida, ela enfrentou grandes e fortes oposições e até incompreensões, com relação à sua família e pessoas da sociedade. Sua convicção se inspirava nas palavras do próprio Jesus: “Tudo o que fizerdes ao menor dos meus irmãos, a mim o fazeis” (Mt 25,40). E quem pode impedi-la!

Eis aí, prezados leitores o exemplo de vida de alguém, que ainda hoje vive e caminha entre nós, pelo seu espírito empreendedor; de quem deu a vida, na total doação e dedicação, simplesmente por amor! É uma obra simplesmente fascinante!

Dom João José Costa
Arcebispo de Aracaju-SE

Situando no tempo...

A capital sergipana, Aracaju, no início do século XX, ainda era uma criança, estava sendo estruturada. Sua construção foi sendo feita obedecendo a um projeto de urbanização conhecido como o *quadrado de Pirro*, cujo centro acolhia os prédios dos três poderes e nas ruas próximas moravam as famílias ricas. Os pobres moravam às margens dos manguezais, em areais ou no alto dos morros em casas de barro cobertas de palha, ou mesmo em palhoças. Assim eram os atuais bairros São José, Suíssa, Graçeru, Praça da Bandeira, Maloca, Santos Dumont, Santo Antônio.

Sabemos que pobreza é mãe de muitas misérias, entre elas a orfandade entre os mais pobres, principalmente de crianças e de pessoas mais idosas. No início do século XX, havia mendigos de todas as idades e sexos perambulando nas ruas de Aracaju.

A Igreja Católica, em Sergipe, ainda estava se estruturando enquanto Diocese de Aracaju desde 1910. Ela não oferecia qualquer estrutura que acolhesse os mais pobres. Temos notícias de algumas iniciativas de gente do povo, que acolheu meninas abandonadas no orfanato de São Cristóvão, iniciado pela enfermeira Dona Josefa Felizarda e Dona Maria Muniz, em 1911¹; que acolhiam pessoas idosas no Abrigo Santo Antônio de Maruim², e no Asilo Rio Branco

1 Em 1922, as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus assumiram até os dias atuais (Cf: SANTANA, uma escola para meninas órfãs e desvalidas em São Cristóvão-SE no início do século xx. pdf).

2 As casas do abrigo foram doadas pelo Padre Antídio Teles. Este abrigo funcionou até o final do ano de 2007 (Cf: BORGES, Pe. Raul. **A Igreja em Sergipe** Volume II, Anotações).

em Aracaju³; e o abrigo do SAME, que acolhia famílias pobres abandonadas e, de forma permanente, pessoas idosas, tanto homens como mulheres⁴.

Em 1902 chegaram a São Cristóvão os missionários salesianos que se preocuparam com a juventude pobre e depois eles migraram para Aracaju em 1908, criando o Oratório Nossa Senhora Auxiliadora, que envolvia um trabalho evangelizador com a juventude masculina das periferias, que abrangiam os atuais bairros de São José ao bairro Suíssa. Através do Padre Aníbal Lazzari, convidaram a jovem Genésia Fontes e algumas amigas para evangelizar a criançada e a juventude feminina da área pastoral assumida por eles, uma das mais pobres da cidade, criando ali debaixo de um oitizeiro, o Oratório Festivo São João Bosco.

Junto àquelas meninas pobres da periferia de Aracaju, ela ia rua-a-cima e rua-a-baixo, usando de meios revolucionários para a época a fim de evangelizá-las, através do lazer, da cultura e do saber. Buscou mostrar-lhes o amor a Jesus e a devoção aos santos e santas da Igreja, de modo especial, a Dom Bosco e a Nossa Senhora Auxiliadora.

Sendo de origem rica se fez pobre e mendiga para as meninas pobres de Aracaju.

Quis se entregar à vida consagrada como uma religiosa, no entanto vivenciou a radicalidade evangélica na missão que havia assumido como uma leiga, se deixando guiar pelo caris-

3 O Asilo Rio Branco, vinculado à Fundação Asilo de Mendicidade, foi fundado em 01 de outubro de 1911, cujo projeto foi coordenado por Idalino Rodrigues Dantas. A pedra fundamental foi lançada solenemente em 02 de abril de 1913 (Cf: <http://www.asiloriobranco.com.br/historia.html>, consultado no dia 31/05/19, às 6h12).

4 Fundado por Dom Fernando Gomes no dia 15 de agosto de 1949, o primeiro presidente do SAME foi Gaspar Fontes, irmão de Dona Bebé do Oratório. Cf: <https://www.arquidiocesedearacaju.org/emeritos> (Dom Fernando Gomes), consultado no dia 30/05/19, às 15h46.

ma e ensinamentos de Dom Bosco, que aprendera ler, amar e contemplar nos boletins salesianos que recebera ainda como criança lá em Riachão do Dantas. Na vida adulta continua acompanhada pelos vários padres salesianos, de modo especial pelo Padre Aníbal Lazzari, até o trágico ano de 1960.

Naquele ano de 1960, a Igreja Católica, em Sergipe, estava com a agenda cheia de celebrações pelo seu jubileu de ouro. No dia 30 de abril, o Papa São João XXIII publicou a Bula de criação da Província Eclesiástica de Aracaju, dividindo o Estado de Sergipe em 3 dioceses: Aracaju, como Arquidiocese, nomeando Dom José Vicente Távora como seu 1º Arcebispo; a Diocese de Estância, tendo o cearense, vigário de Maranguape, Monsenhor Francisco de Assis Portela como seu 1º Bispo, e a Diocese de Propriá, o missionário redentorista mineiro, Pe. José Brandão de Castro, como seu primeiro Bispo. No período de 14 a 16 de outubro seguinte estavam agendadas as festas de instalação da Província Eclesiástica de Aracaju: no dia 14, em Aracaju, dando posse a Dom José Vicente Távora; no dia 15, a de Estância, tendo Dom Távora como Administrador Diocesano, visto que o eleito renunciou antes de ser ordenado bispo, e no dia 16, em Propriá, a posse de Dom José Brandão de Castro.

E lá no Oratório Festivo São João Bosco, que já era conhecido popularmente como o “Oratório de Dona Bebé”, os amigos, ex-alunas, alunas e órfãs estavam preparando a festa dos 70 anos de idade de D. Genésia Fontes, a Dona Bebé, fundadora do Oratório, que aconteceria no dia 22 de setembro, quando foram pegas de surpresa pela notícia do trágico acidente envolvendo a aniversariante. Era o dia 14 de setembro, uma quarta-feira, dia em que nós católicos celebramos a festa da Exaltação da Santa Cruz...



Genésia Fontes
- A dona Bebê do Oratório -

Nas terras de Nossa Senhora do Amparo...

Dona Genésia Fontes, conhecida pelo povo de Aracaju como Dona Bebé do Oratório, nasceu no dia 22 de setembro de 1890, num dia de segunda-feira, no Engenho Bom Jardim, na Vila do Riachão, atual município sergipano de Riachão do Dantas, distante a 108 km da capital, Aracaju.

O Engenho Bom Jardim pertencia aos seus avós maternos, seu Gaspar José de Carvalho Fontes e dona Inês de Oliveira Fontes. Atualmente é conhecido como Fazenda Bom Jardim, de propriedade de seu Arturzinho, distante a uns 3 km da cidade, indo pela estrada de terra que vai em direção ao povoado Barro Preto⁵. O engenho era um dos 19 existentes na Vila do Riachão, na década de 1890. Eram engenhos banguês, isto é, de pequeno porte, que usavam a tração humana e animal, assumidos pela própria família, ou, às vezes, empregavam poucos trabalhadores remunerados. Eles produziam o açúcar, o melão e a cachaça, voltando-se mais ao crescente mercado interno⁶.

Os pais de Dona Bebé, seu Sizino Martins Fontes, era escrivão da coletoria de impostos⁷, e sua mãe Dona Maria Prima

5 Testemunho do Prof. José Renilton Nascimento Santos, no dia 08/12/2017, às 7h20, por telefone.

6 NASCIMENTO SANTOS, 2014, p.76 citando ALMEIDA, 1991. P. 80.

7 A Coletoria foi instalada no ano de 1877 e o seu primeiro exator foi o Capitão Teófilo Martins Fontes (cf. NASCIMENTO SANTOS, 2014, p. 53).

de Carvalho Fontes⁸, era a responsável pelo correio da Vila⁹. O casal gerou nove filhos: Deusdedit, Lindaura, Edith, Genésia, Torquato¹⁰ e Gaspar¹¹ (gêmeos), Gontran, Silvino e Lourival¹².

Tanto o seu nome “Genésia” como o seu apelido “Bebé” foram-lhe dados por sua avó materna, para lembrar uma filha que havia falecido. Ela cresceu como qualquer criança normal, cheia de saúde e vivacidade até um ano de idade, quando caiu de uma calçada onde brincava, deixando-a quase morta. Depois deste acidente, ela foi poupada pela família de exercer serviços pesados¹³.

Dona Bebé era descendente do antigo proprietário da fazenda Riachão, localizada às margens do riacho Limeira, na qual originou a sede atual do município. O fazendeiro era João Martins Fontes, um político da Vila de Lagarto, defensor da independência do Brasil em relação a Portugal, falecido na referida propriedade no dia 07 de julho de 1848¹⁴. Este proprietário, considerado o fundador de Riachão, mandou construir, na fazenda, uma capela dedicada à Nossa Senhora do Amparo. No dia 28 de abril de 1853, os seus descendentes e herdeiros doaram à Nossa Senhora do Amparo “os terrenos que lhe pertenciam por herança, e que compreendem a área onde hoje se localiza a cidade de Riachão do Dantas”, desejando que a mesma capela fosse elevada à condição de Igreja Matriz.

8 Faleceu no dia 1º de março de 1946. (Cf. Anais do Oratório Festivo Dom Bosco: 1945 -1947).

9 A agência de Correios foi instalada na Vila do Riachão no dia 22 de outubro de 1864 (cf. NASCIMENTO SANTOS, 2014, p.52).

10 Conhecido como Nozinho. Contribuiu muito com o 2º Bispo de Aracaju, Dom Fernando Gomes na estruturação do SAME, do qual foi o 1º Presidente (A Cruzada, 14/10/1960, p. 1).

11 Gaspar e Silvino foram comerciantes em Aracaju (Jornal da Cidade, 26/09/1990, p. 9).

12 REGIS, Leyda. 1968, p. 22-23

13 REGIS, Leyda. 1968, p.20

14 NASCIMENTO SANTOS, 2014, p. 34

A elevação à Igreja Matriz ocorreu dois anos depois, quando foi criada a Freguesia de Nossa Senhora do Amparo do Riachão, através da Resolução de nº 419, sancionada pelo presidente da Província de Sergipe, Inácio Joaquim Barbosa, datada de 27 de abril de 1855, e aprovada canonicamente pelo Arcebispo de São Salvador da Bahia, Dom Romualdo Antônio de Seixas, desvinculando-a da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto¹⁵. O primeiro pároco nomeado foi o Padre João Batista de Carvalho Daltro, natural de Simão Dias, que ficou no cargo até o ano de 1870¹⁶.

Naquele ano de 1890, quando nasceu Dona Bebé, o Vigário Colado¹⁷ era o Padre Manoel Luís da Fonseca, desde o dia 08 de julho de 1889 que, também, exercia o cargo de Intendente da Vila – atualmente corresponde a função de Prefeito Municipal¹⁸.

A menina Bebé foi levada a ser batizada na igreja Matriz de Aracaju, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, onde hoje é a Catedral Metropolitana, no dia 14 de novembro de 1890. Seu padrinho foi o médico Dr. José Francisco da Silva Mello. Sabemos que sua tia Filenila Fontes foi sua madrinha de batismo¹⁹, porém no seu batistério consta, estranhamente,

15 MORAIS, 2014, p. 47, citando BORGES, Pe. Raul Bomfim, diz que a data da criação da Paróquia foi no dia 27 de fevereiro de 1855.

16 NASCIMENTO SANTOS, 2014, p. 35-39, citando ALVES, 1959, p. 423;

17 Vigário Colado: sob o regime do padroado, o padre pretendente a uma paróquia “prestavam concurso público e, se aprovados, recebiam a paróquia por colação e dela só saíam se quisessem, pois eram efetivos, e recebiam sua remuneração diretamente do poder civil que, por sua vez, recolhia o dízimo dos fiéis e, por isso, tinha a obrigação de sustentar o culto e seus ministros” (cf.: <http://www.carmodacachoeira.net/2008/07/vigrios-colados-e-vigrios-encomendados.html>, consultado no dia 30/11/17, às 11h27).

18 O Padre Fonseca foi Intendente em 1890 e nos biênios 1896-97, 1912-1913 e no triênio 1926-1928 e foi deputado estadual em quatro legislaturas. Ele fazia parte do grupo de Fausto Cardoso, opositor do grupo comandado pelo Mons. Olímpio Campos (cf. NASCIMENTO SANTOS, 2014, p. 32-33).

19 REGIS, Leyda. 1968, p. 20.

o nome de dois homens como padrinhos, o do médico Dr. José Francisco e o de seu Nemésio Carvalho Fontes, conforme consta no Livro 08, página 17, número 6487²⁰:

Aos quatorze dias do mez de Novembro de 1890, na Igreja Matriz, baptizei solenemente a Genesia, branca, nascida aos 22 de Outubro de 1890, filha legítima de Sizinio Martins Fontes e D. Maria Prima de Carvalho Fontes, sendo padrinhos Dr. José Francisco da Silva Mello e Nemesio de Carvalho Fontes. Mandeï lavar o presente termo que assigno. Vigário P. Olímpio de Souza Campos.

Não temos notícias sobre quando e onde ela recebeu o sacramento da crisma e quando recebeu a sua primeira comunhão.

Não sabemos ao certo se a menina foi levada a ser batizada na capital, porque o seu padrinho médico Dr. José Francisco da Silva Mello morava lá, ou porque já havia uma rixa política entre sua família e o Cônego Fonseca, visto que em 1905 aparecem notícias na imprensa sobre esta desavença²¹.

Naquele tempo, a Vila do Riachão vivenciava as tensões políticas, daquele momento histórico, em que havia uma luta pelo poder entre grupos apoiadores do golpe de estado dado pelos republicanos contra os monarquistas. No ano anterior, exatamente no dia 15 de novembro de 1889, pela manhã, o grupo de republicanos liderados pelo Marechal Deodoro da Fonseca, Quintino Bocaiuva e Benjamin Constant, deu um golpe de estado e depôs a monarquia, cujo governo era chefiado pelo imperador Dom Pedro II. O grupo golpista formou um

20 O Batistério foi emitido no dia 04/01/18, pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição, que é a Catedral Metropolitana de Aracaju.

21 "... a família Fontes e seus elementos políticos, ainda são dissidentes n'este Município, não podendo, portanto, o Cônego Fonseca contar com os ditos elementos" (Jornal *A Razão*. Estância-SE, Domingo 29 de outubro de 1905. p. 4).

governo provisório nomeando como o primeiro Presidente da República o Marechal Deodoro da Fonseca. No mesmo dia 15, à tarde, ele publicou o Decreto nº 01, anunciando a nova forma de governo – República Federativa – e que os estados cujos governos que não se alinhassem ao novo regime, teriam governadores nomeados pelo governo provisório, enquanto articulavam a elaboração e publicação da segunda constituição brasileira e a primeira republicana. Esta foi publicada no dia 24 de fevereiro de 1891.

Em Sergipe, as disputas pelo poder refletiam nas mudanças de governos, em menos de um ano: o ano começou sob o governo do médico Felisbello Firmo de Oliveira Freire, que havia assumido no dia 13 de dezembro do mesmo ano do golpe até o dia 17 de agosto de 1890, quando foi destituído por Deodoro da Fonseca e substituído por Augusto César da Silva; este, em seguida, no dia 04 de novembro do mesmo ano, foi substituído por Lourenço Freire de Mesquita Dantas.

A Câmara de Vereadores da Vila do Riachão havia aderido aos novos governos provisórios, tanto federal como o do estado, nove dias após a proclamação da República: dia 24 de novembro de 1889, em sessão oficial. No dia 25 de janeiro de 1890, através do Decreto nº 27, o Presidente do Estado Felisbello Freire nomeou o primeiro Conselho de Intendência municipal – correspondente atualmente à Câmara de Vereadores – formado por Luiz da Rocha Borges, Capitão Antônio Batista Oliva, tendo como presidente e primeiro Intendente, o Padre Manoel Luiz da Fonseca²².

Aos seis anos de idade, a menina Bebé entrou na escola primária, cuja professora era Dona Rosa Frião²³, reconhecida

22 NASCIMENTO SANTOS, 2014, p. 68

23 REGIS, Leyda. p. 20

na história sergipana como uma das primeiras educadoras²⁴. A professora Dona Rosa Frião atuou na sede da Vila do Riachão e no povoado Tanque Novo. Ela também coordenava o coro da Igreja Matriz da Vila do Riachão²⁵.

Os pais de Genésia eram remediados. Não conseguimos informações suficientes para afirmar se eles viveram na área rural por um bom tempo, na propriedade dos avós maternos de Dona Bebé, o Engenho Bom Jardim, ou na sede da Vila. O que apuramos é que a residência da família era, inicialmente, na zona rural, na casa dos seus avós maternos e que seus pais se transferiram para a sede da Vila, quando seu parente político conseguiu outros meios econômicos, tanto na exatoria, para o seu pai, Seu Sizino, quanto no correio, para a sua mãe Dona Maria Prima. No entanto, os salários deles não eram suficientes para o sustento da família com nove filhos. E, para tentar superar aquela situação de pobreza, seu pai juntou-se a outros conterrâneos e foi atrás de trabalho na região amazônica, na extração da borracha. Infelizmente, lá, Seu Sizi-

24 BONIFÁCIO, 2014, p.37, citando FONTES, p. 77: “A cadeira de primeiras letras para meninas foi criada em 22 de maio de 1848, pela resolução Provincial nº 22”. Ver também <http://www.sintese.org.br/index.php/quem-somos/congressos/xiii-congresso/3195-sintese-apresenta-exposicao-sobre-mulheres-sergipanas-no-xiii-congresso>, consultado no dia 01/01/18, às 09:35: “Nasceu em Estância, professora, poetisa, escritora e pianista. Em 1897 ingressou no magistério público estadual tendo ensinado no povoado Tanque Novo (Riachão do Dantas), Vila Nova (Neópolis), Estância e Capela. Destacou-se na profissão sendo professora de grandes intelectuais sergipanos como Graccho Cardoso e Genésia Fontes”.

25 O jornal estanciano *A Razão*, de 15 de novembro de 1908, nº 44 p. 4, faz referência à professora Rosa Frião como coordenadora do coral da Igreja Matriz da Vila do Riachão, e o de 29 de agosto de 1909, nº 34, p. 3, noticia o falecimento de dona Anna Frião, registrando categoricamente que “A finada era mãe da professora publica desta Villa, exma. sra. d. Rosa Moreira Frião”.

no adoeceu com beribéri²⁶. Retornou ao convívio familiar e, “sentindo-se um peso para a família, suicidou-se”²⁷. A família ficou sob os cuidados do parente político, o tio Felisbelo.

26 O beribéri é uma doença que pode causar sintomas em todo o corpo, como câibras musculares, visão dupla e confusão mental, sendo causada pela falta de vitamina B1 no organismo, também conhecida como tiamina, que é responsável pelo metabolismo de carboidratos no corpo e produção de energia. Essa doença ocorre principalmente devido ao consumo excessivo de álcool ou de carboidratos simples, como mandioca, arroz e farinha de trigo refinada, e por isso ela também pode ocorrer em pessoas com excesso de peso ou obesidade. Cf: <https://www.tuasaude.com/beriberi>, consultado dia 01/01/18 às 09h46.

27 BONIFÁCIO, 2014, p. 36, citando LOPES, 1999, p.39, e BONIFÁCIO, 2014, p. 39.



Dona Maria Prima, mãe de dona Bebé



Irmãos de dona Bebé

II

Amor apaixonado a Jesus e a Nossa Senhora...

A família Fontes era de origem católica e de devoção mariana, a Nossa Senhora do Amparo. O fundador do município, João Martins Fontes, seu parente, mandou construir em sua fazenda, com o nome Riachão, adquirida no início do século XIX, uma capela dedicada à Nossa Senhora do Amparo. É ao redor desta capela que vão surgindo as primeiras moradias. As famílias que foram chegando eram também católicas. Mais tarde, após a morte do fazendeiro, os seus herdeiros doaram o terreno à Nossa Senhora do Amparo²⁸. Depois, no tempo do primeiro Pároco, o Padre João Batista de Carvalho Daltro, foi construída a primeira Igreja Matriz no centro da praça atual, tendo a frente direcionada para o cemitério paroquial²⁹. No ano de 1939 os frades franciscanos, Frei Ildefonso Raffalf, Frei Cezar Helbung, Frei Ludovico Imolra e Frei Luís, mobilizaram a comunidade para a construção da nova Igreja Matriz, transferindo-a do meio da praça para o local atual, antes conhecido como o Alto do Cruzeiro. A bênção da nova Igreja aconteceu no dia 31 de março de 1946, último domingo do mês. A cidade ficou pequena com tanta gente participando da festa. O pároco Padre José de Castro iniciou a celebração com a entronização da imagem de Nossa Senhora do Amparo³⁰.

28 NASCIMENTO SANTOS, 2014, p.34-35, citando REIS, 1949, p.6 e OLIVA, 2002, p.28

29 FILHO, p.69.

30 O Padre José de Castro foi pároco em Riachão do Dantas no período de 1942-1953. Faleceu no dia 04 de dezembro de 2017, aos 105 anos de idade, em Aracaju (nota do autor).

A casa dos pais de Dona Bebé ficava localizada na praça da Igreja Matriz que, naquele tempo, tinha a frente direcionada para o atual cemitério paroquial. Considerando a posição frontal da Igreja para o cemitério, a posição da casa de seus pais era ao lado esquerdo da Igreja, donde dava para ver o altar-mor pela porta lateral³¹, por onde a menina Bebé assistia os atos litúrgicos, sentada num banquinho no corredor de sua casa. Atualmente, a casa estaria em frente à nova Igreja Matriz.

Foi no seio da família e diante de Nossa Senhora do Amparo, que Bebé se alimentou do amor a Jesus e a Sua Mãe, Nossa Senhora. Por um certo período, a família “Fontes” se afastou das atividades da paróquia devido a desavenças políticas com o padre prefeito, Padre Manuel Luiz da Fonseca, porém, não impediu que houvesse na vida familiar, a formação e prática cristã católica. É neste ambiente de Igreja doméstica que a menina Bebé alimentou a sua fé e seus conhecimentos catequéticos sobre sua vida cristã. Apesar dos sofrimentos que esta situação de intriga política lhe causava, não se acomodou à situação, mas reagiu e encontrou uma saída, própria a sua idade, para entrar em sintonia eucarística com Jesus durante as celebrações das missas. Nos dias em que haviam as celebrações, a menina Bebé colocava sua cadeirinha no corredor da casa, de onde dava pra ver à sua frente o padre e o altar da Igreja Matriz e, naquela posição participava das celebrações como se estivesse dentro da Igreja³².

Na medida em que a menina ia ficando mocinha, sua fé também ia amadurecendo. Ela seguia rezando e pedindo a Deus uma luz para poder se libertar de uma vez daquela situação angustiante, conflituosa, entre o Padre Manuel Luiz da Fonseca e sua família. Não era fácil aquela situação.

31 Testemunho do Professor José Renilton Nascimento Santos, no dia 08/12/2017, às 7h20, por telefone.

32 REGIS, 1968, p. 22.

Certa vez, acompanhada da sua irmã Edith, aproveitou da ida à cidade de Estância para o sepultamento do seu avô paterno, seu Torquato, e conversou com o pároco local, Monsenhor Victorino Corrêa Fontes³³. A ele contou sua vida de católica, não praticante, devido à rixa entre o Padre Fonseca e sua família. O Monsenhor lhe disse que a Igreja era a casa de Deus e, portanto, casa de todos os seus filhos e filhas³⁴. Os conselhos do padre de Estância foram fermentando seu coração, que em oração buscava forças diante de Deus para tomar uma posição.

Ao retornar do sepultamento do seu avô e da boa conversa que teve com o Monsenhor Victorino, esta menina-moça, adolescente de apenas 15 anos de idade, enfrentou corajosamente aquela situação familiar. Sentia em seu coração aquela força interior e, como bem lembrou sua primeira biógrafa Leyda Regis, quando o próprio Jesus se viu acuado pela própria família disse: “... *todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe*” (Mateus 12, 49-50)³⁵.

Ela, impulsionada pelo amor ao seu Amado, se posicionou e assumiu sua vida cristã em paz, unida a Deus-Pai, a Jesus e a Nossa Senhora, encarando corajosamente aquela situação, tomando consciência de que sua vida, como uma filha amada e querida por Deus, sentia que tinha um lugar garantido, não só no coração d’Ele, mas também na casa d’Ele, que é a Igreja templo, bem em frente à sua, daí tomou uma atitude firme:

É possível que a opinião sensata da sua tia Santa, profundamente religiosa, tivesse encorajado Bebê a

33 Foi Pároco de Estância no período de 1895-1933 (nota do Autor).

34 REGIS, 1968, p.22

35 Bem lembrado aqui por REGIS, p.22

agir da maneira independente, como o fez: o certo é que, ao retornar ao seio da família, logo no domingo seguinte, não mais pôs a cadeirinha no corredor; tomou-a debaixo do braço e dirigiu-se, resoluta, para a Igreja, sob as admoestações da mãe aflita pelo que pudessem julgar e dizer os parentes, ciosos do seu prestígio e de sua ascendência no governo da família (REGIS, p. 22).

Certamente, depois que ela passou a frequentar a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, rompendo com as desavenças políticas da família com o padre-intendente, ela tenha participado das novas iniciativas pastorais da Igreja católica, como a Congregação da Doutrina Cristã, que formava catequistas, e as associações Apostolado da Oração e a Pia União das Filhas de Maria³⁶.

Ela crescia em maturidade, visto que sua prática era aprofundada teoricamente, graças, também, a um incidente divinamente providente, ocorrido na entrega de cartas ao correio da Vila do Riachão, administrado pela sua mãe dona Maria Prima:

Costumava ir à sala, onde sua mãe aguardava a correspondência por chegar, para entregá-la aos respectivos donos ou receber a que lhe vinha, para expedi-la à agência central.

Certa vez, seus olhos curiosos caíram sobre o “Boletim Salesiano”, cujos exemplares, enviados para o dr. Dionísio Teles de Menezes, em Campos, Tobias Barreto, iam, por engano, parar no Riachão. Dali, eram mandados ao seu endereço e de lá tornavam, por não ser encontrado o destinatário, possivelmente, porque ali não residisse.

36 SANTOS, 2014, p. 35

Bebé tomou o livreto, leu-o até o fim com crescente interesse, procurou outros números jogados em um lugar qualquer da sala, colecionou-os e não mais deixou que os chegados, posteriormente, tomassem outro rumo que não o reservado às suas “preciosidades”.

A descrição dos sonhos maravilhados de Dom Bosco, o seu entranhado amor a Jesus Sacramentado, a extrema confiança na Virgem Auxiliadora, o trabalho heroico da assistência aos pequeninos e humildes despertaram, no seu coração de criança bem formada, uma admiração profunda ao apostolado do grande Santo (REGIS, 1968, p. 21).

As leituras dos boletins salesianos lhe deram razões para sonhar com sua vida consagrada e dedicada aos mais pobres, principalmente à juventude, como fez Dom Bosco, fundador da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, os Salesianos de Dom Bosco, principalmente com as meninas, como fez a Madre Mazzarello, companheira de Dom Bosco e fundadora das Filhas de Maria Auxiliadora, as Irmãs Salesianas.

Nossa querida Bebé viveu na Vila do Riachão até a idade de 22 anos, com saúde frágil, “insuficiência de audição” e “anemia profunda”, firme na fé e perseverante na busca de realizar sua vocação missionária, principalmente como uma religiosa, uma freira da congregação das Irmãs Salesianas³⁷.

No ano de 1912, sua mãe, viúva, sob os cuidados do seu tio político, seu Filadelfo, se transferiu com todos os filhos para a capital sergipana, Aracaju.

37 REGIS, 1968, p. 22 e BONIFÁCIO, 2014, p. 41

Testemunhos

João Oliva Alves³⁸: O repórter que escreve esta nota, conterrâneo de D. Genésia e sobre cuja obra já fez outras reportagens, por muitas vezes ouviu depoimentos de pessoas que dela foram amigas de infância, referindo-se à inclinação que ela demonstrava para socorrer os pobres e ensinar catecismo aos meninos de condição mais humilde de sua terra natal (A Cruzada, 17/09/1960).

Maria Cardoso Macedo - novembro de 2017: Fui internada³⁹ com 4 anos de idade. Os sete dias da semana eram preenchidos com trabalhos e estudos. Pela manhã consertávamos as roupas rasgadas, quem bordava e quem fazia ponto de cruz, etc. Pela tarde a gente estudava e nos intervalos tínhamos recreio e após o jantar Mãezinha brincava de roda com as meninas, coisa que ela ficava tão feliz. À noite, quando íamos dormir, ela nos ensinou a ficar de joelhos e rezar três Ave Marias a Nossa Senhora, enquanto nos preparávamos para dormir. A “minha Aurinha”, sua auxiliar, ficava rezando até pegarmos no sono e Mãezinha também ia dormir. Íamos à missa no Salesiano, e aos sábados, rezávamos e cantávamos o Offício de Nossa Senhora, além das orações costumeiras. Naquela época ficávamos internas até aos 18 anos, quando voltávamos para nossas famílias e prontas para tudo fazermos na vida lá fora: cozinhar, lavar, limpar uma casa, costurar e sermos boas mães de família ou também religiosas, etc. E isto para ela era uma honra ter suas filhas como religiosas. Nos dias santos e feriados, íamos ao matinê no cinema para ver algum filme ou à casa de praia na Atalaia, a pé, levando, cada uma, na sua mochila, um pedaço de coco com farinha e carne seca, que se co-

38 Falecido no dia 03/07/19, em Aracaju e sepultado em Riachão do Dantas, Sergipe.

39 Entenda-se na linguagem atual: “fui acolhida no Oratório”.

mia pelo caminho e, chegando na casa, já não tínhamos nada a não ser a alegria de pegar a rede e ir pescar peixes e siris, na maré. Logo após tomávamos banho e íamos brincar e assar os peixes que pegávamos e isto era para ela uma alegria imensa. Quem não passava de ano na escola não ia à praia, só quando dava a leitura. Por este tempo, ela só pegava em média 30 a 33 crianças, pois a situação não permitia devido à pobreza. Hoje agradeço a Deus por ter me dado esta segunda mãe na minha criação.

Maria Madalena da Conceição Rodrigues, 10 de abril de 2018: Eu vim para o Oratório quase completando 7 anos. Cheguei em 1948, no dia 06 de janeiro, ainda tinha o presépio montado na Igreja. Foi a primeira coisa que me levaram a ver. Tinham morrido meus pais e fiquei com a madrinha de batismo, dona Marieta, que me trouxe aqui para ser interna... Me senti em família, porque fui me familiarizando com as coleguinhas. Sempre com os cuidados de Mãezinha e Dona Aurinha, auxiliar dela, e a Maraci, que ajudava a cuidar das crianças... Mãezinha é quem dava o catecismo e me preparou para a Eucaristia, que se fazia sempre na festa de Dom Bosco... O que eu sempre admirava em Mãezinha era que ela tinha muita proximidade do Santíssimo. Fazia todos os dias hora de adoração ao Santíssimo. Isto sempre me cativou... Eu a via sempre passar quietinha em direção à Igreja e lá ficava no último banco e passava o tempo em oração... Ela era muito devota de Dom Bosco e Mãe Auxiliadora. Quando tinha dificuldades, chamava todas as crianças para a capela para rezar. Providenciar aquilo que não se tinha. E, realmente, quando se estava na capela rezando, geralmente, chegava alguém, até estranho, trazendo aquilo mesmo que se precisava... Ela gostava de fazer o bem aos outros. Aprendi com dona Bebé a não mandar ninguém embora sem nada... Mãezinha tinha e

vivia um programa de devoção diária: Domingo era o dia do Senhor, festivo, cuidava das meninas do Catecismo. Segunda, dedicava orações às almas do Purgatório. Terça-feira era dia de Bosco, não importando qualquer outra festa. Quarta-feira dedicava a São José, porque era o protetor da família. Quinta-feira, era dia de adoração ao Santíssimo Sacramento: fazia hora de adoração e todas nós fomos aprendendo a amar e adorar a Jesus. Sexta-feira, dia de devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Sábado, dia de Nossa Senhora Auxiliadora, inclusive neste dia, nós meninas éramos obrigadas a rezar o ofício de Nossa Senhora com ela, no entardecer. O que ela vivia na sua fé, ela passava pra todas nós que tínhamos que acompanhá-la nestas práticas devocionais, mas o fazíamos contentes por estarmos unidas a ela.

Ir. Arlinda, 20 de setembro de 1990: D. Bebé é uma santa que ainda não está nos altares e que também ainda ninguém começou o seu processo de beatificação; mas a sua santidade a sentimos presente diariamente na vida do Oratório⁴⁰.

40 Jornal da Cidade, 20/09/1990, p. 9.

III

Indo ao encontro de Jesus nas periferias de Aracaju...

Com a proclamação da república, no dia 15 de novembro de 1889, e a promulgação da 1ª constituição republicana no dia 24 de fevereiro de 1891, a Igreja Católica perdeu o direito de ser a religião oficial do Brasil e, como consequência, teve que se revisar e se reestruturar pastoralmente, investindo na romanização de sua atuação, se distanciando do catolicismo popular, enfraquecendo o poder das Irmandades, e assim garantir seu espaço de influência religiosa, social, cultural e política na sociedade, a partir da elite local⁴¹.

No dia 03 de janeiro de 1910, o Papa São Pio X, através da Bula *Divina Clementi*, criou a Diocese de Aracaju, correspondendo a todo o estado de Sergipe, desmembrando-a da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. O primeiro bispo foi o jovem potiguar de 38 anos de idade, Dom José Thomas Gomes da Silva⁴², nomeado no dia 12 de maio de 1911, que tomou posse canônica no dia 08 de dezembro do mesmo ano, dia da festa da Imaculada Conceição, padroeira da nova Diocese, cuja Catedral está localizada na atual Praça Olímpio Campos, que antes, simplesmente, era conhecida como Praça da Matriz.

41 "... as mudanças implementadas possuíam dois eixos principais: definição da ortodoxia católica no campo destinatário e reforma dos costumes morais da Igreja, estendendo-se desde a hierarquia eclesiástica até os fiéis" (ANDRADE, 2010, p. 21).

42 Dom José Thomaz nasceu na cidade de Martins, Rio Grande do Norte, aos 04 de agosto de 1873, filho de Dr. Tomaz Gomes da Silva e dona Ana Constança da Silva (A Cruzada, 07/11/1948, p. 1 e NASCIMENTO, 2008, p. 29 e MORAIS, 2014, p.79)

O primeiro bispo Dom José Thomas buscou implementar o novo projeto de evangelização, sob o espírito romanizador daquele tempo, incrementando a criação de vários grupos pastorais para continuar evangelizando a sociedade: fundou a *Associação das Senhoras da Caridade*, no dia 02 de janeiro de 1912, e a *Pia União das Filhas de Maria*, no dia 11 de fevereiro de 1912; criou o boletim diocesano *A Diocese de Aracaju*, no dia 12 de fevereiro de 1912; fundou o Seminário do Sagrado Coração de Jesus no dia 04 de abril de 1913, e intensificou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a formação do Apostolado da Oração em todo o território diocesano⁴³.

Poucos meses depois da posse do primeiro bispo de Sergipe, chegou a Aracaju a família da jovem Bebé, emigrando da Vila do Riachão, no ano de 1912, certamente, devido às crises que abatera sobre a família, tanto econômica como a morte trágica do seu pai, seu Sizino. O tutor da família, o tio político Filadelfo de Carvalho Fontes, foi quem os encaminhou para a capital.

Em Aracaju, a família fixou residência no centro da cidade, propriamente no início da Rua de Pacatuba, umas duas casas após o atual Palácio de Justiça⁴⁴, na área central da cidade, onde estão o Palácio do Governo, a Assembleia Legislativa, a Prefeitura, a Câmara Municipal, a Catedral e outros prédios públicos.

A área central da capital era área nobre, onde moravam famílias de classe média e alta, cujos moradores já contavam com abastecimento de água desde 1908 e com serviço de bondes puxados por animais desde 1909. No ano de 1913, foi instalada a energia elétrica⁴⁵. O fato é que os

43 MORAIS, 2014, p. 81-82

44 Testemunho de Elda Fontes, sobrinha de Dona Bebé (10/05/18, 15h00), por telefone.

45 Um breve histórico da evolução urbana de Aracaju. Artigo de Ronaldo Alves publicado no site http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_1er.php?id=5025, consultado dia 11/12/17, às 16hs37

mais pobres que habitavam na região ou que iam chegando para a nova capital buscando melhoria de vida foram empurrados para as áreas periféricas de Aracaju, sem nenhuma estrutura⁴⁶.

A jovem Bebé frequentava a Igreja São Salvador, onde ela ia a pé, em linha reta da sua residência em direção ao centro da cidade, passando na Praça Fausto Cardoso, em frente ao Palácio “Olímpio Campos”, antigo Palácio do Governo.

A Igreja São Salvador está localizada na esquina do atual calçadão da Rua Laranjeiras com a Rua João Pessoa, cujo Capelão naquela época era o Cônego Francisco Gonçalves Lima⁴⁷. Lá na Igreja São Salvador, a jovem Bebé participou do novo grupo pastoral da Igreja que envolvia as mulheres católicas da elite da capital, a *Associação das Senhoras da Caridade*, cujo diretor espiritual era o próprio Cônego Francisco⁴⁸.

Em meados de abril de 1913, a jovem Bebé começou a frequentar a mais outra nova associação evangelizadora, fundada por Dom José Thomas, dentro do primeiro colégio para a formação das filhas da elite sergipana, o Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, coordenado pelas Irmãs Sacramentinas francesas. Naquele Colégio havia, desde o dia 11 de fevereiro de 1912, a *Pia União das Filhas de Maria*⁴⁹, sob a proteção da Virgem Maria e Santa Inês, e tinha como diretor espiritual o diretor e fundador do colégio, o Monsenhor Manuel Raimun-

46 Cf. SOUZA FILHO, p. 36 e ALVES, 2013, artigo.

47 BONIFÁCIO, 2014, p. 45: Quanto ao título do padre da Igreja São Salvador há discordância entre as autoras: esta autora usa o título “Cônego”, enquanto que a REGIS, 1968, p.23, usa o de “Monsenhor”.

48 Cf. BONIFÁCIO, 2014, p. 45, nota 14, citando o Livro de Tombo I, p. 39.

49 BONIFÁCIO, 2014, p. 46, citando COSTA, 2003, p.88.

do de Melo⁵⁰. Não sabemos se ela frequentava os dois grupos ou migrou de um para o outro. O fato é que no dia 09 de maio de 1914, conforme as exigências da Pia União, após ter passado um ano de preparação para vida de apostolado, a jovem Bebé foi admitida na primeira turma das Filhas de Maria e, como todas as admitidas, se comprometeu a obedecer, rigorosamente, os preceitos da associação: o de não *andar em más companhias*, o de *vestir-se com compostura*, não *entrar em contato com leituras proibidas e participar das reuniões*.

Somente 28 anos depois, exatamente no dia 31 de janeiro de 1942, às 4h da tarde, é que um grupo da *Pia União das Filhas de Maria* foi fundado no Oratório Festivo Dom Bosco pelo Padre José Curvelo Soares, que era o diretor espiritual. Dona Genésia Fontes, Dona Bebé, assumiu a presidência. Na Ata da fundação está escrito que o referido grupo é “... uma escola de perfeição onde as Filhas de Maria devem aprender da Virgem Santíssima, suas virtudes, principalmente a humildade, a obediência e a castidade”.

Como uma fiel Filha de Maria, a jovem Bebé disse seu *sim*, se oferecendo a Deus como uma humilde serva, assumindo o compromisso missionário de levar a boa notícia de Jesus aos mais pobres das periferias de Aracaju, principalmente as meninas.

As áreas pobres de Aracaju daquele tempo, visitadas pela jovem Bebé, correspondem hoje aos bairros São José, Cirurgia e Suíssa, a Praça da Bandeira, o Quilombo Maloca e Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Sua amiga Leyda Regis nos testemunha que a jovem Bebé ia de casebre em casebre, sem

50 Monsenhor Manuel Raimundo de Melo era sergipano de Capela. Nasceu no dia 11 de fevereiro de 1872. Foi vigário de Itabaiana. Foi professor de latim no Seminário de Aracaju, diretor do Colégio dos Órfãos de S. Joaquim. Foi também Vigário Encomendado de Aracaju e Vigário Forâneo de Sergipe durante 12 anos, até a criação da Diocese. Foi nomeado o primeiro bispo de Caetitê, Bahia, no dia 08 de agosto de 1914. Faleceu em 1945, aos 73 anos de idade.

medir distância e nem as condições dos caminhos arenosos e estreitos, sob os pés de cajueiros sem donos e das frutinhas conhecidas como “quaresmas”; andava debaixo de chuva ou sob o sol escaldante; enfrentava até os brejos que iam da Fonte da Caatinga – onde é hoje a Praça da Bandeira – até os mangues do Carro Quebrado, onde hoje é o Bairro São José. Tanto sacrifício por amor aos mais pobres de Aracaju⁵¹.

Estas áreas estavam sob os cuidados pastorais dos padres Salesianos de Dom Bosco, que também são devotos de Nossa Senhora, sob o título de “Auxiliadora”, padroeira da congregação, responsável pela publicação do “Boletim Salesiano”, que tanto marcara a sua infância, adolescência e juventude, na Vila do Riachão.

Foi durante as visitas aos pobres daqueles bairros de Aracaju, que a jovem Bebé, em sintonia pastoral com o pároco da região, o padre salesiano Aníbal Lazzari, foi convidada por ele a ser catequista e a participar da família Salesiana:

“Movidas pelo desejo de preencher essa lacuna e inspiradas pelos conselhos do Pe. Aníbal, algumas senhoras pertencentes à Associação das Damas da Caridade começaram em agosto de 1914, a reunir, nos domingos e dias santificados, meninas para ensinar-lhes o catecismo.

Foram duas as aulas a este fim abertas: Uma, à rua do Rosário, regida por D. Gesuina Sandes, auxiliada por D. Maria Almeida; outra, à Avenida Barão de Maroim, dirigida por Genésia Fontes, auxiliada por D. Regina Spinola.

51 REGIS, 1968, p. 23.

Cedo os dois centros se reuniram em um só, no Carro Quebrado, sob a direção de Genésia Fontes, em uma pobre e humilde cabana, pertencente a D. Cecília Praxedes, que de muito boa vontade punha à disposição a acanhada sala. Trinta meninas formavam o incipiente oratório” (Breve histórico: 1908-1925, pdf).

O Padre Aníbal se tornara amigo e conselheiro espiritual e pastoral de Dona Bebé enquanto viveu, até 07 de fevereiro de 1938⁵².

Testemunhos

Dr. Gonçalo Rollemberg Leite: Em nosso Estado o problema da infância abandonada é um imperioso aspecto da questão social que merece estudo e a solução do governo e de todos os bons sergipanos. Em Aracaju vagueiam pelas ruas da cidade, crianças vítimas da miséria e da orfandade, e este aspecto triste da nossa sociedade se reproduz em quase todo o Estado. Os nossos orfanatos, poucos e pobres, vivem em geral no desconhecimento do grande público (Advogado, diretor e redator do jornal aracajuano “A República”. Breve Histórico do Oratório, anotações do dia 13 de junho de 1932).

Leyda Regis: [...] desde que a conheci, admirei-lhe o espírito de renúncia, em que se fundiam todas as virtudes que enriqueciam sua alma da escolha. Renúncia por caridade e [...] as alegrias do lar, o conforto da família, as horas que um nome de relevo social e pecuniário lhe poderiam prodigalizar, tudo escondida, naquela simplicidade encantadora, por-

52 REGIS, 1968, p.23

que natural e espontânea, preferindo ser, unicamente, Bebê, “Bebê” de carne e osso as das orfãzinhas, a “Mãezinha” das “bebês” pequenas do Oratório D. Bosco (A Cruzada, outubro de 1960 *in* BONIFÁCIO, p.77).

Maria Cardoso Macedo - novembro de 2017: Mãezinha tinha uma profunda confiança na Divina Providência, muita fé em Dom Bosco, em Nossa Senhora Auxiliadora. Humildade, simplicidade e pobreza. Mãezinha era amante da natureza, gostava de crianças e animais. Ela dizia: “uma casa sem crianças e sem bichos não tem graça!”. Mãezinha era de baixa estatura, talvez um metro e meio. Tinha um semblante sereno e tratava a todas sem distinção. Eu mesma era querida por ela. Desde criança forrava a sua cama. Quando doente, cheguei a lavar seus pés. Minha Aurinha também tinha suas virtudes: cuidava das meninas com zelo, e era bastante virtuosa e severa. Rezava bastante e tinha sempre o seu confessor e diretor espiritual, que eram Dom Avelar Brandão, Frei Hermenegildo de Castorano, etc. Ela era uma mulher orante. Ela nos ensinava os cantos da Igreja e também cantos orfeônicos. Ela se sentia tão bem e era formada em música. Com ela aprendi muitas coisas: ser sincera e correta em tudo. A ela meu amor e o meu agradecimento por tudo.

Uma anônima - 22 de setembro de 1990: Falar das virtudes de D. Bebê não é possível porque foram tantas, que um livro não pode descrevê-las. Dizer qual foi a maior, para mim, foi, desde o momento em que pensastes ser a “Mãezinha” querida de todas as meninas órfãs e pobres. Pensastes, abraçastes a vocação. Lutou e venceu. Encontrastes muitas dificuldades, mas também amigos bondosos que lhe ajudaram segundo a sua história. Porque era obra de Deus. O alicerce desta construção ganhou três pedras preciosas: a primeira pedra foi D.

Ceciliana, que foi o seu **Bastião de Ouro** nas caminhadas difíceis e sem teto. A segunda pedra foi D. Aurinha com sua bondade lhe fez companhia até o final de sua vida; dedicada e carinhosa. E a terceira pedra preciosa que foi? Não sabem? A Congregação Camiliana: que fechou o alicerce desta construção colocando em seus ombros toda responsabilidade das “minhas meninas”, como a senhora as chamava. Fostes para o Céu, tranquila, certa de que sua obra continuará até o final dos séculos, se Deus quiser. Apesar dos “altos e baixos”, ela continua em frente. D. Bebê, a senhora é uma Santa: peça a Deus por todos nós, crianças e adultos que frequentam e colaboram com esta casa.

Maria Lígia Madureira Pina - 26 de setembro de 1990⁵³: Bebê era de uma fé inabalável em Deus e em D. Bosco. Quando estava construindo o Oratório, muitas vezes chegava o fim de semana e ela não tinha em mão o dinheiro para pagar os operários. Mas ela dizia: D. Bosco vai ajudar. E no dia exato o dinheiro surgia, alguém chegava com um donativo. Na falta de alimento, ocorria o mesmo. Faltava a farinha, o pão, a carne, surgia alguém de repente com o carro cheio de mantimentos. O irmão Torquato ou outra pessoa qualquer..

53 Jornal da Cidade, 26/09/1990, p. 9

IV

Sob o carisma de Dom Bosco...

A Congregação dos Salesianos de Dom Bosco, da qual o Padre Aníbal Lazzari era membro, chegou a Sergipe no ano de 1902. A primeira obra deles foi a Escola Agrícola Salesiana São José da Tebaida, localizada no município de São Cristóvão, inaugurada no dia 19 de março de 1902, que tinha como finalidade acolher e educar os jovens pobres e abandonados, obedecendo ao carisma do seu fundador que afirmara: *“... a querida juventude foi sempre terno objeto de minhas ocupações, dos meus estudos, do meu ministério sacerdotal e da nossa congregação”*⁵⁴.

As atividades dos salesianos na capital sergipana começaram em 1908, com a fundação de Oratório Festivo no dia 15 de novembro, para os menores pobres, coordenado pelo Padre Constantino Zaikowski⁵⁵ chamando-o de Tebaidinha. Depois, no dia 29 de janeiro de 1914, a Tebaidinha foi restaurada pelo Diretor do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, o Padre Aníbal Lazzari:

“... os salesianos abriram um oratório, e, posteriormente, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que tinha como objetivo evangelizar e educar os jovens sergipanos. Na época da fundação, o presidente do Brasil era Rodrigues Alves e o presidente da provín-

54 Frases de D. Bosco in <http://www.paroquiasaocristovao.net>, (13/01/18, as 14h50).

55 Santos, p. 8

cia de Sergipe, monsenhor Olímpio Campos. As terras da primitiva escola, segundo o Pe. Rota, eram perfeitas para a fundação de uma escola agrícola, porém, as condições sanitárias e o acesso eram precários. Por isso, em 01 de março de 1911, a escola foi transferida para uma casa alugada na Rua da Aurora (hoje rua Ivo do Prado). Era uma escola para homens e funcionava com o regime de externato e internato. Oferecia os cursos primário e secundário. A vinda de uma escola católica para o Estado era um ideal perseguido pelo monsenhor, e pelo Padre e Inspetor Giordano, que dirigia a obra Salesiana, em Salvador. Anos mais tarde, o colégio foi transferido para um prédio com melhores acomodações, situado entre as ruas Pacatuba e Maruim. Em 1913, precisamente em 08 de setembro, iniciam-se as obras da nova e definitiva sede na Rua São Paulo, atual Dom Bosco. A primeira parte da obra foi concluída em 30 de novembro do mesmo ano, quando pela tarde aconteceu o traslado da sagrada imagem de Nossa Senhora Auxiliadora⁵⁶.

O local onde os salesianos escolheram para morar em Aracaju foi batizado como Tebaida, porque, conforme o significado do nome de origem egípcia, ficava isolado do centro urbano. Lá havia uma Igreja simples, sem luxo, dedicada à Nossa Senhora Auxiliadora, a *Virgem de Dom Bosco*⁵⁷, conhecida popularmente como a Capela da Tebaida, e era para lá que Dona Bebé levava a meninada para participar das missas. Atualmente é o espaço onde estão a Igreja Matriz de Nossa Senhora Auxiliadora e o Colégio Salesiano.

56 <http://www.salesianoaracaju.com/aracaju/website/content/o-colegio.html>, (03/01/18, às 06h55).

57 REGIS, 25

A área de atuação pastoral dos salesianos abrangia a região onde hoje estão localizados os bairros São José, Suíssa, Cirurgia, Praça da Bandeira, Quilombo Maloca e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Estas áreas se tornaram a nova família que Dona Bebé adotou como sua e as visitava aos sábados:

“Foi nessas andanças, nesse apostolado, nesse abençoado afã, que o diretor do Colégio Salesiano, Pe. Anibal Lazzari descobriu aquela jovem, Bebé, para concretizar aquele grande ideal que nela fora despertado pela leitura do Boletim Salesiano, encontrado à toa, quando ainda criança, entre a correspondência da agência postal do Riachão...” (SANTOS, Ir. Arlinda p.8 e REGIS, p. 23).

O padre Aníbal e os seus colegas salesianos estruturaram atividades para os meninos daquela região pastoral, no entanto, ele percebeu que precisava ter algo similar para as meninas, daí a sua relação de amizade e pastoral com a jovem Genésia Fontes, a nossa querida dona Bebé.

Algumas informações sobre o Padre Aníbal Lazzari...

O Padre Aníbal Lazzari era da cidade de Pieve Delmona, na região de Cremona, na Itália. Nasceu no dia 30 de novembro de 1875. Seus pais foram o senhor Andrea Lazzari e dona Felicita Vigioli. Aos 13 anos de idade participou do primeiro Oratório fundado por Dom Bosco na cidade de Turim, dedicado a “São Francisco de Sales”. No dia 26 de novembro de 1892, recebeu o hábito religioso e permaneceu mais dois anos. Estudou Filosofia em Valsalice. No ano de 1901, chegou como missionário a Recife, onde trabalhou durante 11 anos. Depois

foi transferido para Aracaju em 1913, para dirigir o Colégio Salesiano Maria Auxiliadora, fundado para formar os meninos da elite sergipana, e reativar o Oratório Festivo Maria Auxiliadora, para os meninos pobres. Ele incentivou e auxiliou Dona Bebé na formação do Oratório Festivo “São João Bosco” para as meninas pobres.

Sua dedicação pastoral a todo o povo de Deus daquela região periférica, priorizando a juventude pobre das periferias de Aracaju conforme o carisma de Dom Bosco, era sem medida. Lembramos aqui sua dedicação aos doentes de gripe quando houve uma grande epidemia em Aracaju:

“Pelo mês de novembro séria provação pesou sobre o Oratório. A epidemia da gripe assolando a Capital havia atacado quase todas as meninas do Oratório e famílias. Padre Aníbal desvelou-se em socorrê-las bem como a todos quanto, nas circunvizinhanças e mesmo em lugares distantes, precisavam de auxílio. Tendo obtido de pessoas caridosas remédios e dinheiro para compra de alimentos, fazia-os chegar aos necessitados, no próprio domicílio por meio de D. Genésia e companheiras, ajudadas de rapazes do Oratório; enquanto ele e os demais sacerdotes salesianos levavam aos doentes os socorros e consolações espirituais de que precisavam. Este proceder tão nobre e caridoso mereceu ser registrado com elogio no relatório dirigido pela autoridade sanitária ao Sr. Presidente do Estado”⁵⁸.

O Padre Aníbal foi transferido de volta ao Recife no dia 03 de março de 1920, e de lá foi enviado a trabalhar em Lavri-

58 Breve Relato Histórico do Oratório no período de 1908 a 1925, pdf.

nhas, Estado de São Paulo, onde faleceu no dia 07 de fevereiro de 1938, aos 63 anos de idade, 45 de profissão religiosa e 36 de sacerdócio⁵⁹.

Mesmo ausente de Aracaju, o Padre Aníbal acompanhava as atividades missionárias de Dona Bebé através de cartas trocadas entre os dois, e de amigos missionários salesianos que passavam por Aracaju. Nas cartas eles focavam fundamentalmente na vida missionária deles, sob o carisma de Dom Bosco. Dizia Pe. Aníbal à Dona Bebé e às suas amigas cooperadoras: *“Deixe que o repita, ó caras cooperadoras, o florescer da Obra Salesiana sempre em proporção com a nossa fidelidade, exemplos e ensinamentos de Dom Bosco”* (1ª Carta do Pe. Aníbal, sem data, 1920).

Dona Bebé teve Padre Aníbal como o seu orientador espiritual, partilhando com ele suas alegrias e tristezas, as decepções, os altos e baixos para manter a missão no Oratório. Ele lia atentamente suas cartas e era claro em afirmar que a missionária – a própria Dona Bebé – recebia sempre o *“conforto no Coração compadecido e amoroso de Jesus. É Ele que nos atrai a Si por todas as maneiras. Dom Bosco foi abandonado só – e estava doente – e cuidava de 400 meninos”*⁶⁰.

Por um bom tempo ela assinava as cartas direcionadas a ele como sua *filha espiritual*. Porém, na carta resposta dele, de 17 de dezembro de 1931, ele reclamou, pedindo que não assinasse mais assim, visto que ele sempre evitava fazer direção espiritual por cartas, alertando, inclusive, que era proibido pela Igreja.

As dificuldades eram imensas para manter a vida das meninas no Oratório. Ela não omitia a situação nos relatórios, no entanto tinha a convicção de fé de estar contribuindo para a maior Glória de Deus e pelo bem da pátria:

59 BONIFÁCIO, p. 54; anotações de Dona Bebé

60 Pe. Aníbal, 04/09/1922.

“Diante das dificuldades que se lhes apresentam, e sob os impulsos da Vontade Divina, e dos santos favores de S. João Bosco, vai o Oratório ascendendo pelo caminho que deliberara galgar, para a maior glória de Deus e a felicidade da Pátria” (Ano de 1943 - Relatórios do Oratório, 1943-1946).

O Padre Aníbal, vez ou outra, como um bom e sincero amigo e irmão missionário, também dava algumas broncas, umas sacudidas animadas, para ela recobrar o ânimo, diante das dificuldades causadas pelo peso da missão:

“Deixe-se de velhices e esteja alegre: não reparou que as suas filhinhas espirituais estão continuamente a olhar a si D^a. Bebé lhes sorri? Que outro sorriso podem elas – as órfãzinhas – esperar, senão o seu? E veja que não é possível enganá-las! E para que velhices? Só servem para secar os ossos. Já esqueceu que N^a. S^a. Auxiliadora foi que aí lhe colocou? E agora que a Sma Virgem está por toda parte abençoando amorosamente todos aqueles e aquelas que se fizeram do lado de Dom Bosco, a senhora vem com lamúrias e desânimos?

Olhe que um bando de capetas está pinoteando de alegria por essas áreas, enquanto D. Bebé se julga velha” (Pe. Aníbal, Lavrinhas, 23/08/1923).

A vida de pobreza e simplicidade dos dois refletia até no tipo de papel que usavam para escrever as cartas de um para o outro. Certa vez, quando ela ousou usar um papel melhor numa das cartas, ele reclamou dizendo:

“Mas o papel de luxo, escrito só de uma lauda, não parecia nada humilde: guarde essas cousas para os Srs. Bispos e Presidentes de Estado” (Pe. Aníbal, 17/XI/1930).

Dona Bebé aceita ser missionária...

Pois bem, o Padre Aníbal Lazzari convidou Genésia Fontes e suas amigas da Associação das Damas da Caridade, para ajudá-lo na catequese na região onde atuava, mas no decorrer das atividades pastorais, a jovem Bebé ficou sozinha. Ela abraçou a missão sob o carisma e pedagogia de Dom Bosco, assumindo-o como santo protetor do Oratório, e a Santa Gemma Galgani⁶¹, como seu modelo de vida, visto que ela tinha uma história parecida com a sua. Era de uma simplicidade invejável para uma moça da classe média da época: não usava nenhum adereço de beleza nos seus cabelos pretos. Seu modo de vestir-se era sempre com roupas escuras, de decote ao pé do pescoço, mangas compridas e saia chegando quase aos tornozelos⁶².

Tudo indica que a prática religiosa católica em Aracaju nas primeiras décadas do século vinte era fria, conforme afirmação do Padre Aníbal, fazendo comparação com a prática religiosa do

61 Gema Galgani nasceu em 12 de março de 1878, em Camigliano na Toscana, de família humilde. Ficou órfã de pai e mãe muito cedo. Passou sua juventude muito doente e por isso não foi aceita nas congregações religiosas (três), mas fez por devoção particular os votos da profissão religiosa na Ordem Passionista. Faleceu em 1º de abril de 1903, aos 25 anos de idade. Tinha como características várias virtudes: a obediência, simplicidade, humildade, generosidade e pureza, sendo considerada a virgem de Luca. ESTANISLAU, Pe. Germano de Santo. *Biografia da Serva de Deus Gema Galgani (Virgem de Luca), 1878-1903*. Porto: Seminário de Porto, 1923. *In* BONIFÁCIO, 2014, p. 34, nota 3.

62 REGIS, 1968 e *in* BONIFÁCIO, 2014, p. 73

Recife no mesmo período, quando perguntou, em carta, a Dona Bebé se o povo de Aracaju continuava dormindo, visto que *ser catholico ou mostrar-se catholico é o chic do Recife*⁶³. Seu amigo Pe. Aníbal demonstra que a missão evangelizadora assumida por Dona Bebé foi uma loucura para aquele tempo, não só pelo fato dela ser uma jovem de família rica, que saía do seu aconchego, no centro da capital, para embrenhar-se nas periferias da nova capital, onde moravam os mais pobres, cuja maioria era formada de negros e mestiços enxotados, sem eira nem beira, pobres e sem lugar digno para morar. Por um bom tempo sua atividade missionária não chamou a atenção do povo de Aracaju. Foi o seu testemunho perseverante que atraiu as atenções do povo:

“... a minúscula Obra da pobre D^a. Bebé serve de instrumento nas mãos de Deus para que também as pessoas alheias à religião se cheguem um pouquinho mais a N. Senhor. Se não produzisse outro benefício, já este seria o bastante. Não vê que a frieza, a indiferença, a aversão mesmo está dando o seu lugar a um sentimento de simpatia? O resto virá devagarinho” (Pe. Aníbal, Lavrinhas, 06/XII/1932).

A última carta escrita pelo Padre Aníbal para Dona Bebé, encontrada nos arquivos do Oratório, é de 12 de dezembro de 1936. Nela lê-se a sua despedida da amiga na expectativa de, na eternidade, velar pelo Oratório:

“Sempre muito obrigado pelos sinais de gratidão que se lembra de promover no nosso querido Oratório, em favor do pobre padre Aníbal. Na Santa Missa lembrei (o que faço frequentemente) de todos os

63 Pe. Aníbal, Recife, 14, véspera da Assunção de Nossa Senhora.

felizes habitantes dessa casa de N.^a S.^a Auxiliadora, e, em particular, da caridosa D. Bebé. Oh! Que linda coroa de meninas salvas pelas suas santas... se prepara a senhora na eternidade!

As minhas forças vão, dia a dia, diminuindo; por isto penso muito na próxima eternidade. Espero que a boa D. Bebé me ajudará, também com orações do Oratório, a que eu possa acabar na amizade de Deus: e que se lembrará de sufragar a minha alma, depois da minha morte. Na eternidade, como espero da misericórdia de Deus, hei de me interessar muito pelo nosso Oratório festivo.

Agradecido por tudo. Servo em J. Chr: Pe. Annibal Lazzari”.

A radicalidade evangélica da jovem Bebé...

A jovem Bebé encontrou na periferia de Aracaju, no humilde casebre de reboco coberto de palha de Dona Ceciliana Praxedes, tão humilde quanto a casa da Sagrada Família em Nazaré, o cantinho para realizar seu sonho que era estar com os mais pobres, priorizando as meninas daquela redondeza, anunciando-lhes o amor de Jesus, através da catequese e do próprio testemunho de vida, alimentando naquelas famílias a esperança de uma vida melhor para todas. Foi lá que a missão de Dona Bebé começou.

A querida Dona Ceciliana era uma pobre senhora negra, artesã, fabricante de charutos, moradora na Várzea do Coelho, nas bandas do Carro Quebrado (atual bairro São José). Ela era emigrante da cidade de Laranjeiras, que havia fugido a pé para Aracaju, com medo do contágio da doença bexiga, que assolava aquela região canavieira.

Dona Ceciliana ofereceu a pequena sala e o quintal de sua casa para ser o ponto de encontro pastoral da jovem Bebé. A data de 14 de agosto de 1914, um dia de sexta-feira, ficou marcado como a data da fundação do Oratório Festivo “São João Bosco”:

A casa de Ceciliana passou a ser o ponto terminal das visitas de Bebé aos seus velhos e doentes, nos dias de sábado.

Ali, descansava das caminhadas exaustivas e, como não sabia perder tempo, procurava instruir e revigorar na fé aquela alma que descobrira inculta, todavia, pronta a produzir bons frutos, se lhe espalhassem a semente.

Numa dessas tardes, Bebé não entretive a conversa costumeira. Tinha aparência preocupada e descontente e logo desabafou o que a atormentava: O Pe. Aníbal queria fundar um centro de catecismo naquela redondeza e ela não encontrava quem lhe cedesse uma sala para iniciar as aulas e um lugarzinho onde as crianças pudessem brincar, segundo a pedagogia de Dom Bosco: “Servir a Deus na alegria!”.

Ceciliana alcançou que aquela queixa representava uma sondagem de suas disposições e que, de imediato, viria o pedido direto. Resolveu, pois, antecipar-se com o oferecimento generoso de sua casa humilde; A sala era pequena, mas dava para principiar; havia um quintal grande, que se prestava para o recreio das meninas... se quisesse, estava às ordens!

Bebé mal pode conter a sua alegria!... Tomaria corpo, finalmente, aquilo que, até ali, não passara de

um ardente desejo e de uma conjectura de difícil concretização!... (REGIS, p. 24-26).

Pouco tempo depois a prefeitura de Aracaju desapropriou parte do quintal de Dona Ceciliana a fim de realinhar a Rua de Lagarto e *para o prolongamento da linha do bonde*⁶⁴. O Oratório ficou quase sem-teto, mais pobre do que antes. A salinha apertadinha da casa de Dona Ceciliana ainda recebia as 30 meninas para a formação, mas não se tinha espaço para o lazer. Dona Bebê saiu à procura de um novo espaço e encontrou um frondoso oitizeiro no próprio bairro Carro Quebrado:

“Tirado o alinhamento da rua de Lagarto para o alongamento da linha de bonde, perdeu a casa, por estar fora, o quintal em que as meninas se recreavam. A sombra de um oitizeiro um tanto afastado passou a servir, por vários meses, de local de folgedos” (Resumo Histórico do Oratório, julho de 1926).

Ali, debaixo de um oitizeiro, continuaram as atividades catequéticas do Oratório e a conclusão da primeira turma de 25 meninas, que recebeu a comunhão eucarística:

“... sob seus galhos acolhedores, partiram vinte e cinco crianças vestidinhas de pano ordinário, que a caridade de amigos lhes dera, mas branco como seus corações inocentes, de cabeças cobertas com retalhos de filó grosso, coroadas de florezinhas alvas, trazendo nas mãos o toco de vela, símbolo de almas iluminadas pela fé, para, na modesta capela da Tebaida, receberem a visita augusta do ‘Amigo’ das crianças”.

64 Breve Relato Histórico do Oratório no período de 1908 a 1925, pdf.

“É por este motivo, porque dali saiu a inocência ao encontro do Amor e da Bondade para o Banquete Divino, que esse Oitizeiro passou a ser considerado o nascedouro espiritual do Oratório Festivo São João Bosco” (REGIS, p. 27).

Mas Dona Bebé não se acomodou debaixo da sombra do oitizeiro. Devido *a inconveniência em razão da distância e do caminho por brejos e lamaçais*, ela continuou à procura de um espaço maior e melhor. Na mesma região do Carro Quebrado, num lugar conhecido como Tororó, uma senhora casada, mesmo contra a vontade do marido, ofereceu um terreno cercado:

“A má vontade do dono, fazia-o trancar o único portão a fim de impedir a entrada, mas as resolutas senhoras não hesitavam em passar com as meninas pelos arames farpados da cerca, arranhando-se às vezes e dilacerando os vestidos” (Resumo histórico do Oratório – julho de 1926, pdf).

Lá também não deu certo, porque no terreno do lado oposto havia pastagem com tocos e gado. As meninas não podiam ficar à vontade porque podiam se ferir nos tocos ou levar umas carreiras do gado.

Entre expulsões de marido brabo, furadas de tocos e carreiras de gado, Dona Bebé não desistia. Continuava sua peregrinação à procura de um lugar para o Oratório e continuar sua missão de catequista juntos às meninas daquela periferia, que aumentavam em quantidade.

Dona Bebé chegou a ocupar por um bom tempo um terreno baldio em frente à casa de um homem conhecido por “Joaquim Boca de Fogo”, na esquina da atual Rua Ribeirópolis com a Avenida Hermes Fontes.

Seu amor pela missão era admirável. Entrava noite adentro confeccionando prendas a fim de vender e juntar dinheiro e comprar um lugar maior para reunir suas meninas. E assim o fez: comprou uma casa de taipa coberta de palha, num terreno foreiro, localizado na esquina da Avenida Barão de Maruim com a rua de São Paulo por 160\$000 (cento e sessenta contos de réis), *uma quadra apenas distante do Collegio Salesiano*. A casa foi ocupada no dia 15 de agosto de 1917⁶⁵, e abençoada no dia 06 de setembro pelo salesiano Padre Antônio Vellar:

“Para maior amplitude, Bebé fez derrubar as paredes internas, em ruína. Num só compartimento, eram dadas, pela manhã, aulas do curso primário pela oratoriana bem mais adiantada que as outras, pois cursava o 2º ano da Escola Normal, Maria de Andrade Paula, depois Irmã da Divina Providência; à tarde, Bebé ensinava trabalhos manuais, serviços domésticos, religião, havendo um horário para divertimentos e, aos domingos e dias santificados, para a assistência à missa e à bênção do Santíssimo Sacramento, na Capela da Tebaida. As meninas dormiam em suas próprias casas; Bebé, na de sua família” (REGIS, p. 28).

Como o terreno da casa era foreiro, significava que Dona Bebé era dona da casa, mas não era dona do terreno. Então, ela teve que dobrar seus esforços entre trabalhos artesanais, orações, novenas, comunhões e missas, pedindo ao Senhor da messe, por intercessão de Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, cooperadores para aquela missão. E o Senhor da mes-

65 Breve Relato Histórico do Oratório no período de 1908 a 1925, pdf.

se atendeu: no dia 21 de abril de 1918, ela ganhou de dona Marieta Cruz Prado o valor de 200\$000 (duzentos contos de réis) para aquisição do terreno. Só que na hora de fazer o pagamento o proprietário desistiu do valor e o aumentou para 650\$000 (seiscentos contos de réis). Mesmo assim, a D. Marieta completou⁶⁶:

“O terreno media 8 metros de frente e 32 de fundo, foi comprado em nome do Sr. Virgílio Soares da Costa ao Sr. Ricardo Curvelo de Mendonça e sua esposa D. Justina Gomes de Mendonça em 10 de outubro, servindo de testemunhas Antônio Batista Bitencourt e Joventino José de Oliveira. Para os que se empenharam no bom êxito desta transação, foi celebrada uma missa”⁶⁷.

E foi mais além: no início de 1919, Dona Bebé conseguiu doações no valor de 500\$000 (quinhentos contos de réis)⁶⁸ para a compra da quadra de terra pertencente a Albano Franco, em que hoje está localizado o Oratório, tendo como limites a Rua Genésia Fontes – nome dado em sua homenagem pelos Vereadores de Aracaju após sua morte e que depois passou a ser denominada como Rua Riachão –, Rua de Ribeirópolis, Rua de Gararu e Avenida Desembargador Maynard⁶⁹.

Certamente, Dona Bebé e suas companheiras atribuíam a obra do oratório ao seu amigo Padre Aníbal Lazzari, no entanto,

66 Breve Relato Histórico do Oratório no período de 1908 a 1925, pdf.

67 Breve Relato Histórico do Oratório no período de 1908 a 1925, pdf.

68 D. Marieta Cruz doou 200\$00 (duzentos contos de réis) e D. Maria Gomes da Cunha doou 300\$00 (trezentos contos de réis). A escritura foi lavrada no dia 28 de maio de 1918: Cf. Breve Histórico do Oratório 1908-1925, pdf.

69 REGIS, p. 31.

numa correspondência dele a ela, do dia 06 de julho de 1920, não aceita ser o protagonista da impulsionadora obra do Oratório:

“Muitas felicitações pelo acertado rumo que vão tomando as causas do nosso querido Oratório Festivo de Aracaju. Eu sofro agora e faço sofrer as consequências de ter-me atribuído (por enaltecer, como merecia, essa Obra) alguns méritos nela. Oh! Como é triste ensoberbecer-se e roubar a glória de Deus! Nunca mais! Diga-o também às companheiras, que nunca queiram atribuir a si o que Deus faz por meio de nós, sem contudo declinar o meu nome”.

Os dois amigos tinham bem claro a finalidade do Oratório, na linguagem atual, que era a opção preferencial pelas meninas mais pobres e a metodologia a ser usada nas atividades:

“Parece que, com a graça de Deus, o humilde Oratório Venerável D. Bosco, pode já desenvolver-se e, como ave de forte envergadura, voar alto. Cuidado com os princípios da nossa Obra.

A que nunca deve esquecer é o fim pelo qual foi o Oratório iniciado: o ensino do catecismo, santificar alegremente o dia do Senhor, encaminhar as meninas pobres à frequência dos Santíssimos Sacramentos.

O teatrinho, a escola doméstica, a escola primária, as visitas domiciliares, os passeios, o leilão dos presentes são attrativos e meios. Estou certo que nunca alcançarão os meios substituir o fim.

Também estou convencido de que os applausos dos philantropos – e por alli andam muitos! – nem quaisquer ingerências alheias, ou favores ou protecções modificarão o fim do Oratório.

Essa casa, ou a velha ou a nova, é propriedade das meninas mais desamparadas de Aracaju. Se, algum dia, as meninas remediadas e bem vestidas viessem a ocupá-las de tal maneira que as pobrezinhas allí não mais encontrassem a sua casa, seria isto um roubo escandaloso. Nem quizera eu que meu nome figurasse ainda nos livros do Oratório. Faz algumas semanas escrevia-me o Revmo. Pe. Albero: ‘os mais esfarrapados e abandonados eram a porção predileta do seu coração’ (o de Dom Bosco)” (Pe. Anfál, 19/07/1921).

Os Oratórios: espaços de evangelização, fé, cultura e familiaridade...

Logo no início da fundação do Oratório, por volta do ano de 1919, para garantir a fidelidade ao carisma salesiano, Dona Bebé solicitou ao Inspetor Padre Rota e ao Reitor-mor Pe. Paulo Álbera, para que o Oratório fosse anexado ao Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, sob a direção do diretor do mesmo⁷⁰. O Oratório, por ser uma criação de inspiração salesiana, obedecia ao seu carisma, metodologia e regulamentos⁷¹, tanto que recebiam visitas de Inspetores Salesianos⁷² a fim checar as atividades, e para eles ela emitia relatórios.

70 Resumo Histórico do Oratório, julho de 1926, pdf.

71 O 1º regulamento usado desde a fundação foi submetido à apreciação das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora, conhecidas como Irmãs Salesianas em 1920. Elas receberam o mesmo intacto e com elogios em carta no dia 07 de maio de 1920 (Resumo Histórico do Oratório, julho de 1926, pdf).

72 O Pe. Pedro Rota foi o primeiro Inspetor Salesiano a visitar o Oratório de Dona Bebé por duas vezes: a 1ª visita aconteceu no dia 17 de julho de 1918 e a 2ª aconteceu no dia 29 de maio de 1919. Ele informou ao Reitor-mor Pe. Paulo Álbera da fundação do novo Oratório e este enviou carta de congratulações para Dona Bebé (Resumo Histórico do Oratório, julho de 1926, pdf).

E para maior emulação na virtude, estímulo ao zelo e edificação mútua, as meninas internas se dividiam em grupos devocionais chamados de Companhias. A primeira a ser fundada a Companhia Maria Mazzarello, no dia 31 de janeiro de 1920, cuja diretoria ficou composta por Dona Bebé como Diretora, Adolphina Elias da Silva como Conselheira, e Maria Pureza da Silva como Secretária⁷³.

Os anais trazem um mar de riquezas oferecidas às meninas internas, como também às externas. Logo no início do ano, a começar pelo mês de janeiro, as internas saíam para visitar os presépios nas casas de Aracaju onde estavam expostos, apresentavam hinos, pastoril; depois partiam de férias para a Atalaia onde veraneavam até o final de fevereiro ou início de março: no dia 31 de janeiro, celebravam o aniversário de morte de Dom Bosco com os veranistas. Realizavam a festa de São José no dia 19 de março. O mês de maio era cheio de celebrações dedicadas a Nossa Senhora, de modo especial os dias 24, dia de Nossa Senhora Auxiliadora e o dia 31, que era o dia da Coroação de Nossa Senhora. No mês de junho passavam as férias na Atalaia, e com os veranistas acendiam a fogueira, brincavam de quadrilha. No dia 16 de agosto, celebravam o aniversário de nascimento de Dom Bosco. No dia 22 de setembro realizavam grandes festas pelo aniversário de Dom Bebé. No mês de outubro era o mês do Santo Rosário. No mês de dezembro o Oratório preparava exposição dos trabalhos manuais produzidos pelas internas para vender às visitas e assim ajudar na manutenção. Elas dançavam o pastoril e participavam da missa do Natal à meia-noite.

Participavam das missas, retiros espirituais e outras atividades religiosas nos Oratórios, nos salesianos e em outros lugares em que eram convidadas a fazerem apresentações

73 Resumo Histórico do Oratório, julho de 1926, pdf.

de jograis e teatro. Além destes momentos, recebiam convites para participar de atividades recreativas com direito a um bom lanche no Colégio Patrocínio São José e em casas de famílias. Elas iam aos cinemas do Círculo Operário Católico a convite do Monsenhor João Moreira Lima.

Além da formação religiosa recebiam também formação de economia doméstica, tais como: corte e costura, bordado, cozinha, lavanderia, organização e limpeza da casa, artesanato.

Dona Bebé enviava relatórios de suas atividades tanto aos padres salesianos, que tinham, com frequência, um capelão à disposição, e às Irmãs Salesianas, no intuito de sensibilizá-las a assumir a Obra:

“Fez-nos visita extraordinária o Revmo. Pe. Pedro Tirone, Catequista Geral da Congregação Salesiana. Há de visitar Aracaju, talvez em setembro. O seu secretário é o Pe. Pedro Ghislandi, que Vossa Excia. Conhece. Recomendei ao Pe. Ghislandi que levasse o Visitador até o Oratório F. ‘D. Bosco’. A senhora fique preparada para recebê-lo; e também para lhe expor todos os seus desejos; pois ele é também o Visitador das Filhas de N.^a S.^a Auxiliadora. Por outro lado não tenha nem pressa nem impaciências. Se a responsabilidade lhe pesa, nem por isto espere mais comodidades de atender a si, ainda que acontecesse livrar-se desse peso. Pelo contrário!...

Portanto, nada lhe perturbe e continue como até aqui. Escrevi a D. Adalberto Sobral, agradecendo-lhe o carinho que demonstrou ao Oratório, por ocasião da sua visita a Aracaju.

Congratulo-me pela graça do dia 08 de Dez: a Senhora tem toda a razão de dedicar-se cada vez melhor

a fazer os desejos da Sma. Virgem de Auxiliadora, no cuidado das meninas pobres. Ensinar-lhes o catecismo, levando-as aos sacramentos e procurando até as mais necessitadas o alimento e agasalho, com elas se aproxima do Santo Paraíso” (Pe. Aníbal, Lavrinhas, 31 de janeiro de 1931).

No início dos anos 30, as alunas e amigas do Oratório, fizeram uma coleta a fim de angariar recursos para a compra de uma estátua em homenagem ao Padroeiro Dom Bosco, e também preparar um jardim para colocá-la. Era Dom Bosco que tanto atendia às necessidades do Oratório⁷⁴. A estátua foi inaugurada em clima de festa no domingo, dia 21 de agosto de 1932:

“Pela manhã, às 9 horas, houve missa cantada pelo Revmo. Pe. Diretor, com sermão ao Evangelho pelo Cônego Carlos Costa, ex-aluno salesiano, grande apreciador do heroísmo sem par, da nossa mãezinha, que lhe serve de estímulo, sobretudo, na fé e caridade, para com as crianças pobres. O Sr. Leôncio Santos, também ex-aluno salesiano e amigo de nossa casa, cantou a Ave-Maria antes do sermão.

Durante o dia, seguiram-se vários divertimentos e preparativos para a festa da tarde. Às 15 horas, movimentava-se grande parte da alta sociedade aracajuana para o bairro do Oratório “D. Bosco”, uns de

74 João Melchior Bosco, Dom Bosco (1815-1888) foi sacerdote católico, italiano, fundador da Congregação Salesiana. Considerado grande protetor da juventude. Faleceu em Turim, Itália, no dia 31 de janeiro de 1888. Foi beatificado em 1929 e canonizado pelo papa Pio XI, em 1934. Foi aclamado pelo papa como “O Pai e Mestre da Juventude”. Fonte: https://www.ebiografia.com/dom_bosco (06/03/2019, às 16h19).

carro, vários a pé e multíssimos por meio dos bondes, graças à bondade do Sr. João Mascarenhas” (Anais do Oratório, 21/08/1932).

A cada dia crescia o número de oratorianas, tanto de meninas pobres como outras que se sentiam atraídas pelo trabalho de Bebé. A repercussão das atividades do Oratório foi ganhando notoriedade na sociedade a ponto de atraí-la:

“Os dramas que ensaiava e com que reunia a melhor gente de Aracaju, pela boa apresentação das meninas, constituíam outro agradável divertimento, que seduzia a população da cidade, inclusive adultos, sem distinção de sexo ou posição social” (REGIS, 31).

O Cônego João Moreira Lima, Assistente Espiritual do Círculo Católico Operário de Aracaju, proprietário dos cinemas católicos, Vera Cruz – no Bairro Siqueira Campos – e o Cine Vitória – na Rua de Itabaianinha – vez por outra atendia ao chamado de Dona Bebé para passar filmes para as meninas do Oratório⁷⁵. Acontecia, também, várias vezes, da meninada ser convidada por ele a ir ao cinema no centro da cidade, principalmente no Cine Vitória⁷⁶.

Nos relatórios vemos que as meninas do Oratório, tanto as externas como as internas, recebiam do bom e do melhor em matéria de formação religiosa e cultural. Dona Bebé mendigava alimentos, transporte, material de higiene para ofere-

75 “05 de julho: O Reverendíssimo Cônego João Moreira Lima, a pedido da diretora, vem dar uma sessão cinematográfica para as crianças que tomaram parte da Páscoa, que se realizou em fins do mês de junho” (Relatórios do Oratório, 1940-42).

76 No dia 08 de junho de 1943, as meninas do Oratório foram convidadas pela Diretora do Educandário Menino Jesus para irem ao cinema no centro da cidade. No dia 27 de agosto de 1944, foram convidadas pelo Cônego João Moreira Lima a irem ao Cine Vitória (Relatórios do Oratório, 1943-46).

cer-lhes boa acomodação, roupas, remédios, educação religiosa, musical e intelectual, o lazer na praia de Atalaia, a assistir bons filmes tanto em casa como nos cinemas católicos, participar de apresentações teatrais e musicais, fazia visitas educativas a lugares importantes da Capital e no interior, vivenciavam as datas culturais nordestinas... Era uma agenda riquíssima para uma instituição que vivia da caridade.

Em 1922, Dona Bebé foi estimulada pelo Pe. Aníbal a abrir a escola primária, apesar das preocupações da manutenção e burocracias que lhe preocupava, no entanto, dizia ele, que:

“... da preferência na aceitação as que são de bom exemplo no Oratório pela assiduidade, piedade e obediência. Recuse as meninas que fossem rejeitadas por outras escolas, mesmo que oferecessem grandes vantagens; e também aquelas que lhe possam ser suspeitas de poderem ser de mal exemplo. Está vendo que o critério é diferente daquele que se adapta para admitir no Oratório, sobretudo se houver internato” (Pe. Aníbal, 19/06/1921).

Ao longo dos anos Dona Bebé foi construindo, parte por parte – igreja, internato, externato e pensionato – até o que vemos hoje, com o esforço pessoal, com as quermesses realizadas pelo próprio Oratório, concertos musicais beneficentes⁷⁷, subvenções dos governos federal, estadual e municipal:

“Ali, ao pé do Morro de Areia, já de há várias décadas uma obra modesta se iniciou numa atmosfera

77 No dia 14 de junho de 1941, “realizou-se um concerto da violonista brasileira Carmem de Assis, no salão de Concertos da Biblioteca Pública, em benefício do Oratório”. No dia 12 de outubro do mesmo ano houve uma festinha em benefício do Oratório (Relatórios do Oratório, 1940-42).

de pobreza e silêncio. Milhares de órfãosinhos, de crianças pobres e abandonadas ali recebem alimento, instrução e assistência e são encaminhados para o bem e para o dever. Muita gente desconhece talvez a obra apostólica, gigantesca que o Orfanato de D. Bebé vem desenvolvendo naquele bairro, obra que se reflete de uma maneira altamente civilizadora e por todos os títulos benéfica em nossa sociedade. O elegante prédio refulgente emerge da areia branca e refulgente é o produto de um esforço de muitos e muitos anos de sacrifícios e provações sem conta. Não sabemos de outra obra em Sergipe que supere em utilidade e benefícios feitos à coletividade. É pois com simpatia que lembramos à caridade e generosidade de nossa gente o Orfanato D. Bosco” (A Cruzada, 11/03/1945, p. 1).

A construção do pensionato no complexo do Oratório foi pensado para contribuir na manutenção do próprio Oratório, alugando quartos para estudantes e aposentadas do sexo feminino. Ela tinha uma obediência evangélica aos salesianos e aos bispos diocesanos. A eles sempre consultava antes de qualquer iniciativa, tanto na parte pastoral, como nas atividades do Oratório. O projeto de construir o pensionato foi pensado e aprovado pelo segundo bispo diocesano, Dom Fernando Gomes, na condição de que nele houvesse um apartamento reservado só pra Dona Bebé, conjugado ao que Aurinha ocuparia, a fim de que ela tivesse todo o conforto e cuidado da comunidade através de sua companheira de missão. Apesar do protesto dela, ela cedeu dizendo:

“É muito luxo para mim; não era isso que eu queria – queixava-se!

Dom Fernando foi irredutível: ou se cumpriria a sua vontade, ou não se construiria o pensionato, e ela teve que ceder.

Contudo, sob aquela aparência de relativa comodidade, vivia na humildade de uma pobreza escondida e voluntária!" (REGIS p. 40).

A primeira pedra do pensionato foi benta e posta às 15 horas do dia 16 de agosto de 1949 pelos padres João Moreira Lima e José Mendonça⁷⁸.

A criação dos Oratórios da Atalaia e de Itabaianinha...

Em 1930, Dona Bebé, ganhou do senhor Jovino Martins Fontes um terreno no povoado Atalaia a fim de que ela construísse uma casa de veraneio para as suas meninas⁷⁹. A escritura foi feita 14 anos depois, no final do mês de fevereiro de 1944, tendo seu irmão Torquato, conhecido pelas meninas como o tio Nôzinho, como testemunha que assinou no cartório⁸⁰.

O lazer fazia parte da vida das oratorianas. No início do mês de janeiro até fim de fevereiro ou início de março, as meninas internas do Oratório, mais algumas voluntárias e a Dona Bebé, passavam as férias na casa na Atalaia⁸¹. Geralmente era na casa de veraneio da Atalaia que Dona Bebé celebrava com as meninas e outros veranistas a festa de São

78 Anais do Oratório Festivo São João Bosco: 1948 (16 de agosto de 1949) – 1951: dia do natalício de Dom Bosco. Dia de festa no Oratório.

79 Vários nomes para indicar a Atalaia: Bom Jesus da Atalaia, bairro Barreta,

80 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1942 -1944.

81 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (Janeiro e Março) - 1951

João Bosco, no dia 31 de janeiro⁸². Para chegar até a casa de veraneio, Dona Bebé pedia transporte aos seus familiares, principalmente a seu irmão Nôzinho⁸³, amigos, prefeitura e até ao exército.

Encontramos registrado nos Anais do Oratório, que no dia 06 de fevereiro de 1930, Dona Genésia Fontes e sua auxiliar Maria José Teles, fundaram o Oratório Festivo “Maria Mazzarello”, no povoado Atalaia, *reunindo 18 meninas que ignoravam por completo os princípios de nossa santa religião*. Consta, ainda que, no dia 12 do mesmo mês, Dona Bebé levou as meninas do Oratório Dom Bosco para conhecer o novo Oratório. E que na semana da oitava da páscoa, no dia 24 de abril, uma quinta-feira, a comunidade oratoriana de Dom Bosco, junto com a Irmã Clara, Superiora do Hospital de Cirurgia, e as jovens Olga e Dulce Sampaio, foram passar o dia no novo Oratório e que elas ficaram hospedadas na casa de praia de tio Nôzinho, o irmão de Dona Bebé⁸⁴.

Dona Bebé escreveu ao seu amigo Pe. Aníbal sobre a abertura deste novo Oratório. Ele respondeu afirmando o quanto estava alegre:

“O Oratório festivo, aberto na Atalaia, é um sinal de que o Beato D. Bosco abençoa seus trabalhos e das suas zelosas catequistas: e virão outras...

... Os projetos sobre ‘escolas, sala de trabalho, orfanato, sanatório’ são demonstração de vivacidade de espírito. Muito bem! Contanto que nada entre de glórias vãs neste plano arrojado! Eu me allegro des-

82 31 de janeiro de 1943 - Relatórios do Oratório de 1943-46.

83 No dia 26 de fevereiro de 1942, Seu Torquato ofereceu o transporte para trazer as meninas de volta para o Oratório em Aracaju, depois de 23 dias de férias no povoado Atalaia (Relatórios do Oratório: 1940-42).

84 Anais do Oratório: 1926 a 1932

de já antevendo a sua realização, pois assim será garantida a vida duradoura do Oratório festivo”⁸⁵.

Conclui o registro que no dia 03 de novembro do mesmo ano, deram início aos trabalhos para a construção do prédio do Oratório Festivo “Maria Mazzarello”, e que no dia 31 de janeiro de 1932, dia da festa de Dom Bosco, realizaram uma procissão com a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora pela praia em direção ao referido Oratório, onde havia uma capelinha⁸⁶, acompanhada das oratorianas do Oratório Dom Bosco, da comunidade local e de veranistas, concluindo com a celebração da Santa Missa, leilão, teatro, bingo e distribuição de prêmios⁸⁷. O Pe. Aníbal foi informado por dona Bebé desta festa no novo Oratório⁸⁸.

O Relatório do ano de 1933 traz um retrato lindo das atividades dos dois Oratórios:

“No externado (do Oratório Dom Bosco) há uma escola pública mantida pelo governo com matrícula e frequência de 50 (cinquenta) meninas pobres da redondeza do Estabelecimento.

Há presentemente no internato 22 (vinte e duas) meninas, entre órfãs e necessitadas.

85 Pe. Aníbal, Páscoa de 1930 e 31 de janeiro de 1931.

86 07 de janeiro de 1945. Anais do Oratório, de 1945 a 1947, pdf.

87 Outros registros: passeio no dia 10/01/1932; festejos de Dom Bosco com os dois Oratórios no dia 31/01/1932, na Atalaia; também passeio na Atalaia, 22/09/1933. Em 1933, o “Maria Mazzarello” atendia a 50 meninas e o “Dom Bosco”, 150, todas em regime de externato. Anais do Oratório Festivo Dom Bosco no período de 1926-1932, Relatórios de 1933 – 1935.

88 Pe. Aníbal, 17/XI/1930: “O dia 31 de janeiro (1932), se ainda estiver vivo, hei de assistir – em espírito – com muita satisfação, a festa do novo Oratório festivo da Atalaia”. Ver também a carta 17/XII/1931.

Além dessas duas seções, mantém a casa dois Oratórios Festivos: Oratório 'Dom Bosco', Aracaju, no mesmo estabelecimento e o 'Maria Mazzarello' no povoado Barreta, ambos aos domingos com uma média de frequência de 200 (duzentas) meninas que aprendem o cumprimento dos seus deveres, e diariamente um curso de trabalhos manuais.

A base de educação está nos preceitos pedagógicos do Sistema preventivo, do Apostolado da Juventude 'Dom Bosco'...

Sob a orientação da Diretoria do Colégio Salesiano "Nossa Senhora Auxiliadora", tem o Oratório diretora própria sendo a atual a sua fundadora, D. Genésia Fontes. Com um grupo de generosas professoras e abnegadas senhorinhas, mantém além do curso primário completo, o curso regular de costura, prenda, dactilografia e música, podendo apresentar vários trabalhos para a Exposição artística muito elogiada e concorrida que fazem regularmente ou para as frequentes quermesses em benefício da instituição.

A aula de piano aos cuidados da maestrina Áurea Amorim, diplomada pelo Conservatório da Bahia, está em franco progresso como também o curso de música – teoria extensivo a todas as alunas.

Serem mesmo para o completo desenvolvimento das jovens oratorianas as apresentações no teatro nas principais festas durante o ano" (Relatórios do ano de 1933).

Sobre o Oratório de Itabaianinha, encontramos uma carta do Padre Aníbal Lazzari a Dona Bebé datada de 20 de maio de

1920, dizendo que ela *não deixe de se interessar do Oratório de Itabaianinha e de ajudá-lo enviando o Boletim Salesiano, opúsculos e conselhos.*

Não se tem mais informações a respeito da existência deste Oratório.

A assistência Religiosa aos Oratórios...

A Capelania dos Oratórios “Dom Bosco” e “Madre Mazzarello” era assumida pelos padres Salesianos, porém, ao longo da história dos Oratórios vê-se nos registros dos Anais e Relatórios, a presença afetiva e efetiva de vários bispos e do clero da Diocese de Aracaju. Entre eles encontramos: Dom Adalberto Accioli Sobral⁸⁹, Dom José Tomaz Gomes da Silva – 1º Bispo de Aracaju –, Dom Fernando Gomes – 2º Bispo⁹⁰ –, Dom José Vicente Távora – 3º Bispo e 1º Arcebispo –, Cônego Ovídio Teixeira, Cônego Edgar Brito, Pe. Emílio Serafim, Mons. Avelar Brandão Vilela⁹¹, Dom Mário de Miranda Vilas-Boas⁹², Pe. José Soares, Cônego João Moreira Lima (Assistente Espiritual dos Círculos dos Operários – cinemas), demonstrando assim, o reconhecimento da Igreja em relação à sua dedicação missionária com os mais pobres.

89 Datas: 1927, Bispo de Barra (BA); 1934 – Bispo de Pesqueira (PE); 1947 - Arcebispo de São Luís do Maranhão.

90 Em 1957, foi nomeado Arcebispo de Goiânia (GO).

91 Em 1946 – Bispo de Petrolina (PE); 1955 – Arcebispo de Teresina (PI); 1971 – Arcebispo de Salvador (BA) e Primaz do Brasil, 1973 – Foi nomeado Cardeal.

92 Em 1938 – Bispo de Garanhuns (PE), 1944 – Arcebispo de Belém do Pará (PA), 1956 – Arcebispo Coadjutor de São Salvador (BA), 1959 – Arcebispo da Paraíba (PB)

A chegada das irmãs Camilianas...

O tempo foi passando, as atividades foram aumentando e as estruturas físicas e pedagógicas também, tudo sob seu controle. Ela que era surda e com pouco estudo, lia muito bem nos lábios de quem a ela se dirigia e nos fatos do dia-a-dia da condução de sua obra.

Desde o nascimento do Oratório, Dona Bebé e o seu amigo salesiano, Pe. Aníbal, alimentavam a esperança de que aquela Obra seria assumida pelas Irmãs Salesianas. Ele aconselhava constantemente a Dona Bebé a enviar relatórios das atividades do Oratório para a superiora das Salesianas como se ela fosse uma delas, buscando sensibilizá-las e, quem sabe, poderiam vir a assumir aquela rica obra⁹³. No entanto, no início dos anos 20, eles já não alimentavam esta esperança. Ela expressou numa carta a ele, que respondeu no dia 05 de janeiro de 1921: *Pareceu que não tinha grandes esperanças para a vinda das Irmãs a Sergipe: não importa, coragem sempre e sempre como até aqui.*

E em outubro do mesmo ano Pe. Aníbal não vê com bons olhos a pressa de Dona Bebé em querer passar a direção do Oratório para a Congregação Salesiana:

“Nem se embale muito na ideia de que virão logo as irmãs de N.^a S.^a Auxiliadora, não: todo o peso e o mérito não os decline, nem nos pensamentos. É bom que o Oratório continue assim como começou, desprezioso, pobre, humilde, santamente alegre. Si continuei e continuo a interessar-me desta Obra de caridade, é porque me consola a imagem de que um grupo de almas inocentes e queridas de Jesus aí

93 Pe. Aníbal, Lavrinhas, 26/12/1924.

vivem a amá-lo; e porque, sendo as mais abandonadas do mundo, são por Ele mais queridas.

Todavia receio que esse zelo em lhe querer dar forma definitiva sem aguardar os indícios do Alto, essa insistência em querer subtrair-se a direção, (quais não fosse suficiente), com recorrer a outra suposta direção, seja uma astúcia do inimigo; o qual tem muita raiva ao nosso caríssimo Oratório de Aracaju” (Pe. Aníbal, 03/10/1921).

Tudo indica que Dona Bebé acolheu as exortações do Pe. Aníbal e ficou firme na direção do Oratório. Realmente, o Oratório Festivo São João Bosco ia tão bem sob a direção de Dona Bebé que era melhor continuar sendo dirigido por ela mesma, até enquanto forças tivesse.

“... estou tão acostumado a receber daí boas e cada dia mais consolantes notícias, que me deixes ficar quieto; como o matuto que contempla satisfeito a árvore crescer, dilatar a copa, cobrir de flores e carregar-se de frutos” (Pe. Aníbal, Lavrinhas, Páscoa de 1930).

Em setembro de 1948, Dona Bebé foi comunicada pelo Padre Ladislau, Inspetor Salesiano que passava por Aracaju, que a superiora das Irmãs Salesianas da Inspetoria do Norte, falou sobre a impossibilidade da congregação em aceitar o convite de assumir o Oratório. Diante do Inspetor ela foi franca em demonstrar seu descontentamento quanto a tal negação. Com aquela resposta se sentia forçada a entregar os Oratórios a outra comunidade⁹⁴.

94 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (14 – Setembro e 18 - Outubro) - 1951

Não encontramos qualquer correspondência das Irmãs Salesianas, respondendo aos relatórios enviados por Dona Bebé demonstrando as atividades dos oratórios; não se sabe de qualquer reação delas àquelas atividades missionárias nas periferias de Aracaju, junto aos mais pobres, sob o carisma de Dom Bosco. E como Dona Bebé sentia esta falta de sensibilidade das religiosas! Ela compartilhou seu sentimento com o Padre Aníbal, que assim respondeu:

“Não desanime diante do pouco caso que fazem desse oratório as F. de N. S. Auxiliadora. A Sma Virgem, quando for tempo, intervirá: a Obra, sem dúvida, é do seu agrado. Entretanto, V. Excia não está dispensada de pensar no futuro dos oratórios; pois penso que há também de envelhecer, e não é imortal... No resto continue alegre e alegrei as pobrezinhas de Aracaju e da Atalaia: e ‘de nada te perturbe’”⁹⁵.

Dona Bebé tendo suas limitações cada vez mais agravadas conversou primeiramente com o Padre Galli, Salesiano, e depois com o segundo Bispo de Aracaju, Dom Fernando Gomes⁹⁶, sobre a necessidade urgente de procurar uma congregação para assumir aquela obra. O Bispo estava recém-chegado à Diocese de Aracaju. Havia tomado posse no dia 15 de maio de 1948. Mesmo assim, ele foi à procura de uma congregação religiosa: nos dias 28 e 29 de junho seguinte, ele foi ao Oratório e à casa de veraneio na Atalaia acompanhado da Madre Provincial das Irmãs da Congregação do Amor Divino e uma de suas colaboradoras para verem a possibilidade de assumirem aquela obra. Mas, infelizmente, não deu certo⁹⁷. No

95 Pe. Aníbal, Lavrinhas, 04/08/1931.

96 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (14 - Setembro) - 1951

97 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (28 e 29 - Outubro - 1949) - 1951

dia 07 de fevereiro de 1950, ela, a conselho do Padre Galli e de Dom Fernando, foi ao Recife conversar com a Superiora da Geral da Congregação das Servas da Caridade e com o Arcebispo do Recife, por ser esta de direito diocesano⁹⁸. Assim ficou registrado no Relatório do Oratório, na mesma data:

“Foi lembrado pelo digno Pe. a Congregação das Servas da Caridade. Aceitando esta opinião a diretora dirigiu-se ao Sr. Bispo de Aracaju a fim de ouvir a sua opinião a respeito. Este concordou e fez uma carta apresentando a diretora ao Sr. Arcebispo de Recife, pois a Congregação das Servas da Caridade é diocesana. A diretora dirigiu-se imediatamente ao Governador do Estado Dr. José Rollemberg Leite a fim de solicitar duas passagens de avião, no que foi logo satisfeito. Foi recebida em Recife pela Superiora que a hospedou gentilmente. No dia seguinte dirigiu-se à cidade de Olinda a fim de entregar a carta do Sr. Bispo de Aracaju ao Sr. Arcebispo. Este recebeu-a atenciosamente e ouviu atentamente as razões porque a diretora desejava entregar a direção do Oratório a uma Congregação Religiosa. O Sr. Arcebispo prometeu estudar o caso e depois daria uma resposta”.

Ainda em fevereiro de 1950, Dom Fernando Gomes recebeu a carta resposta do Arcebispo do Recife, que passou para Dona Bebé, comunicando que a Congregação das Servas da Caridade não poderiam assumir as obras dela. No mês de maio do mesmo ano as Irmãs Franciscanas Portuguesas, através da Superiora Irmã Cândia, proprietárias do Colégio Patrocínio São José, também foram comunicadas pelo Bis-

98 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (7 – Fevereiro de 1950) - 1951

po⁹⁹, mas no dia 04 de dezembro, ele comunicou a Dona Bebé que a Madre Geral respondeu que não havia religiosas suficientes para tal obra. O Arcebispo de São Luís do Maranhão, Dom Adalberto Sobral, passando por Aracaju, abraçou a causa do Oratório e sugeriu a Dom Fernando Gomes a convidar as Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo, que inicialmente aceitaram, vieram visitar o Oratório e a casa de veraneio¹⁰⁰, mas depois desistiram¹⁰¹.

Somente na tarde do dia 18 de janeiro de 1952, é que Dom Fernando Gomes, acompanhado do Pe. Alfredo Tenório, levou as Irmãs da Congregação das Ministras dos Enfermos de São Camilo, conhecidas como “Irmãs Camilianas” – Ir. Maddalena Benedetti e Ir. Maria Gesualda Ghedini, respectivamente, Superiora e Auxiliar do Hospital “Juliano Moreira” – para conversar com Dona Bebé e conhecer o próprio Oratório:

“Desejavam elas fundar um noviciado, ainda não existente no Brasil em aceitando o convite dos Revmos Padres Capuchinhos, que se encontravam em Estância, vieram estudar as possibilidades de efetivar o que idealizavam, naquela cidade...

O encontro na viagem com o Pe. Tenório foi o caminho para alcançarem o destino que as aguardava. Expuseram-lhe o motivo da viagem e ele, lembrando-se do Oratório, encaminhou-as ao Sr. Bispo.

Dom Fernando, antes de lhes dar a licença solicitada, advertiu-as de que o melhor campo para atrair adeptas era a instalação do noviciado na Capital e

99 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (15 - Maio de 1950) - 1951

100 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: 1948 (04 – Dezembro de 1950, 09 – Maio e 26 – Julho de 1951) - 1951

101 Relatório do Oratório “Dom Bosco” - 1950, dia 12 de fevereiro e 04 de dezembro.

aproveitou a oportunidade para aconselhá-las a procurar Bebé, de cuja troca de ideias poderiam ambas tirar proveito para as suas aspirações.

Eis, pois, o motivo da visita, naquela tarde” (REGIS, p. 42)¹⁰².

E elas se entenderam. Dona Bebé ficou muito feliz porque, pelo fato da Congregação ser italiana, revelava que aquele acontecimento era mais um milagre realizado por Dom Bosco que, além de ser italiano, havia abençoado, no passado, a sua fundadora Madre Maria Domingas Brun Barbantini¹⁰³.

Então, elas agendaram a data da chegada das Camilianas e da transmissão da posse do Oratório, que aconteceu no dia 16 de março de 1952, o 3º domingo do mês. O dia inteiro foi de festa. Na parte da manhã houve a celebração da Santa Missa presidida pelo capuchinho Frei Hermenegildo e, às 4 da tarde, uma solenidade simples:

“Presentes estavam o Sr. Bispo Dom Fernando Gomes, Pe. Espiridião Góis, Reitor do Seminário, Diretor e Sacerdotes do Colégio Salesiano, Frei Hermenegildo, Superiora e Religiosas do Hospital de Cirurgia e do Colégio N. S. de Lourdes, Dr. Osvaldo Camargo e D. Albertina Sales, aquele, Diretor e esta, antiga funcionária do Hospital Juliano Moreira, as Revdas. Irmãs Maria Valéria Bertolini, Maddalena Benedetti e Maria Gesualda Ghedini, Bebé com sua família de sangue e a espiritual” (REGIS, p. 42).

E assim ficou registrado nos Anais do Oratório, referente aos dias 15 e 16 do mês de março de 1952:

102 Cf Anais do Oratório S. João Bosco: período de 1952-1955, Janeiro, dia 18

103 Fazendo Crescer, 50 anos, p. 9

“Dia 15 chegaram a esta Capital as Revmas. Irmãs Maria Maddalena Benedetti, Maria Gesualda Ghedini e Maria Valéria Bertolini, acompanhadas pelo seu confessor o Revmo. Frei Hermengildo, da Ordem dos Capuchinhos, Dr. Osvaldo Camargo, Diretor do Hospital Juliano Moreira, Albertina Sales, antiga funcionária daquela casa de saúde, que foram convidadas para assumirem a festa da transmissão desta Instituição para as Religiosas Ministras dos Enfermos, e da Senhorita Maria Guedes, candidata a esta Congregação.

As Revmas. Irmãs hospedaram-se no Hospital de Cirurgia, a convite da Superiora.

À tarde, o Revmo. Frei Hermengildo e do Dr. Camargo vieram visitar o Oratório.

Dia 16 às 16 horas davam entrada no salão de teatro: S. Excia. D. Fernando com o Revmo. Pe. Esperidião Góis, Reitor do Seminário Diocesano, Diretor e sacerdotes do Ginásio Salesiano; Superiora e religiosas outras do Hospital de Cirurgia e do Ginásio N. S. de Lourdes, o Revmo. Frei Hermenegildo, e o Dr. Osvaldo Camargo e as Religiosas que receberam esta Instituição. Ao entrarem no salão, onde já se encontrava as educandas, ex-alunas oratorianas, benfeitores da casa e todos os membros da família da atual Diretora, foram saudados por palmas.

Em lugar de honra, no palco, tomaram acento S. Excia. Dom Fernando ladeado pela Revma. Irmã Maddalena, a atual Diretora e Revmos. Sacerdotes e religiosas. Foi entoado por todas oratorianas internas e externas um hino à Santa Igreja, acompanhado ao piano. Em seguida, uma das internas proferiu um discurso de saudação ao Sr. Bispo e despedida à Diretora. Mais duas ór-

fãs declamaram poesias em homenagem à Diretora e à sua auxiliar. Novamente fêz-se ouvir o coral do Oratório, com um hino à D. Bosco. Seguiu-se o belo discurso de uma ex-aluna externa Prof.^a Regina Oliveira, sendo uma das testemunhas dos primeiros anos do Oratório. Soube descrever com toda (...) as ocorrências desta Obra, no período de 38 anos de existência. Terminando com grandes aplausos da assistência, foi entoado o Hino Oficial do Oratório. Tem a palavra, então, o Sr. Bispo fazendo transmissão da posse desta Obra às novas diretoras. Em nome destas, agradece o Dr. Camargo. Após, o Revmo. Pe. Espiridião lê a Bula onde o Sr. Bispo dá a ordem a Congregação das Ministras dos Enfermos para instalar o Noviciado nesta Cidade, anexo ao internato. Como término desta parte do programa, o coral entoa outro hino a Dom Bosco. Segue-se a bênção do andar superior do pensionato, pelo Sr. Bispo; e na capela, a bênção com o S. S. Sacramento, dada pelo Revmo. Padre José Mendonça”.

E Dona Bebé, cheia de alegria disse às Irmãs Camilianas:

“As senhoras são donas de tudo! Podem assumir tudo, com escritura e papel passado! Só peço que a Obra, por mim fundada continue com o seguinte objetivo: dar acolhida às crianças órfãs e pobres, educação cristã, formação para a vida, escola com alunas externas (Oratório Festivo), catequese e festas aos domingos à tarde e que me concedam uma parte, um quarto no pensionato para mim e Dona Aurinha vivermos até quanto Deus quiser e também que eu possa continuar ajudando na parte de assistência às crianças do externato na Escola e assistên-

cia espiritual às minhas meninas” (Fazendo Crescer, 50 anos, p. 11).

A Dona Aurinha, a quem Dona Bebé se refere é Áurea Vitória de Amorim, uma excelente professora de piano diplomada no Conservatório de Música da Bahia, que foi acolhida no Oratório como colaboradora desde o dia 18 de maio de 1929¹⁰⁴.

No dia 28 de abril seguinte, uma segunda-feira, a Madre Geral das Irmãs Camilianas oficializou a Irmã Gesualda Ghedini como a nova Diretora do Oratório¹⁰⁵.

No dia 19 de julho, uma quinta-feira, os documentos da transmissão de posse dos bens móveis e imóveis do Oratório S. João Bosco, cujos registros eram em nome de Dona Bebé¹⁰⁶, foram repassados às Irmãs Camilianas e registrado no cartório do senhor Manuel Souza, tendo como testemunhas os senhores Leonardo de Carvalho Leite, advogado da casa, e João Maynard¹⁰⁷.

Mesmo tendo São Camilo de Lellis como padroeiro da Congregação, e a espiritualidade da fundadora Maria Domingas Brun Barbantini, as Irmãs Camilianas se comprometeram a assumir também as devoções a Dom Bosco e a Nossa Senhora Auxiliadora, vivenciadas pela fundadora do Oratório, Dona Bebé.

Às 6h30 da manhã, durante a missa do primeiro domingo de setembro, dia 07, o Cônego Antídio Teles de Menezes assumiu a Capelania do Oratório. Ele se ofereceu espontaneamente visto que os Salesianos, naquele período, se achavam

104 Anais do Oratório S. João Bosco, 1926 a 1932, pdf.

105 Anais do Oratório S. João Bosco: período de 1952-1955, Abril de 1952, dia 28.

106 Carta do Pe. Anibal, Lavrinhas 06 de novembro de 1928: *“Quando foi comprado esse terreno, foi nomeada proprietária V. Excia. exatamente para prever e prevenir as dúvidas futuras: sendo proprietária e única diretora, não pode haver dúvidas sobre a administração”*.

107 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: período de 1952 – 1955, julho de 1952, dia 19.

em dificuldades de assumir a *capelania diária*¹⁰⁸. Em março de 1953, os Salesianos indicaram o Padre José Mendonça como confessor da comunidade oratoriana¹⁰⁹.

No anexo ao Oratório as Irmãs Camilianas instalaram seu Postulantado e Noviciado. No dia 25 de março de 1953, às 7h da manhã, houve a celebração da missa, presidida por Dom Fernando Gomes, onde houve a vestição das primeiras postulantes e noviças brasileiras: Núbia Vieira e Ana Vidal da Silva, que tomaram, respectivamente os nomes de: Irmã Maria de Fátima e Irmã Maria do Carmo. Estavam presentes neste momento festivo a Mestra Irmã Maria Ubalda, a Madre Geral, Irmã Maria Elleta, vinda da Itália junto com sua Secretária, Irmã Maria Antonieta¹¹⁰.

As Irmãs Camilianas...

As Irmãs da Congregação das Ministras dos Enfermos de São Camilo, ou popularmente Irmãs Camilianas, é de origem italiana. Foi fundada pela Bem-Aventurada Madre Maria Domingas Brun Barbantini, nascida em Lucca no dia 17 de janeiro de 1789. Seus pais eram o Pedro Brun, de origem suíça – membro da guarda Suíça do Papa –, e dona Giovanna Granucci, de origem Luques. Foram gerados 07 filhos, ela era a segunda filha. Na sua adolescência sofreu com a perda de 03 irmãos adolescentes.

Maria Domingas casou-se aos 22 anos de idade e, aos 05 meses após o casamento, ficou viúva grávida do menino Lourenço. Decidiu entregar-se por completo a Jesus crucificado e

108 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: período de 1952 - 1955, Setembro de 1952, dia 07.

109 Anais do Oratório Festivo S. João Bosco: período de 1952 – 1955, Março de 1953, dia 25.

110 Anais do Oratório Festivo: período de 1952 – 1955, Março de 1953, dia 25

a Ele consagrou-se *total e irrevogavelmente, elegendo-O qual “único e exclusivo amor” e “esposo dulcíssimo”*.

Na região de Lucca, apesar de ter um serviço de saúde público reconhecidamente de alto nível, não atingia aos pobres doentes e moribundos das periferias, que viviam abandonados. Maria Domingas via neles a “mesma pessoa de Jesus Cristo”, dedicando-lhes “toda espécie de serviços, também os mais vis e os mais repugnantes à natureza”. Diante de tanta miséria e abandono, Maria Domingas reuniu um grupo de 07 amigas e fundou a associação da Pia União das Irmãs da Caridade para servir a estes nossos irmãos. Mais tarde ela convidou três amigas com as quais deu início a Congregação das Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo, no dia 02 de fevereiro de 1829.

Uns 12 anos depois, no dia 05 de agosto de 1841, o arcebispo de Lucca, Dom Domenico Stefanelli, aprovou as Regras e, no dia 15 do mesmo mês, as Irmãs emitiram a profissão religiosa. No dia 23 de março de 1852, o Papa Pio IX, aprovou o Instituto sob a denominação “*Sororum Infirmis Ministrantium*” (Irmãs Ministras dos Enfermos), nome oficial dos religiosos filhos de São Camilo, daí a comunhão espiritual do Instituto de Maria Domingas com a ordem dos Ministros dos Enfermos. No dia 19 de agosto de 1855, durante um período de uma grande epidemia de cólera, elas receberam a autorização para usar no seu hábito a Cruz Vermelha de São Camilo de Lellis.

Maria Domingas faleceu no dia 22 de maio de 1868 e foi proclamada Bem-Aventurada pelo Papa São João Paulo II, no dia 07 de maio de 1995:

“As suas filhas, hoje dispersas pelo mundo, continuam segundo o carisma da Madre, a missão evangélica de caridade para com a humanidade sofredora, cumprindo o mandato do Salvador: ‘curai os doen-

tes... e dizei a eles: o Reino de Deus está próximo de vós” (Lc 10,9).¹¹¹

Testemunhos

Leyda Regis: Ela [Dona Bebé] jamais se arrependeu de haver doado “sua” Casa às piedosas Irmãs Camilianas e estas lhe tinham particular estima e real admiração, tratando-a, como “suas filhinhas”. Com o carinhoso título de “Mãezinha” e beijando-lhe, com respeito e veneração, a mão dadivosa. Outro comportamento digno de louvor é o de conservarem o espírito de Dom Bosco nos destinos da Casa, elas que têm seu Patrono principal [...], São Camilo de Lélis, o Apóstolo dos Enfermos (REGIS, p. 42).

Maria Madalena da Conceição Rodrigues: Eu vim para o Oratório quase completando 07 anos. Cheguei em 1948, no dia 06 de janeiro, ainda tinha o presépio montado na Igreja. Foi a primeira coisa que me levaram a ver. Tinham morrido meus pais e fiquei com a madrinha de batismo, dona Marieta, que me trouxe aqui para ser interna... Mãezinha é quem dava o catecismo e me preparou para a Eucaristia que se fazia sempre na festa de Dom Bosco... O que eu admirava de Mãezinha, era que ela tinha muita proximidade do Santíssimo. Isto sempre me cativou dentro do coração. Nunca esqueci. Eu a via sempre passar quietinha e ficava no último banco da Igreja e passava tempo em oração. Hoje tem adoração na Igreja perto de casa. Aprendi adorar a Jesus com Mãezinha.

111 REVISTA COMEMORATIVA: Fazendo a Vida Crescer, 50 anos:

Irmã Arlinda Roberto Santos, religiosa Camiliana: Fomos 03 (três) jovens do Oratório, que chegamos a ser religiosas na congregação das Camilianas, as primeiras preparadas por Mãezinha Bebé: Ir. Maristela Oliveira, Ir. Bernadete Vasco e eu... Ela preparou nossas grinaldas e ficou feliz de sermos as suas primeiras filhas religiosas nesta casa. Ela amava muito as Irmãs, e a Irmã Roberta, que foi destinada ela Superiora para ajudar e cuidar de Dona Bebé, que a tinha como uma filha. Ela ficava direto no Externato e tomava conta da Escola com Dona Bebé. (SANTOS, Ir. Arlinda Roberto, p. 21)

FOTOGRAFIA

Primeiros locais de reunião de Dona Bebé com
as meninas da periferia de Aracaju



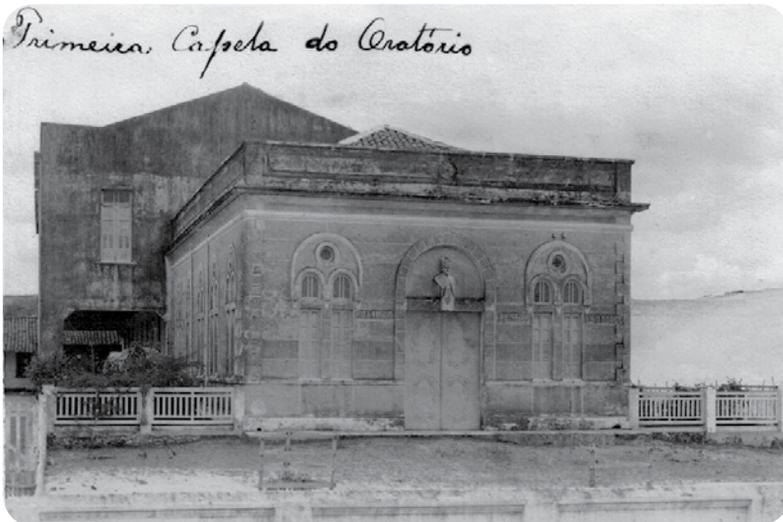
A casinha de Dona Cecília



O Oitizeiro (Ano de 1916)



Primeira residência do Oratório
onde se iniciaram a catequese, as primeiras aulas e o orfanato



Primeira Capela do Oratório



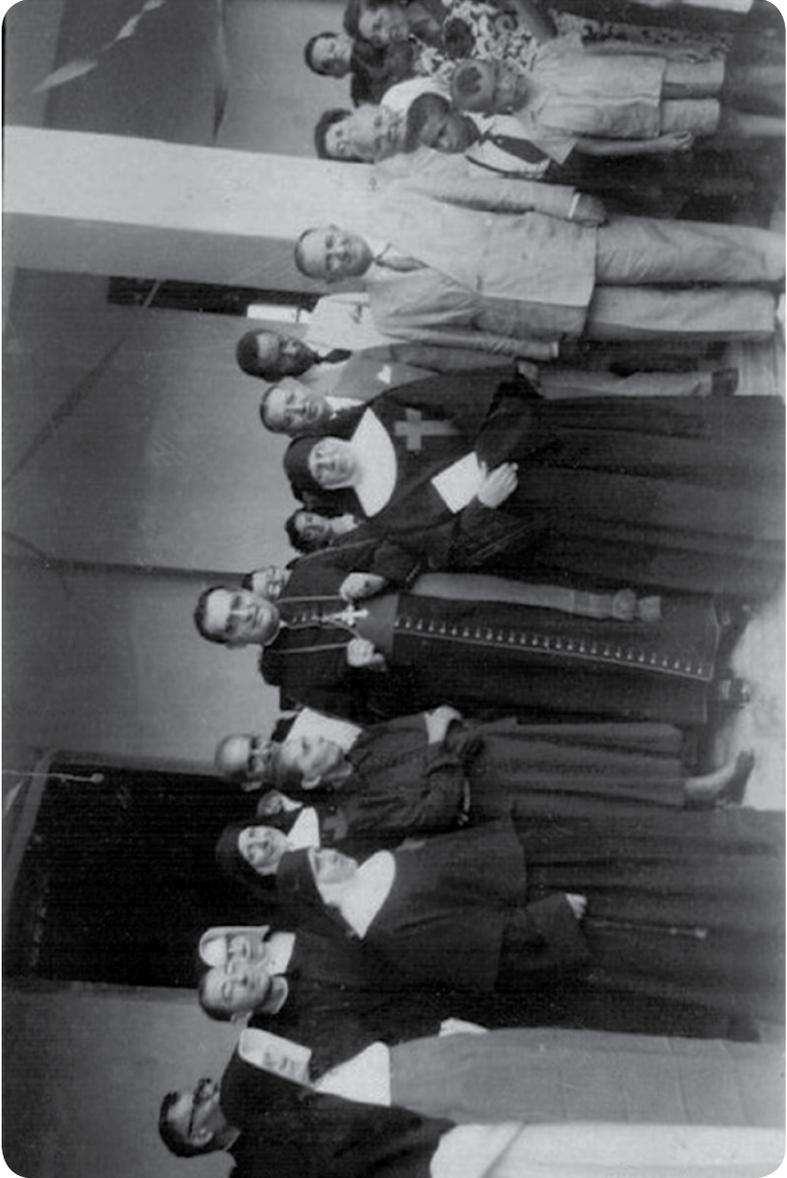
Pe. Aníbal Lazzari



“Minha Rurinha”

**Dia 16 de março de 1952, quando houve a
doação do Oratório às Irmãs Camilianas**







Irmã Valéria com dona Bebé



U

Um impulso missionário incontrolável...

Desde cedo, a jovem Bebé se entregou inteiramente a Jesus, participando ativamente dos momentos das celebrações eucarísticas como na missão. Sentia-se chamada por Ele a amá-Lo todos os dias. Sua teimosia no tempo da adolescência em transgredir as normas impostas pelas rixas políticas entre sua família e o padre local, lá em Riachão do Dantas, foram sinais de seu amor por Aquele que é o nosso grande Amor: Jesus. Reações que se repetiram ao longo de sua história de fé e vida: não se acomodava ao aconchego familiar diante do incômodo que a situação dos pobres das periferias de Aracaju lhe causava. Ela reagia indo ao encontro deles, assumindo-os como sua família. Era uma leiga em saída, missionária. A catequese, a prática eucarística e sua devoção mariana eram seus instrumentos de formação dos mais pobres daquela região, principalmente as meninas. Ela, sendo missionária leiga, priorizava o Serviço a Deus e à Igreja, conforme o carisma de Dom Bosco.

Mesmo com a deficiência auditiva, era uma moça ativa, despojada de si mesma, que não se aguentava viver em casa. Sua relação com os pobres era como de uma pastora, que juntava e cuidava do rebanho excluído nas periferias para a formação cristã coroada com a Santa Missa.

Várias vezes, já em Aracaju, ela teve que convencer e até driblar seus familiares que a queriam mais em casa, devido a sua fragilidade e, também, porque era uma moça de família de

bens e que era perigoso sair sozinha, desacompanhada, pelas periferias da cidade:

Certa vez, Lourival, o irmão mais novo, deixou-a presa no quarto e, ao sair para a aula de inglês, escondeu a chave em cima da mesa sob a toalha. Pensava que, após instantes de busca, seria encontrada facilmente, e daria liberdade. Talvez, mesmo, quisesse dizer a um dos irmãos onde a pusera e se tivesse esquecido. O caso é que, chegada a hora de Bebé correr para o seu apostolado, em vão bateu na porta, chamando, finalmente, para que viessem abri-la.

Baldados os esforços para encontrar a chave, D. Maria Prima mandou que a empregada fosse indagar de Lourival e só assim pudessem libertá-la, com grande alegria de sua parte e de sua mãe, porque logo chegou Torquato, que assumira a chefia da família após a morte do pai e tomaria o partido de Bebé, passando uma repreensão em regra no ‘caçula’..

Em outra ocasião, foi Gontran quem tirou a chave do portão, a fim de retardar-lhe a hora da saída, pela manhã. Bebé não hesitou: pulou o muro e lá se foi ‘gozando’ a peça que pregara ao irmão!... (REGIS, p.29).

Na medida em que o tempo ia passando, a jovem Bebé era desafiada na renovação do seu sim à vocação missionária que abraçara desde pequena. Sua atividade missionária lhe impulsionava à radicalidade evangélica, isto é, a viver como Jesus viveu, doando a sua vida pelo bem do próximo, abandonado à margem da sociedade. Seu jeito de viver sob o carisma de Dom Bosco a distanciava da família biológica e lhe impulsionava a viver como membro da família dos pobres:

“Investigava os lares, saneava os ambientes corrompidos e, se não podia atender às necessidades materiais, confortava-os com os extravasamentos de fé e confiança que de seu coração brotavam em jorros de amor ao próximo.

Compreendendo que, ao lado da formação espiritual, uma ocupação sadia preservaria muitas almas da corrupção e do vício e defenderia a inocência de outras, fundou uma escola de trabalhos domésticos e, em 31 de janeiro de 1920, a Companhia de Maria Madre Mazzarello, nome dado em honra à humilde serva de Deus e primeira Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora. Estendeu seu apostolado até o Bairro da Atalaia, fazendo funcionar um centro de catecismo” (REGIS, p. 35).

Decidida a viver pobre com os pobres...

O dia 08 de dezembro de 1920, um dia de quarta-feira, dia da festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição, padroeira de Aracaju, era dia santo e feriado municipal. Naquele dia, sua família, após as celebrações festivas dedicadas a Nossa Senhora, decidiu veraneiar na praia de Atalaia e por ficar por lá até depois do carnaval.

Naquele tempo a praia de Atalaia era lugar onde as famílias ricas da capital tinham casas de veraneio, e parte de sua família já tinha superado a pobreza que haviam passado lá em Riachão do Dantas.

Aconteceu que a jovem Bebé, já com seus 30 anos de idade, insistiu em não acompanhá-los à Atalaia e, depois de muita insistência da parte dela, deixaram-na ficar em casa. Quando seus familiares saíram em viagem, ela pegou alguns poucos

pertences seus e fugiu de casa decidida a morar no casebre de Dona Ceciliana Praxedes, que só tinha uma esteira como mesa e uma caminha estreita com um colchão de capim. Dona Ceciliana, que já estava em um novo endereço, na Rua Ribeirópolis, perto da missão salesiana, foi pega de surpresa. A pobre de Dona Ceciliana ficou apavorada com a aquela situação de receber uma jovem, primeiro porque sua casinha era tão pobre que não havia vaga para outra pessoa, era pobreza mesmo; segundo, aquela mocinha era filha de gente rica e importante em Aracaju e tudo aquilo iria acabar em confusão:

“[Dona Bebé] Não teve tempo para pensar nas consequências da situação, porque entrou, logo após, despreocupada e confiante, explicando: ‘minha gente foi para Atalaia e queria me levar!... ora, se eu ia!... Deixar as minhas meninas!’. Felizmente, Nôzinho (o irmão Torquato) concordou que eu ficaria em casa, mas eu achei melhor ficar perto das minhas meninas... O dinheiro que me deu para minha manutenção vai servir para comprar umas coisinhas de que precisam; para nós, qualquer coisa basta!” (REGIS, p. 31-32).

Mas os planos de Deus eram outros. Dona Bebé conseguia ler os sinais que lhe apareciam pelo caminho para ajudá-la ou que tentavam obstruir sua caminhada. Irmã Arlinda nos conta um episódio ocorrido na casa de Dona Ceciliana:

“Um dia sem saber como apareceram abruptamente inúmeras cobras na cobertura da casa... Talvez, surgissem de um ninho, que se formara às escondidas. E era a noite que elas mais apareciam, deslizando ora tranquilamente, ora em disparada. Às vezes,

pendurando-se pela extremidade do corpo alongado, equilibrando-se apenas pelas caudas finas, mexendo-se em meneios, como se estivessem fazendo demonstração. Ceciliana se apavorava (nunca tinha visto aquilo em sua casinha), contudo Bebé não tinha medo e dizia para ela calmamente: *Não se preocupe Ceciliana, isso é Satanás, que quer me meter medo, para eu sair daqui, abandonar minhas meninas e delas tomar conta. Nossa Senhora não deixará que as coisas nos façam mal.*

E como Ceciliana protestasse sempre mais apavorada e com muito medo, Dona Bebé aconselhava: *Olhe Ceciliana, apague a candeia e vá se deitar, que eu fico reparando se alguma despenca lá de cima.*

Que nada! Quem ficava velando era a pobre mulher, que choramingava, rezava terços e orações, entrecortados aos suspiros e gritos nervosos, correndo de um lado para outro na salinha apertada, que também servia de quarto. Dona Bebé, encolhida no colchão duro, tranquilamente dormia o mais sossegado dos sonos! E esta situação durou por muito tempo, até que as serpentes desapareceram como surgiram, sem a interferência de ninguém” (SANTOS, Ir. Arlinda, p.13).

A decisão de viver pobre e morar com os pobres e no meio deles ficou pra depois:

“Atacada de papeira, teve que voltar para a casa da família, por falta de condições profiláticas que lhe garantissem a cura. Embora afastada das ‘filhinhas’, não as perdia de vista porque elas, teimosas e indiferentes ao perigo do contágio, procuravam vê-la às

escondidas, auxiliadas por Gontran que, sorrateiramente, as encaminhavam ao quarto da irmã, sem o consentimento de D. Maria Prima que, justamente zelosa do repouso e despreocupação da filha enferma, não aprovaria aquela invasão das pequenas imprudentes” (REGIS, p. 33).

Posteriormente, a jovem Bebé adquiriu uma choupana, com recursos próprios dos seus trabalhos artesanais e muito sacrifício, na qual acolheu as duas primeiras meninas irmãs órfãs de mãe, Guiomar e Cecília, e assim naquela humilde casinha se inaugurava o Orfanato¹¹².

Ela desejava muito ser freira, mas os planos de Deus eram outros...

Sabe-se que Dona Bebé, desde criança, alimentava o sonho de um dia ser freira, em entrar na vida religiosa para se entregar de corpo e alma aos doentes, pobres e desamparados. No ano de 1922, ela procurou junto ao seu padre amigo e confessor, Aníbal Lazzari, orientações para ser acolhida pela Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, conhecidas como Irmãs Salesianas, mas este lhe respondeu que, conforme alguns critérios da Congregação, para ser admitida tinha que ter idade mínima, boa saúde e ter algum diploma, requisitos estes que ela não preenchia:

“Quanto à sua admissão, tendo já passado da idade, disse-me: ‘ela poderia vir morar conosco, porém sem tomar o hábito’.

112 REGIS, p. 33.35

Fiz-lhe francamente conhecer que, se isto redundasse em deixar perecer o Oratório de Aracaju, a Sra. D. Genésia renunciaria, como renunciou no passado, à sua segurança e comodidade pessoal, e se deixaria entregue nas mãos da Divina Providência.

Sei que estas notícias poderão levar-lhe alguma tristeza, da qual eu tomo parte por ter sido de longe um dos causadores, com meus applausos à Obra do Oratório. Agora, porém, é a ocasião de dobrar a fé e a coragem.

E não lhe basta saber que Dom Bosco e a Sma. Virgem Auxiliadora abençoam, sorrindo carinhosamente, à sua pobrezinha da Bebé?" (Carta do Pe. Aníbal, São Paulo, 08 de janeiro de 1922).

Mesmo assim ela tentou também, em vão, com as Irmãs do Colégio Santa Inês, em São Paulo¹¹³. O Pe. Aníbal Lazzari sentindo sua tristeza a confortava dizendo que *para servir a Deus e fazer o bem ao próximo não será necessário vestir hábito ou usar babado branco*¹¹⁴. Ou ainda: *"Vejo mesmo que N.ª S.ª Auxiliadora se fia das suas boas e corajosas Filhas de Aracaju, mesmo que não levem véu preto e babador branco!"*¹¹⁵

Dona Bebé era muito frágil: no final do ano de 1945 até o início do ano de 1947, ela teve que se ausentar várias vezes do Oratório, a conselho médico, e ir repousar na casa de parentes em Riachão do Dantas, acompanhada algumas vezes por nossa prima Isabel Oliva¹¹⁶. Nestes períodos, ficaram auxiliando nos trabalhos do Oratório as

113 LAZZARI, 1922, p.5 in BONIFÁCIO, p. 43

114 LAZZARI, 1925, p.2 in BONIFÁCIO, p. 43

115 Carta do Pe. Aníbal, Recife, 14, véspera da Assumpção de Nossa Senhora.

116 Prima do autor

colaboradoras Nair Fiel da Cruz e Dulce Fontes Nascimento, entre outras¹¹⁷. Ela era completamente surda. Em obediência ao médico e à sua família ela foi ao Rio de Janeiro no período de 23 a 29 de setembro de 1948, adquirir um aparelho otofônico¹¹⁸.

As congregações religiosas foram incapazes de contemplar em Dona Bebé, no seu testemunho de vida, uma mulher destemida, guerreira, disposta, que ouvia muito bem as palavras de Jesus e que já atendia Seu chamado atuando como missionária, catequista, a “Mãezinha” de meninas pobres. Ela foi chamada por Jesus a estar junto a Ele presente nas meninas das periferias de Aracaju:

“Dom Bosco quiz que a senhora não vestisse o hábito das Irmãs Salesianas, para que talvez ficasse aí mais Salesiana; assim como teve que deixar de ser Filha de Maria para ser filha de Maria. Tenha paciência! ‘Nunca ir adiante da divina Providência, mas sempre atentíssima pronta a seguir-lhe os acenos’”(Pe. Aníbal, Lavrinhas, 13 de julho de 1925).

A ex-aluna do Oratório, Professora Maria Regina Oliveira, exprimiu muito bem este amor de Dona Bebé por Jesus em sua fala, saudando as Irmãs Camilianas na tarde do domingo, 16 de março de 1952, durante a solenidade em que elas receberam a administração do Oratório:

“É o que desejo fazer, volver aos tempos idos e vividos e recordar como nasceu esta casa!

117 Anais do Oratório Festivo – 1945-1947: Dulce Fontes é irmã do autor, já falecida.

118 Anais do Oratório Festivo São João Bosco. Período de 1948 (23 – 29 de setembro) – 1951.

Recordar o heroísmo de D. Genésia Fontes, a nossa D. Bebé. A pedra angular desta obra, que viveu neste recanto afastado do borbórinho tumultuante da cidade, a lição admirável do Evangelho.

A essa instituição consagrou os melhores anos de sua vida, sem temer canseiras, sem olhar fadigas, a dedicar todas as suas energias ao seu grande ideal – levar almas para Deus.

E se como já afirmaram ‘não existe instituição que prospere sem primeiro encontrar nos seus alicerces o sacrifício humano’, esta casa representa o holocausto de D. Bebé. Aqui enrugou as faces no labutar cotidiano e as preocupações e problemas embranqueceram-lhe os cabelos. Mas se a ação do tempo e dos sacrifícios feriu-lhe o físico, não lhe pode afetar a têmpera de aço fortificada na sua fé inabalável e no seu amor a Jesus Cristo.

Tinha o seu ideal e por Ele renuncia a comodidade do seu lar e o aconchego da família para consagrar-se inteiramente à sua missão” (Anais do Oratório Festivo, período de 1952-1955).

As congregações foram surdas e insensíveis ao seu estilo de vida pobre e despojado, no entanto ela foi ouvida e vista pelo Senhor, Dono da Messe, que a acolheu, de braços abertos, presente em cada criança que por ela foi acolhida: *O que fizestes a um dos menores destes meus irmãos, a mim o fizestes* (Mt 25, 40). Porém, o seu amigo e irmão de missão, sob o carisma de Dom Bosco, Padre Aníbal, contemplava e se alegra com Dona Bebé, porque via nela uma mulher consagrada, radical na opção de vida evangélica, mais próxima aos ensinamentos de Jesus vivenciados por Dom Bosco, no des-

pojamento, exalando liberdade e servindo na missão junto às meninas pobres:

“Alegro-me porque cada vez mais V. Excia. se confirma no santo propósito de consagrar toda sua vida em favor das meninas pobres; e isto sem tantas exterioridades nem formalidades. Exatamente como fez Dom Bosco, que só introduziu votos, hábito, regras, por extrema necessidade e por ordem do papa. E, confirme-se também na fé, de que Aquele que lhe deu esta vocação não lhe faltará com os meios necessários de levar adiante a Sua Obra” (Pe. Aníbal, 03/10/1921).

No início de sua missão não foi compreendida e, tampouco, acolhida pela sociedade e pelos seus familiares. Não se sabe quantas vezes a jovem Bebé foi chamada de ‘doida’ por onde passava:

“Pessoas de boa família, como eram consideradas, residentes pela vizinhança, muitas vezes, quando Bebé passava com suas meninas a caminho da Igreja, gozavam a alegria maldosa de vê-las aos gritos, correndo daqui para ali, perseguidas pelos cães soltos e de dentes arreganhados.

Outras diziam alto para serem ouvidas, com a petulância de quem faz um juízo acertado: Lá vai a ‘doida’ com a canzoada de ‘molecas’...” (REGIS, p. 43).

Na medida em que o tempo ia passando, sua dedicação e perseverança missionária repercutiam na sociedade aracajuana e fora do Estado. Seus familiares, também, foram se envolvendo com a família oratoriana, participando solidária e

voluntariamente de forma afetiva e efetiva das atividades do Oratório Festivo São João Bosco:

“... [Seu irmão] Torquato, tornara-se um verdadeiro pai do Oratório, o que deu motivo a que as meninas o chamassem, por gratidão e carinho, “Tio Nôzinho”. Quantas vezes, porta a dentro, sem se fazer anunciar, ia ele destampar as panelas e ver o que havia para comer, vasculhar a despensa pouco ou nada provida e, depois, despejar do carro barricas de balcão, fardo de carne seca e outros comestíveis, com que aliviava as necessidades de alguns dias!... Aliás, não é de estranhar este comportamento humano e cristão de Torquato. O que foi ele para o Serviço de Assistência à Mendicância (SAME) e tantas instituições de caridade?!...” (REGIS, p. 48)

Dona Bebé não se envaidecia. Ela sabia qual seria a sua recompensa. Seu diretor espiritual Pe. Aníbal Lazzari, na carta de 06 de julho de 1920, lhe dizia isso:

“A recompensa não lhe dará o mundo, a não ser, talvez, algumas palavras ocas, de elogio; nem lhe virá de ninguém deste pobre mundo – não se iluda! –, mas a Virgem Santíssima encarregará o Venerável Pai Dom Bosco para lhe preparar uma bonita recompensa no céu”.

Testemunhos

Leyda Regis: Bebé sentia-se realizada. Se eram mínimas as condições de instalação, grande era a sua confiança em Dom

Bosco que, certamente, pela Virgem Auxiliadora, alcançaria de Deus um futuro promissor às suas aspirações, a assistência às crianças abandonadas cujas mães precisassem sair para o trabalho cotidiano ou mesmo que lidassem no próprio lar, mas deixavam-nas sem nenhuma formação moral e espiritual... A responsabilidade de um internato não entrava em suas cogitações; estava, porém, dentro do plano divino!... (REGIS, p.34).

Maria Regina de Oliveira, ex-oratoriana: O nome de D. Genésia Fontes (D. Bebé) será sempre pronunciado com respeito e veneração, não só pelas suas ex-alunas e órfãs, como por todos que acompanharam o desenvolvimento do Oratório Festivo Dom Bosco, obra de vulto e valor que teve início à sombra de um oitizeiro, depois no Carro Quebrado, em casa de minha patrícia e amiga Ceciliana Praxedes, a quem as Oratorianas agradecem o apoio e a generosidade. Não devemos esquecer a abnegação, o desvelo das incansáveis saudosas D. Jesuína Sandes, D. Maria Gomes da Cunha (Marocas). E D. Octávia Gomes, as quais rendemos nossa homenagem póstuma. Minha madrinha Bebé, sei que está no céu, pois consagrou sua existência às meninas. Sempre protegeu as órfãs, sob a proteção de Nossa Auxiliadora e S. João Bosco. Sofreu pelos filhos, que não eram seus, o que hoje em dia muitas mães verdadeiras não fazem! Renunciou a grandeza de sua casa e família para estar ao nosso lado, num barracão de palha! Trocava as festas coloridas do seu meio, pelas nossas brincadeiras grosseiras. Esquivou-se de tudo, pelo amor a Deus, às suas oratorianas, e órfãs (A Morte de uma Santa, jornal Semana Católica, outubro de 1960, p. 4).

UI

A partida antes da hora...

O dia 14 de setembro de 1960 foi numa quarta-feira. Nós católicos celebramos a festa da Exaltação da Santa Cruz. A cruz foi o instrumento de humilhação, de execração pública, usado naquele tempo pelo império romano contra os que subvertiam a ordem pública. O nosso querido e bom Jesus foi julgado e condenado à morte pelo poder religioso judeu, representado por Anás e Caifás, que o acusavam de blasfemo (Jô 10, 31-42) e por este pecado devia ser morto imediatamente (Lv 24, 11-14), e morte na cruz por ter sido acusado de subversivo por estes diante de Pilatos, a quem Jesus confirmou que era o Rei dos Judeus (Jô 18, 37). Ele, na sua inteira dedicação aos mais pobres, com quem se identificou na vida e missão (Mateus 25, 31-46), incomodou os exploradores dos pobres que controlavam a religião e a política.

Pois bem, a celebração da Exaltação da Santa Cruz nos convida a contemplar que a vida pertence a Deus, o Pai, e por isso Ele não deixou Seu Filho na mão, mas devolveu-Lhe-a ressuscitando-O¹¹⁹. Se antes a cruz humilhava, agora exalta, comunicando ao mundo a vitória do Deus da vida sobre os assassinos de lideranças defensores da vida do povo, dos mais pobres, das florestas, das águas.

Dona Bébé, vivendo sob o carisma da família salesiana, assumiu sua cruz e procurou seguir os passos de Jesus com o seu jeito de ser mulher e leiga naquele tempo, entre alegrias e

119 Gálatas, 1,1

tristezas, ela perseverou até o fim, vivendo austeramente como pobre, acolhendo as meninas pobres da capital sergipana.

Naquele dia 14, as Irmãs Camilianas junto com as meninas do Oratório estavam preparando as festividades para celebrar os 70 anos de idade de Dona Bebé, que aconteceria no próximo dia 22:

“Como era de costume, as meninas preparavam-lhe uma festinha, que ia da Santa Missa com comunhões à encenações de drama, canções, bailados e discursos... era um dia de alegria para as ‘filhinhas’ e para a ‘Mãezinha’, também.

Esta fingia não conhecer o que se projetava, para não tirar o prazer de surpresa e facilitava os preparativos. A verdade é que ela gostava de ver a alegria de suas meninas” (REGIS, p. 52).

A compra de um vestido para a boneca de Dona Bebé

Certa vez, quando Dona Bebé foi à capital federal, o Rio de Janeiro, em outubro de 1952, ganhou de seu irmão Lourival Fontes, senador na época, uma boneca de massa, que fala e caminha. Ainda hoje está bem guardada no acervo do Oratório. A boneca proporcionava vários momentos de alegria às meninas, principalmente, nos dias de festa. Quando Dona Bebé retornou do Rio de Janeiro com a boneca:

“... Simulou um batizado, de que foram padrinhos seus primos, Jair Dantas de Lima e irmão deste, dr. João Dantas de Brito Lima. Bebé fez-se de padre e, como fórmula batismal, pronunciou a quadra popular, de versos meio mancos:

‘Eu te batizo, Vanda,
Com toda a tua formosura.
Não te dou os santos óleos
Porque não és criatura.’

Palmas, risos, distribuição de doces e refrigerantes,
oferecidos pelos padrinhos.

E era assim Bebé! Em tudo procurava dar o sabor da
alegria, para divertir ‘suas’ meninas...” (REGIS, p. 47).

Na tarde daquela quarta-feira, Dona Bebé decidiu ir ao comércio para comprar um vestido novo para a sua boneca “Vanda”, a fim de prepará-la para participar da festa dos seus 70 anos. Certamente para comprar, também, outras coisinhas mais para a sua festa. A Irmã Roberta, muito próxima e querida por ela, apesar de muitos afazeres com os preparativos da festa naquele dia, e depois de muita insistência da parte de Dona Bebé, atendeu ao pedido de acompanhá-la, junto com outra amiga chamada Aurinha, que desceu na rua de Propriá. O irmão de Dona Bebé, Gaspar, gêmeo com Torquato, havia colocado um carro com motorista à disposição delas.

Quando elas deixaram Aurinha na rua de Propriá, seguiram pela rua de Arauá para visitar as filhas de sua prima Iaiázinha, que havia falecido sete dias antes:

“Minha avó materna era prima de tia Bebé. Chamava-se Permínia Fontes de Britto Lima, mas era conhecida como Iaiázinha. Ela faleceu no dia 07 de setembro de 1960, aos 80 anos. Morava na Rua Arauá, 71.

Nessa casa morava sua filha Jair e netos, inclusive eu (Jair era minha tia e mãe de criação, pois minha mãe biológica faleceu muito nova deixando 5 filhos

que passaram a morar com vovó Iaiazinha e com tia Jair).

Na tarde do dia 14 de setembro de 1960, tia Bebé esteve lá em casa para nos dar seu abraço de pêsames e depois saiu dizendo que ia para o comércio... Ela era muito ligada a minha tia Jair que, inclusive, a acompanhou ao Rio de Janeiro, quando ela, tia Bebé, recebeu o diploma de Honra ao Mérito pelo seu trabalho social junto aos órfãos¹²⁰.

Depois seguiram para o centro comercial de Aracaju e desceram na rua de Geru, onde ficava o consultório do médico dr. Lourival Bonfim.

Naqueles dias Dona Bebé andava muito preocupada com a possível transferência de sua amiga Irmã Roberta para a Itália, de onde viera. Ela lhe queria muito bem devido a sua dedicação às meninas do Oratório. Ela era como se fosse seu braço direito. Conforme o testemunho da própria Irmã Roberta, enquanto caminhavam em direção à rua de João Pessoa, ela a indagou sobre sua possível transferência:

“– Você vai embora... e as meninas?!...”

E, adiante, ao passar por um vendedor de maçãs:

– Breve, você vai comer muitas maçãs em sua terra... não tem pena das meninas?!” (REGIS, p. 53).

Mais adiante foram fazer compras na “Loja Sergipana”, localizada na rua João Pessoa:

“Bebé fez questão que lhe dessem o ‘talão vale um milhão’. Se fosse premiada, quanta coisa compra-

120 Testemunho da sobrinha de Dona Bebé, Elda Lima de Araújo Góis, no dia 01.11.18.

ria para as ‘suas’ meninas!... Achou tudo muito caro e, com um suspiro [disse]: ‘ninguém pode comprar mais nada... das meninas!’” (REGIS, p. 53).

Elas seguiram adiante e, minutos depois, aconteceu trágico e inesperado acidente fatal:

“Irmã Roberta quis atravessar a rua para comprar bicos no Armarinho ‘1º Centenário’, mas Bebê insistiu ir adiante, às ‘Lojas Brasileiras’.

Ao chegarem em frente a ‘Casa Rochedo’, um jipe, que descia a rua S. Cristóvão, em carreira desordenada, guiado por mãos irresponsáveis, fez uma curva forçada e precipitou-se de encontro à casa comercial, por onde iam passando.

Irmã Roberta, esquecida de si mesma, ainda deu um grito de advertência: – Mãezinha, olhe o jipe!

Nada mais pôde dizer, porque banhada no próprio sangue, era projetada ao solo, com um corte na cabeça, além de várias contusões no corpo.

Olhou, desesperada, para Mãezinha... estava imprensada... esmagada!... Os olhos miúdos, já amortecidos, procuravam-na... sua boca abriu-se uma, duas vezes, tentando articular alguma palavra que não saia, talvez... – E agora, Irmã Roberta, que será de ‘nossas’ meninas?!...” (REGIS, p. 54)

Muita gente que estava no centro comercial se juntou para ver o ocorrido:

“... o jipe de chapa 4-50, de propriedade do senhor Cantídio Lino Dias, ocupado pela senhora desse comerciante e um seu filho menor, dirigido por Hercílio

Dantas, de 18 anos de idade, que conseguiu fugir antes de ser reconhecido, manobrava na rua João Pessoa, perto do cruzamento com a rua São Cristóvão.

Numa das manobras, o jipe, inexplicavelmente, deu uma arrancada para frente, indo apanhar na calçada da porta da Casa Rochedo Dona Bebé, a Irmã Roberta e o menor Carlos Mariano que transitavam por aquela calçada.

Dona Bebé foi imprensada entre o para-choque do jipe e a parede da Casa Rochedo, verificando-se logo que o seu estado era gravíssimo. A Irmã Roberta sofreu pequenas escoriações e o menor Carlos Mariano teve fraturado o braço esquerdo” (Gazeta de Sergipe, 15/09/1960, p. 1).

Às pressas providenciaram transporte para levar os três ao Hospital de Clínicas “Dr. Augusto Leite”, o conhecido Hospital Cirurgia:

“.. Irmã Clara, da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, enfermeira e auxiliar do Centro Cirúrgico desde a fundação do Hospital, foi a primeira a entrar no salão em que se achavam os acidentados.

Sabendo que o caso de Bebé era o mais grave, foi até ela para dar-lhe os primeiros socorros, enquanto chegavam os médicos. Ao pé do leito, compreendeu a impotência da intervenção humana.

Bebé olhou-a expressivamente; seus lábios moveram-se como para pronunciar palavras que neles morriam. Contudo, talvez por simples intuição de que este seria o anseio de quem viveu sempre como

serva fiel da Igreja de Deus ou porque, realmente, o movimento dos lábios lhe desse a perceber o seu único e último desejo, tomou consciência de que ela dizia: Um Padre!...

Irmã Clara debruçou-se sobre ela para melhor fazer-se ouvir e confortou-a com a resposta precisa ao seu presumível pedido: – Ele já vem!

Bebé como que se tranquilizou; depois, inclinou, lentamente, a cabeça para o lado... estava no Céu!...

Quase no mesmo instante, o Pe. Bartolomeu, Salesiano, entrou apressadamente e ministrou-lhe a Extrema Unção. Pela manhã, como fazia diariamente, houvera recebido a Jesus na S. S. Eucaristia” (REGIS, p.56).

As emissoras de rádios noticiavam a tragédia. Enquanto isso, lá no Oratório, as meninas e as Irmãs, que tinham aproveitado da ausência de Dona Bebé para fazer um mutirão de limpeza e ornamentação do espaço para a festa dos seus 70 anos, escutavam a notícia pelos rádios através dos alto-falantes, mas não se davam conta da gravidade do conteúdo da notícia, pensando elas que, as emissoras estavam transmitindo felicitações para Dona Bebé. Por volta de 15h55, alguém do hospital Cirurgia telefonou para o Oratório:

“... Irmã Ana foi atender a chamada... As feições, de repente, desfiguram-lhe... a mão trêmula repôs, precipitadamente, o fone no aparelho... voltou-se, ofegante, para a professora e pediu, quase suplicante: “Tenha paciência; alguma coisa desagradável aconteceu com Mãezinha e Irmã Roberta... Do Pronto Socorro estão me chamando, com urgência... Tome conta da Casa, atenda à Portaria, controle as crianças!” (REGIS, p.55).

A Irmã Ana Savoia deu a notícia às outras religiosas e saiu às pressas em direção ao hospital, localizado bem próximo do Oratório. Ao longo do percurso via-se a multidão comovida que ia chegando ao Pronto Socorro do Hospital Cirurgia.

No início da noite o corpo foi levado em cortejo do Hospital Cirurgia, entre lágrimas e orações, à Capela do Oratório que ela mesma construía, e ali foi velado pela multidão noite a dentro:

“O Sr. Arcebispo, Dom José Vicente Távora, o Governador Luís Garcia e seu Secretariado, o Prefeito José Conrado de Araújo, Representantes da Assembleia Legislativa da Câmara de Vereadores, das Forças Armadas, federal e estadual, de todas as Entidades de Classe, o Clero Regular e Secular, Religiosas de todas as Congregações, estudantes das muitas escolas, sem distinção de credo religioso, Comerciantes, Industriários, todo o povo que a conhecia em pessoa ou através de seu trabalho apostólico enchem a Capela e se extravasavam pela grande área interna que circunda a Igreja.

Todos queriam ver, pela última vez, aquele rosto sereno, que sorria, sempre no convívio com as crianças!...

As órfãzinhas choravam sem a preocupação de quebrar o silêncio reinante, com os soluços que lhes sufocavam a garganta!

Intelectuais, amigos, representantes dos Poderes Políticos, de Instituições beneficentes, esquecidos do lugar sagrado pela presença real de Jesus, no Tabernáculo, expressavam o pesar em discursos comovedores e em que exaltavam as virtudes da inesquecível morta! Não, não eram discursos, eram preces recitadas em voz alta!...” (REGIS, p. 57).

“Levei todas as crianças para ver a mãezinha Bebé, e elas fizeram suas orações e suas despedidas, com lágrimas e tristezas e foram dormir. Eu fiquei na porta da Sacristia e pórtilco atendendo as pessoas. A Igreja cheia de gente ao redor do caixão, em oração. Quando apareceu na minha frente um senhor alto, alourado, bonito, todo de branco, com um envelope na mão e me disse: ‘Irmã, leve esse envelope com essas flores dentro – eram flores conhecidas como ‘mimo do céu’ – e coloque junto do corpo de D. Bebé no caixão, para elaabençoar, pois ela é Santa e depois traga para mim’. Eu lhe disse: ‘O senhor pode entrar e colocar pessoalmente e rezar’; ele falou: ‘Não, eu quero que a senhora coloque’. Eu respondi: ‘Está bem’. Fui e coloquei o envelope junto ao corpo dela, fiquei rezando e fui entregar de volta a ele, mas não o encontrei mais onde o havia deixado. Perguntei a todas as pessoas que estavam ali e ninguém o tinha visto. Procurei-o na portaria e nada. Não o encontrei. Guardei o envelope, esperando que ele próprio me procurasse e nada... Quando visitei minha mãe lá no Rio de Janeiro, falei com ela desse acontecimento (pois ela conhecia muito bem Mãezinha Bebé). Ela me disse: ‘Minha filha, você não percebeu, que Deus mandou um Anjo do Céu para lhe dizer que ela é uma Santa? Ela é uma Santa!’. Eu fiquei muito comovida e feliz, e estou certa de que Mãezinha Bebé é uma Santa” (Testemunho de Ir. Arlinda, Irmã Camiliana do Oratório de D. Bebé, 14/09/1960).

As 9h da manhã do dia 15, dia dedicado à Nossa Senhora das Dores, houve a missa de corpo presente presidida pelo

Arcebispo eleito de Aracaju, Dom José Vicente Távora, concelebrada com vários padres.

Durante a celebração, Dom Távora expressou seu propósito de *pedir licença à Santa Sé, para enterrar naquela capela os ossos de sua fundadora, trasladando-os posteriormente do Cemitério Santa Isabel*¹²¹.

Depois da missa a multidão presente formou um cortejo¹²² e percorreram 3 km, passando pelo centro da cidade, em direção ao cemitério Santa Isabel:

“Conduzido à mão desde a Capela do Oratório Dom Bosco, onde foi velado durante toda a noite por uma grande multidão, o enterro de Dona Bebé levou quase duas horas para chegar ao Cemitério Santa Isabel.

Representantes de todos os colégios e estabelecimentos de ensino de Aracaju acompanharam o corpo de Dona Bebé à sua última morada, numa justa homenagem à grande educadora. Autoridades civis, militares e eclesiásticas, inclusive o Governador Luiz Garcia, o Arcebispo Metropolitano, D. José Vicente Távora, o Prefeito da Capital, o senhor Conrado de Araújo, o Presidente do Legislativo Estadual, Deputado Torres Júnior, os Presidentes dos Tribunais de Justiça e Eleitoral, Desembargadores João Bosco de Andrade Lima e Otávio Teles de Almeida. Além de um sem número de muitas outras figuras de maior destaque nos nossos círculos políticos e sociais estiveram presentes também, ao enterramento da Grande Benfeitora de Aracaju.

121 A Cruzada, 14 de outubro de 1960, p. 1

122 As órfãs traziam, no peito, um lacinho de fita preta e, igualmente, moças e senhoras, algumas trajando luto fechado... e as ex-alunas, as que tinham bebido na fonte de fé que brotava do coração de “Mãezinha”, os santos ensinamentos de uma vida cristã. (REGIS, p.58)

Uma verdadeira multidão, composta de pessoas de todas as idades, sexos e classes sociais formava o grande acompanhamento do féretro da idealizadora e fundadora do Oratório Festivo Dom Bosco, que prestou e ainda presta inestimáveis serviços à sociedade sergipana.

Antes de baixar à sepultura, o corpo de Dona Bebé, expressivas palavras foram pronunciadas à beira do túmulo por diversos oradores, entre os quais, o poeta Freire Ribeiro, José Ludovice, etc.

Atendendo a um apelo da Associação Comercial, todo o comércio de Aracaju cerrou as suas portas durante o horário da manhã, somente voltando a funcionar na parte da tarde” (Gazeta de Sergipe, 16/10/1960, p. 1 e p. 6).

Assim foi o trajeto:

Atravessou a Avenida Desembargador Maynard, a Praça da Bandeira, a avenida “Barão de Maruim”, entrou na rua de Pacatuba, passando pela Praça “Fausto Cardoso”, onde se encontra o Palácio do Governo, seguiu a rua João Pessoa, artéria principal do comércio, cujas portas se fecharam, chegou ao fim até virar a Avenida “Coelho Campos”, dobrando à direita e seguindo a Avenida “João Ribeiro”, alcançando, finalmente, a Praça “Princesa Isabel” (REGIS, p.58).

Após a encomendação feita pelo Arcebispo, Dom José Vicente Távora, lá no cemitério, Dona Bebé foi sepultada:

“Há de ter sido assim a sua entrada no céu!

– São Pedro, num gesto de santa deferência, cede a Dom Bosco que lhe abra a porta; sorrindo, graciosa,

Maria Santíssima, de vestes resplandescentes e características de como é invocada na Terra, sob o glorioso título de N. S. Auxiliadora, apresenta-a a Seu Filho caríssimo e Ele, sublimemente acessível em Sua majestade divina, apontando-lhe a legião de anjos que o circunda:

– Eis o Céu que lhe reservei; servi de ‘mãezinha’ destes anjinhos, vindos de todos os lares órfãos da pobreza da Terra...

– Mais uma Santa no Céu!...” (REGIS, p.62).

E assim, naquele dia dedicado a Nossa Senhora das Dores, 15 de setembro, o povo de Deus de Aracaju, de modo especial a família oratoriana, sentia a dor da perda daquela que renunciou a si mesma para abraçar a Cruz de Cristo¹²³ na pessoa das meninas pobres de Aracaju até o fim:

“Sergipe em peso sentiu seu trágico passamento, razão porque o comércio cerrou as suas portas, as nossas emissoras emudeceram e como que houve um hiato de profundo e respeitoso silêncio entre o instante de sua morte e o do seu enterramento no Cemitério Santa Izabel, acompanhado o féretro por enorme massa popular.

Registrando essa infausta notícia que encobre de tristeza a alma sergipana, queremos transmitir a toda a distinta família enlutada, sobrinhos, irmãos e parentes de D. Bebé, as nossas mais sentidas e sinceras condolências, extensivas muito especialmente ao senhor Gaspar Fontes, benquistado comerciante nesta

123 Disse Jesus: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.” (Mt 16,24)

praça, ao dr. Osman Hora Fontes, Ilustrado Procurador da República neste Estado e ao senador Lourival Fontes...” (Sergipe – Jornal, 15/09/1960, p. 1).

Aquele povo buscava no afago de Nossa Senhora das Dores, mais ainda sob o título de Auxiliadora, o consolo e o auxílio para conviver com aquela dolorosa e inesperada separação. Dona Bebé viveu precisamente 69 anos, 11 meses e 22 dias: “menos uma apóstola na terra, mais uma santa no céu”¹²⁴.

Certamente, lembrando aquele dia, fica aquela imagem de Nossa Senhora das Dores com seu filho Jesus morto ao colo, recebendo em seus braços aquela filha querida que Lhes amava tanto, Genésia Fontes, a querida e amada Dona Bebé do Oratório.

Testemunhos

Leyda Regis: Não sei o que se passou em mim no momento; posso afirmar, no entanto, que uma tranquilidade sobreveio, de pronto, ao choque emotivo e as minhas palavras foram um desabafo sincero do coração angustiado: – Mais uma Santa no Céu!... Desde que a conheci, admirei-lhe o espírito de renúncia, em que se fundiam todas as virtudes que enriqueciam sua alma de escol... Renúncia por caridade e caridade é amor!... As alegrias do lar, o conforto da família, as honras que um nome de relevo social e pecuniário lhe poderiam prodigalizar, tudo escondia naquela simplicidade encantadora, porque natural e espontânea, preferindo ser, unicamente, Bebé, a “Bebé” de carne e osso das órfãzinhas, a “Mãezinha” das “bebés” pequenas do Oratório Festivo “São João Bosco” (REGIS, p.61).

124 Anotações do Oratório, 08 de agosto de 1989.

Jornal Diário de Sergipe: Dotada de um coração bom e generoso, D. Bebé tornou-se uma figura que se popularizou no coração dos sergipanos pelas inestimáveis manifestações de amor ao próximo, cujo sublime sentimentalismo se caracterizou na expressão de religiosidade e profundo respeito aos preceitos divinos. A sua obra repercutiu além fronteiras tendo sido homenageada e agraciada pela Standard Oil com o título de Honra ao Mérito como preito de reconhecimento pelas iniciativas humanas e cristãs que sempre lhe foram peculiares. Sergipe inteiro está nesta hora chorando o desaparecimento de D. Genésia Fontes. Lágrimas de órfãs que encontrou (sic) naquela admirável senhora a sua segunda mãe, são derramadas com tristeza e saudade. Nós do Diário de Sergipe, juntamos o nosso reconhecimento e a nossa saudade às manifestações de pesar pelo trágico desaparecimento dessa grande benfeitora dos humildes, que viveu para o bem e para o amor (*Diário de Sergipe*. Aracaju, 16/09/1960).

Walter Cardoso: Morreu no dia glorioso da Exaltação da Cruz. Ela viveu à sombra da Cruz. Cruz que é símbolo de salvação; daí ela encontrar na Cruz do sofrimento a Luz que é o Cristo. A Cruz apresentada em Aracaju de uma forma nova. E a morte se repete. E, as pessoas mais identificadas com o Cristo, na morte, ainda mais se identificam com Ele. A morte de D. Bebé suscita lembrarmos a morte de Cristo. A chave do mistério é a morte de Cristo. A coisa mais estúpida desse mundo foi a morte do Salvador. Ele, poderoso, não pôde salvar-se, morreu como um indigno. Fracassado. Imagem da decepção. Os amigos abandonaram-No naquela cena dolorosa... contudo, foi com a sua morte que a Igreja Católica nasceu triunfante. Da morte estúpida de D. Bebé nasceu uma Bebé maior, mais semelhante ao Cristo crucificado (*A Cruzada*. Aracaju, 24/09/1960).

III

Saudades...

Homenagem na inauguração do primeiro prédio do Oratório No dia 16 de agosto de 1929.

*Dona Bebê*¹²⁵

Qual, de ramo em ramo, abrigo
Vai buscando o passarinho
Para por, ansioso, o ninho,
E tranquilo a repousar.

Compensou... nos deu as aulas.
Um jardim para folganças,
Quase um ninho para as crianças
Nesta casa preparou.

Não descansa em vale ou monte
Nem no bosque ou no silvêdo.
Das procelas não tem medo
Fé que forme o doce lar.

Compensou nossa ambição
Em seu amor concentrada
Eis a casa inaugurada
Irradiante o coração.

Assim, nós a 15 anos
Este ninho temos buscado
E jamais nos fora dado
Encontrá-lo pelo Céu

É verdade, meus senhores
Muitos meses, trabalhastes,
Calor, frio, tolerastes,
Do Senhor pela missão.

Foi primeiro sob uma árvore...
Depois choupana e uma sala
Foi do prado verde gala
Que o areal nos acolheu.

Nem incômodos e esforços
Nem vigílias e fadigas
Nem tufão, nem chuva amiga
Vosso zelo esfriou

125 Dia 16 de agosto, porque é a data de nascimento de Dom Bosco. Creio que seja de autoria de Dona Bebê, porque ela registrou: "Repito aqui uma poesia que, feita para a inauguração da primeira casa de D. Bosco, serviu com pequenas modificações para a nossa festa" (nota do autor). (Cf. Anais do Oratório: 1926 a 1932)

Ora a festa vos alegre
Qual dos bravos a vitória
Cuja pura e santa glória
Só o mérito alcançou.

O Senhor recompensou-vos
Vossa faina é coroada,
Nossa casa é inaugurada,
Que nos resta desejar?

Caminhemos companheiras
Todas nós, ao templo santo,
Para erguer a Deus um canto
Pela graça singular.

Ó D. Bosco, pai amado,
São por vós tantos favores
Neste dia, as nossas preces
Vão ao céu entre louvores.

Faze então que esta casa,
A teu nome consagrada
Viva sempre em teu amor
Constantemente abrasada.

Oh! A todos que vierem
Suplicantes e devotos,

Calma aqui os pios votos
Dá confortos e mercê.

E tu Virgem Gloriosa,
Cujo amor tudo em Deus pode,
A teus filhos hoje acode,
Inspirando amor e fé

Nunca um só de nós não cesse
Pelo bem de ser-te filho,
Aos incautos sê auxílio,
Nos perigos juvenis...

Mas agora, oh! Mãe, que prêmio
Tu darás aos bons senhores,
Que suas penas e suores,
Consagraram a te honrar?

Tecerás, oh! Virgem bela
Lá no céu, mimosas flores,
Que coroaem seus labores,
De uma auréola imortal.

Nós, entanto gravaremos
Numa epígrafe dourada:
Esta data afortunada,
Viva, viva, perenal.

À Humilde Serua de Dom Bosco

Passos Cabral
22/09/1930¹²⁶

Ouvindo a voz de Dom Bosco
Aqui ficaste conosco
Em holocausto a Jesus
Dedicando a vida inteira
À missa mais verdadeira
Que na terra te conduz

Abres àquele que sofre
A arca, o escrínio, o imenso cofre
Da caridade sem par,
Fazendo dos pequeninos
Os emissários divinos,
Que vão aos céus nos salvar...

Tuas mãos tão dadivosas
Neste mundo colhem rosas
De bondade e perfeição.
Para dá-las aos teus pobres,
Pois mal os vês ou descobres,
Abre-lhes o coração.

Bem hajam, pois, as esmolas
Com que nutres e consolas
A pobreza, a humana dor,
Pois em verdade, teus atos
São meritórios e gratos
Ante os olhos do Senhor!

126 Anais do Oratório: período de 1926 a 1932



Dona Bebé, Aurinha e as Irmãs Camilianas

Uma Crônica para você D. Bebê...

Cândida Fontes
14/09/1960¹²⁷.

Que por muitos e muitos longos anos de sua existência consagrou-se ao serviço dos pobres, principalmente dos órfãos.

Você, D. Bebê, a quem tão carinhosamente chamavam “mãezinha”, não deixou também de ser uma realizadora da maternidade. Sim, a sua maternidade foi árdua, porque você sofreu pelos filhos que nunca teve.

Moça rica, prendada e de família nobre de nossa terra, renunciou a todos os desejos e direitos de sua juventude. Renunciou ao matrimônio onde a sua alma maternal faria, sem dúvida, brotar os mais lindos rebentos que uma “heroína” iria possuir.

A tudo isto você renunciou. Preferiu a choupana de palha ao seu palacete. Preferiu a festa simples e enternecedora das crianças, o seu vozerio meigo e sincero aos saraus chiques que a sua posição permitia.

É bela e grande e grande demais a sua história para ser humana. Sinto-a bordada de virtudes que não deixam de lado o sofrimento – como você não deve ter sofrido para chegar ao que é! – O seu barracão de palha erguido em um “morro de areia”, é hoje o mais belo prédio que Sergipe possui. O prédio da verdadeira caridade. O seu “oratório” é realmente um oratório onde viveu e viverá eternamente a sua alma santa. O “Oratório Festivo D. Bosco” é a sua moldura esplendorosa e planteada no branco areal da “Tebaida”.

Você jamais será esquecida. Você que foi a mãe da população humilde da sua terra natal. Quando em cinzas você se

127 A Cruzada, 24/09/1960, p. 3

tornar, não pense que também cinzas virou o seu nome – não, não é possível –, porque você será sempre lembrada através das preces com que todos nós lhe invocamos e através da lembrança perpétua que será sempre seu oratório – o Oratório de Bebê.

É esta a minha simples crônica. Ela é toda sua, como também sua são as minhas preces e saudades.

BEBÉ

Leyda Regis

22 de setembro, data do nascimento de Bebé¹²⁸

Foi pelos sinais de silêncio a que me viam visitar, pelas lágrimas mal reprimidas e conversações em voz baixa de meus familiares e amigos que suspeitei algo de imprevisto e chocante à minha sensibilidade afetiva, agravada com o precário estado de saúde em que me encontro.

Havia uma preocupação constante para desviar qualquer assunto que pudesse revelar a terrível verdade, cujas sombras, sem pressentirem, já pairavam no meu espírito inquieto, procurando, no mundo das conjecturas, a quem feria a realidade que, caridosamente, tentavam encobrir.

Uma palavra imprudente, porém, denunciou o acontecimento tremendo: – Morrera Bebé, Bebé de D. Bosco!...

Não sei o que se passou em mim, no momento; posso afirmar, no entanto, que uma tranquilidade sobreveio, de pronto, ao choque emotivo e as minhas palavras foram um desabafo sincero do coração angustiado: – Mais uma Santa no Céu!...

Desde que a conheci, admirei-lhe o espírito de renúncia, em que se fundiam todas as virtudes que enriqueciam sua alma de escol. Renúncia por caridade e Caridade é Amor!

As alegrias do lar, o conforto da família, as horas que um nome de relevo social e pecuniário lhe poderia prodigalizar, tudo escondia naquela simplicidade encantadora, porque natural e espontânea, preferindo ser, unicamente, Bebé, a “Bebé” de carne e osso das órfãs, a “Mãezinha” das “bebés” pequenas do Oratório D. Bosco.

128 A Cruzada, 1º/10/1960, p. 4

E, com essa humildade, fundou, viu crescer, esgalhar-se e frutificar a obra gigantesca que, nascida sob a fronte vetusta de um oitizeiro, transplantou-se para o “Alto de Bebê” (sempre Bebê), nome dado, com muita propriedade, à colina forrada de areia prateada, onde se ergue, em base preciosa e firme, para ali acolher “os sem teto, sem pão, sem carinho!”.

... Há de ter sido assim a sua entrada no Céu: – S. Pedro, num gesto de santa deferência, cede a D. Bosco que lhe abra a porta; sorrindo, graciosa, Maria Santíssima, de vestes resplandescentes e características de como é invocada na terra, sob o glorioso título de N. S. Auxiliadora, apresenta-a ao Seu Filho caríssimo e Ele, sublimemente acessível em Sua majestade divina, apontando-lhe a legião dos anjos que O circunda: – Eis o céu que lhe reservei; servir de “mãezinha” desses anjinhos, vindos de todos os lares órfãos da pobreza da terra...

– Mais uma Santa no Céu!...

A você, Aurinha, companheira certa de todos os momentos incertos; das noites indormidas em planos e conjeturas e dos sonos tranquilos das realizações conquistadas; das lágrimas angustiadas da impotência e dos sorrisos felizes da vitória; das caminhadas exaustivas de mãos estendidas e do repouso reconfortante de mãos cheias recolhidas; das preces aflitivas, mas confiantes, de socorro e dos “*Te Deum*” de ação de graças; a você, Aurinha, para quem hoje deixa de soar a clarinada alegre de uma alvorada festiva de primavera para se transformar no dobre fúnebre de um dolente “*De profundis*”, a minha solidariedade amiga de perene e indizível saudade.

Uma crônica à fundadora do Oratório D. Bosco (D. Bebé)

*Prof. Josefa Mota
22.09.1960¹²⁹.*

É nesta hora tão triste, de profunda melancolia, que Sergipe vê a destruição de uma vida que foi tão preciosa à sociedade e agora será aos olhos de Deus.

Eu, como uma simples oratoriana que passei meu tempo de infância do aconchego do Oratório D. Bosco, ouvindo os bons ensinamentos das Irmãs Camilianas e sobretudo de D. Bebé, senti-me profundamente abalada com o trágico desaparecimento de nossa mui querida D. Bebé e não podia deixar de externar publicamente a minha dor àquela que muitos favores me prestou, como também à sociedade sergipana deixando um grande monumento, fruto dos seus esforços e sacrifícios que é o Oratório Festivo S. João Bosco.

É aí onde as crianças brincam, cantam, dançam, organizam teatros, promovem passeios, quadrihas, cozinhados e toda espécie de divertimento desde que sejam instrutivos e sadios, sob a direção dessa alma privilegiada de D. Genésia Fontes.

Em minha alma, vibra as palavras do grande Apóstolo São Paulo ao seu discípulo Timóteo, cientificando o do bom combate realizado e da Coroa de Justiça a que fazia jus e que o Senhor lhe daria como prêmio de seus esforços e labutas apostólicas D. Bebé: é a voz que a Cristo dará a Coroa do heroísmo no cumprimento fiel da vossa honrosa missão.

O cristão que emprega a sua existência e gasta as suas melhores energias em prol da humanidade é realmente uma cópia fiel do Mestre Divino, de um outro Cristo que soube galgar com fatos positivos as pegadas de Jesus, passando e fazendo o bem como o próprio Cristo.

129 O Nordeste, Aracaju, 28/09/1960, p. 1



Capela atual do Oratório

A luz da verdade

Francisco Telles Barreto¹³⁰

Aracaju, 04/10/1961

Indubitavelmente, uma das mais belas e mais imponentes das palavras que enriquecem mais ainda a beleza incomparável do nosso idioma é mesmo: a “VERDADE!”.

Cristo a colocou no centro de sua doutrina, quando dizia: *eu sou o caminho, a verdade e a vida!*

Adoro, em espírito e verdade, a Cristo; rendo minhas sinceras homenagens a esta palavra que tudo significa!

Cantaram os anjos: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!* Durante toda minha vida, não conheci criatura de vontade firme e tão firme e tão forte como aquela heroína que no dia 14 do andante completou o primeiro ano do seu falecimento, tragédia que abalou todo o nosso querido Sergipe Del-Rei; a morte de Genésia Martins Fontes, conhecida por D. Bebê.

A sua história representa um lindo rosário em que cada conta significa a nobreza de um ato e a grandeza de uma ação.

E o que mais de belo e notório era a sua simplicidade santificante, e o seu grande amor à majestosa causa, de fazer o bem sem medir sacrifícios!

Ela, dentro nos divinos ensinamentos de Jesus – o meigo Nazareno da Galileia – sentia no seu grande coração a chamada constante para uma viagem por caminhos cheios de espinhos, mas que havia de encontrar o suntuoso jardim florido das mais lindas significativas e singelas flores! Dizia um pensador: “O cérebro é o tabernáculo da sabedoria; o coração, verdadeiro sa-

130 Correio de Aracaju, 04/10/1960

crário dos sentimentos!”. Na riqueza nobilizante dos seus sentimentos, entronizou D. Bebé na sua alma e no seu coração, uma confiança e inabalável fé em Dom Bosco – o símbolo da caridade e do amor às crianças pobres verdadeiramente desamparados do mundo e na sociedade de todos os tempos.

Dom Bosco! Cuja imagem bonita, revela em seu sorriso quão grande foi o seu espírito na terra, feito para a execução do bem!

Símbolo do amor e da bondade; exemplo da ordem, da disciplina e do trabalho construtivo para a preparação de almas na terra; batalhador incansável na seara do sumo bem pela caridade ensinada por Cristo nosso Salvador; Ele, que dos céus inspirou homens de boa vontade; que fez justiça ao mérito.

Dom Bosco, imitação do Cristo, recebeste de Deus e dos homens o direito de colocar neste mundo a sua imagem para ser venerada por todos os cristãos na terra.

Assim também, a grande benfeitora “MAMÃE BEBÉ”, que foi um fruto de Dom Bosco, abençoada por Deus, na justiça dos homens. Os homens que lhe erguerão uma estátua de bronze, que a lembrará para sempre no tempo e na história, como benemérita protetora das crianças pobres da sua terra.

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!

D. Bebé foi realmente, uma representante de boa vontade de que fala o Senhor.

A morte de uma Santa (D. Bebê Fontes)

*Maria Regina de Oliveira
Salvador, 13/10/1960*

Já se passaram quase trinta dias, e, como que envolta pelo sentimento da separação e da saudade, silencieei-me.

Só hoje, treze, é que tive a coragem precisa, para externar minha sensibilidade, e fazer (...), em um dos jornais da Capital, onde resido há cinco anos alguns traços da passagem curta de minha inesquecível Madrinha Bebê sobre este planeta.

Calar-me seria uma ingratidão.

Ex-aluna do “Oratório Dom Bosco”, e afilhada de D. Genésia Fontes, a “Mãezinha” dos pobres, como lhe chamávamos, eu, que lhe beijei as mãos magras e delicadas durante muitos anos, e depois, com a separação para o cumprimento de meu dever, passei a vê-la de seis em seis meses, ou de ano em ano, eu, que fui um das que mais desfrutei dos seus ensinamentos, dos seus conselhos, dos seus exemplos, se não fui a primeira, fui uma entre as primeiras, a obedecer-lhe, a atender suas ordens para prover as necessidades do nosso “Oratório”, não poderia ficar indiferente, por assim esconderia minha infância de menina pobre e humilde!

E que nos primeiros dias, como é justo, fiquei triste, e perturbada! Pela maneira trágica e traiçoeira como minha Madrinha desapareceu do nosso Oratório, do nosso convívio, sem que pudesse fazer um gesto que conhecêssemos seus últimos instantes, ou um olhar, que nos confortasse para o resto da vida!

Essa perturbação que sinto, e que por certo muitas ex-alunas e órfãs sentem também, precisa desaparecer.

Não com o esquecimento, porque minha Madrinha foi e será o facho, que nos iluminará pela vereda do bem.

Tem que desaparecer, porque fugindo de nós a lembrança de sua morte brusca, fixaremos o pensamento nos seus feitos e poremos em prática suas lições, sementes sãs que germinaram e medraram em nossos corações, plasmando a natureza, emoldurando as almas.

É lembrando seus feitos que concorreremos para o engrandecimento da grandiosa obra encerrada e concluída por Ela, obra que não sofrerá solução de continuidade, por estar confiada às Religiosas de São Camilo, que têm trabalhado heroicamente pela administração e manutenção do “Oratório”.

É frequentando o “Oratório Dom Bosco”, que recordamos a imagem franzina e alegre de nossa “Mãezinha Bebé”, e que sentimos o reboiço dos dias de leilão, que nos dava direito a sermos premiadas, mediante a apresentação de pontos (cartões de frequência), aos “Atos Sacros”, fabricados por Ela, e por algumas alunas, visto que não havia rendimentos para serem feitos fora.

O leilão tão esperado por mim, que já sonhava com os meses de junho e dezembro com ânsia, para receber as ofertas mais caras... (Que eram peças minúsculas de bulgariana).

É frequentando o “Oratório” que relembremos a figura enérgica e dócil do inesquecível e Venerando D. José Tomaz Gomes da Silva, nosso primeiro Bispo de Sergipe, que abençoou a nossa casa adquirida com esmolas.

É frequentando o Oratório que renovamos os propósitos dos Santos Retiros, tendo como pregadores os pranteados Padre Aníbal Lazzari, e Padre Selva (este, morreu como Bispo de Araguaia).

É frequentando o Oratório que nos faz lembrar as festas das Ex-alunas, a satisfação que tinha minha Madrinha, a hora da Missa, da merenda, das representações dos teatrinhos, no momento de tirarmos retratos, etc.

É frequentando o Oratório que A vemos radiante e jubilosa no dia da entrega do “Orfanato às Religiosas Camilianas”. Com que presteza acomodava os Benfeitores, de preocupação com a chegada do Reverendíssimo Bispo D. Fernando Gomes. O anseio pela presença do D. D. Diretor do Hospital Juliano Moreira, desta Capital, enfim, a aflição pela chegada retardada da ex-aluna que era a oradora.

Tudo isso nos faz lembrar a “Mãezinha” dos desamparados.

O nome de D. Genésia Fontes (D. Bebé), será sempre pronunciado com respeito e veneração, não só pelas suas ex-alunas e órfãs, como por todos que acompanharam o desenvolvimento do “Oratório Festivo Dom Bosco”, obra de vulto e valor, que teve início à sombra de um oitizeiro, depois no Carro Quebrado, em casa de minha patrícia e amiga Ceciliana Praxedes, a quem as Oratorianas, devem o apoio, a generosidade.

Não devemos esquecer a abnegação e o desvelo das incansáveis saudosas, D. Jesuína Sandes, D. Maria Gomes da Cunha (Marocas), e D. Octávia Comes, as quais rendemos nossa homenagem póstuma.

Minha Madrinha Bebé, sei que está no Céu, pois consagrou sua existência às meninas pobres, protegeu as órfãs, sob a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora e S. João Bosco.

Sofreu pelos filhos que não eram seus, o que hoje em dia muitas mães, verdadeiras, não fazem!

Renunciou à grandeza de sua casa e família, para estar ao nosso lado, num barracão de palha!

Trocava as festas coloridas do seu meio pelas nossas brincadeiras grosseiras.

Esquivou-se de tudo, pelo amor a Deus, às suas oratorianas e órfãs.

Por tudo quanto fez por mim e minhas irmãs em S. João Bosco, jamais será esquecida, viverá sempre em meu pensamento e nas minhas orações, porque na terra estive com Deus, e com Ele estará na eternidade!...

A Aurinha...

Aurinha, você que de há muitos anos, privada do seio de sua família simples, mas ilustrada, achava-se ao lado de minha Madrinha, como que uma dádiva Divina para nós, comungando dos mesmos ideais, compartilhando das mesmas responsabilidades e sacrifícios, pela causa da infância desamparada, você que sempre esteve próximo ao meu coração como vivia no centro do de Madrinha, dedico-lhe meu reconhecimento, minha gratidão ao tempo em que deseje sua presença à frente do nosso querido “Oratório”, principalmente nesses dias de lágrima e tristeza para as Oratorianas.

Quando ela partiu

(Para as orfãzinhas, tristes, do “Oratório Festivo Dom Bosco”)

J. Góes Duarte

Àquela tarde, ainda cedo, quem erguesse
Deste Mundo, ignaro, em que vivemos,
Um olhar para o Céu, de singular fulgor,
Haveria de ver que todas as estrelas
(Embora com o sol, ainda, a resplender)
Tinham, já, todas elas, sido acesas,
Por determinação, expressa, do SENHOR ...

É que se edificava, ali, naquele instante
Estranha cerimônia, edificante
Qual fosse aquela da iniciação
De uma noviça da Comunidade
Das Virgens Mártires, que daqui se vão
Em estado de graça, em plácida ascensão,
Levando, sem o mínimo labéu,
O casto, perfumado coração
Abrasado de Fé,
Como rosa de Luz, para florir no Céu!

Assim foi naquele excelso instante,
Em que o Azul esplendia, deslumbrante,
– Tendo, risonho, à frente
São João Bosco,
Seguido de Jesus, Maria e São José –

Todo o Céu, entre hosanas, recebia
Alvissareiramente,
Preciosa relíquia, em ofertório:
A alma alvinitente
De BEBÉ,
A suave “Mãezinha”, do ORATÓRIO..

Lírio do céu

Para D. Genésia Fontes, Uma heroína e santa de Sergipe

*J. Freire Ribeiro*¹³¹

Academia Sergipana de Letras

Flor de candura, flor de Caridade
Despetalou-te a Morte bruscamente
Tingindo com teu sangue a alma da gente
E o nível areal desta cidade!...

Cisne da Paz!... Que Deus onipotente
Na Canaan Suprema e desejada,
Derrame sobre ti – oh Anjo ausente,
A grande luz da célica pousada!...

Irmã de São João Bosco! ... Acolhedora
Das crianças sem lar! ... Consoladora
De tantos corações! Humano lírio

O céu é o teu jardim e, agora, assisto
Por sobre ti, o manto azul de Cristo
No sangrento esplendor do teu martírio! ...

131 *A Cruzada*, Aracaju, 24/09/1960, p. 5



**Nossa Senhora Auxiliadora
Padroeira da Família Salesiana**

Genésia Fontes

Clotildes Campos de Menezes Monteiro

Ex-interna do Oratório, 1960¹³²

Genial, virtuosa, desde pequenina,
Extraordinária essa mulher! Uma heroína!
Nesse glorioso Estado de Sergipe, em Riachão, nasceu.
É agora da Pátria Celeste, porque em Aracaju, MÁRTIR, pereceu.
Sempre terna... paciente... caridosa... foi para conosco,
Mãe, que atraiu para si o Senhor qual São João Bosco:
Almas de crianças, ou não, sem carinho... sem teto... sem pão!...
Foi sempre pura como o lírio... não duvides;
Oasis também foi, dizemos com muita satisfação!

Nasceu para confortar os humildes,
Temos disso plena convicção!...
E, gravado está o seu nome, em nosso coração...
Sim! MÃEZINHA das crianças, ou não, sem carinho...
sem teto... sem pão!

132 BONIFÁCIO, P. 263

A estrela esmagada (D. Bebé Fontes)

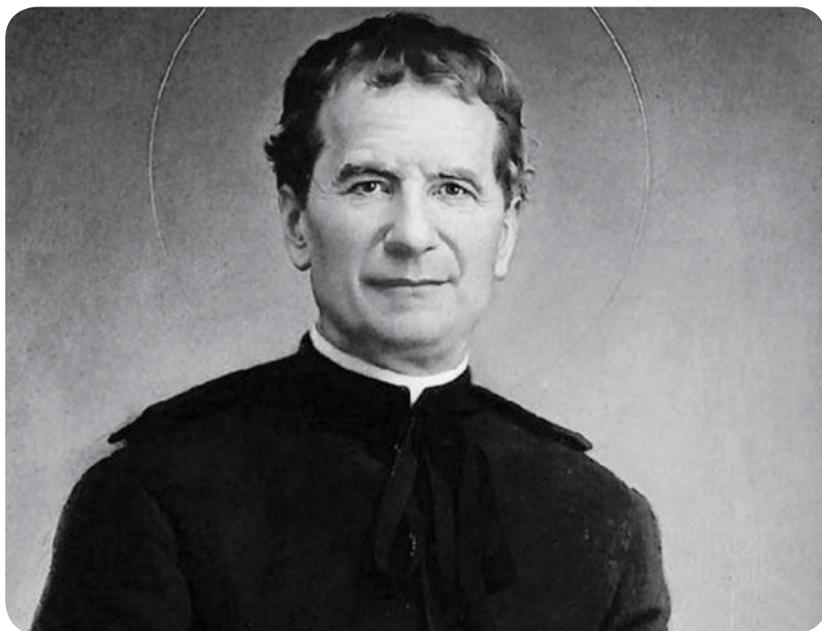
*Clodoaldo de Alencar
Academia Sergipana de Letras*

Desprendeu-se do pátio do infinito
a estrela que, tomando a forma humana,
iluminou a gleba sergipana
e partilhou a luz com o povo aflito.

Trocou o ruído da ambição profana
pelo silêncio do Oratório e o rito
das causas santas, sempre atenta ao grito
dos órfãos, – rosas de que se engala-na.

E, certo dia, na hora do tumulto
dos Temos Novos, seu radioso vulto
foi na Terra esmagada...

Mas, ao vê-la, tive a estranha
impressão de ver,
em torno, partindo o cadáver ainda
morno,
frações da luz daquela santa estrela!



Dom Bosco
Fundador da Congregação Salesiana

Hino do cinquentenário do Oratório Festivo “São João Bosco”

Letra: J. Freire Ribeiro, ASL

Música: Pe. Mário Ginsiripini, SDB

Na cidade o teu vulto perdura
Pois não morre a presença de quem
espalhou a mancheiras no mundo
As sementes divinas do Bem!...

O teu sangue vertido na rua
Sacrifício de Santa e de Lírio
É batismo que Deus só reserva
Aos eleitos do Céu, no martírio!...

O teu nome é uma preceitos
Em sublime e cristão ofertório
A Jesus, o Pastor das ovelhas
Que deixaste no teu Oratório...

Pela terra, na tua passagem
Semeaste a Bondade e o Perdão
Dando ao órfão e conforto materno
Dando a prece à fartura de pão...

O teu nome é uma prece
Em sublime e cristão ofertório
Mãe Bebé, mãe Bebé!...

Cinquent'anos a obra a que deste
Mocidade, futuro e o amor
Dessas almas, irmãs das estrelas
Com Dom Bosco, aos pés do Senhor!...

Neste dia, saudosas cantamos
Tua vida que é nossa Lei
A serviço de Deus e órfãozinhas
Neste amado Sergipe del Rei!...

O teu nome é uma prece
Em sublime e cristão ofertório
A Jesus, o Pastor das Ovelhas
Que deixaste no teu Oratório

Pela terra, na tua passagem
Semeaste a Bondade e o Perdão
Dando ao órfão o conforto materno
Desde a prece à fartura no pão!

O teu nome é uma prece
Em sublime e cristão ofertório
Mãe Bebé, mãe Bebé!...

Oração pela glorificação de Genésia Fontes (Dona Bebé do Oratório, a mãezinha Bebé)

Ó Deus, Pai Eterno,
Que sois Amor, rico em misericórdia, cheio de ternura e bondade
Que olhai os pequeninos e Vos compadeceis deles,
Nós vos pedimos, que Genésia Fontes,
A nossa Mãezinha Bebé,
Apóstola das Crianças
Mulher profunda de fé,
Testemunha das virtudes cristãs,
Anjo dos Pobres
Por todo o bem que realizou aqui na terra
em favor das crianças e dos menos favorecidos,
Chegue um dia à honra dos altares.
Concedei-nos, Deus Uno e Trino, a graça (pedir a graça...)
Que por Sua intercessão Vos pedimos. Amém.
Pai Nosso... Ave-Maria... Glória ao Pai...
(Com aprovação eclesiástica)

Alcançando alguma graça por intercessão de Genésia Fontes, a nossa querida Dona Bebé do Oratório, queira escrever o fato às Irmãs Camilianas do Oratório Festivo São João Bosco residentes no seguinte endereço: Avenida Desembargador Maynard, 1276. CEP: 49055-210. Aracaju-SE ou pelos telefones: (79) 3214-3268 e Fax (79) 3211-7193.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar diligente do Pastor**: a Igreja Católica em Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS, 2010 – Fundação Oviêdo Teixeira, 233 p.

BONIFÁCIO, Nadja Santos. **ACOLHER, EVANGELIZAR e EDUCAR**: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para a educação feminina em Aracaju (1914-1952). São Cristóvão: Ed. UFS, 2014, 286 p.

BORGES, Pe. Raul. **A Igreja em Sergipe**. Volume II (Anotações)

MORAIS, Maria Eleonôra de Jesus. **Província Eclesiástica de Aracaju**: Evangelizando para a vida. Aracaju: Edise, 2014, 680 p.

NASCIMENTO FILHO, Pe. Isaías (Org.). **Seu Isaías Seleiro do Riachão**: Suas quatro esposas e seus quarenta e três filhos. Memórias de Família. Aracaju (SE): J. Andrade, 2014. 136 p.

NASCIMENTO, Pe. Isaías. **DOM TÁVORA, O BISPO DOS OPERÁRIOS**. Um homem além de seu tempo. São Paulo: Paulinas, 2008, 3ª edição, 254 p.

NASCIMENTO SANTOS, José Renilton. **RIACHÃO DO DANTAS**: Nossa Terra, Nossa História. Pará de Minas, MG: Virtual-Books Editora, 2014. 122 p.

OLIVA, João. **Mural de Impressões**. Aracaju: Criação Editora, 2013, 254 p.

REGIS, Leyda. **Bebé**: subsídio para uma biografia. Aracaju: Livraria Regina, 1968, 62 p.

SANTOS, Ir. Arlinda Roberto. **MÃEZINHA BEBÉ**, A Apóstola de Deus, 1ª ed. Aracaju: Sergipe, 2013, 24 p.

SANTOS, José Renilton Nascimento. **SOB A PROTEÇÃO DA VIRGEM DO AMPARO**: Os 160 anos da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo do Riachão. Pará de Minas, MG: Virtual-Books Editora, 2014. 160 p.

SANTANA, Josineide Siqueira. **UMA ESCOLA PARA MENINAS ÓRFÃS E DESVALIDAS EM SÃO CRISTÓVÃO-SE NO INÍCIO DO SÉCULO XX**. Universidade Federal de Sergipe – UFS/SEED.

SOUZA FILHO, Florival José de. **CANDOMBLÉ NA CIDADE DE ARACAJU**: Território, Espaço Urbano e Poder Público. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2013.

SITES

ALVES, Ronaldo. **Um breve histórico da evolução urbana de Aracaju**. Artigo publicado no site http://www.jornaldodiase.com.br/noticias_ler.php?id=5025, dia 22/03/2013, consultado dia 11/12/17, às 16hs37.

REVISTA COMEMORATIVA

Fazendo a Vida Crescer, 50 anos: Irmãs Ministras dos Enfermos de São Camilo. Oratório Festivo “São João Bosco”. 1952-2002. Aracaju – Sergipe – Brasil

Tiragem	500 exemplares
Formato	15x21cm
Tipologia	Aldo 18pt, 15pt, 13pt Anabelle Script 15pý Arial 8pt Cambria 11,5pt, 10pt
Papel	Off-set 75g/m ² (miolo) Cartão Triplex 250g/m ² (capa)